Andrews University

Digital Commons @ Andrews University

Professional Dissertations DMin

Graduate Research

2004

Programa de Crescimento da Igreja Para o Território da União Sul-Brasileira

Jose Santos Filho
Andrews University

Follow this and additional works at: <https://digitalcommons.andrews.edu/dmin>

Part of the [Practical Theology Commons](#)

Recommended Citation

Filho, Jose Santos, "Programa de Crescimento da Igreja Para o Território da União Sul-Brasileira" (2004).
Professional Dissertations DMin. 592.

<https://dx.doi.org/10.32597/dmin/592>

<https://digitalcommons.andrews.edu/dmin/592>

This Project Report is brought to you for free and open access by the Graduate Research at Digital Commons @ Andrews University. It has been accepted for inclusion in Professional Dissertations DMin by an authorized administrator of Digital Commons @ Andrews University. For more information, please contact repository@andrews.edu.

ABSTRACT

CHURCH GROWTH PROGRAM FOR THE
SOUTH BRAZIL UNION

by

José Santos Filho

Adviser: Ricardo Norton

ABSTRACT OF GRADUATE STUDENT RESEARCH

Dissertation

Andrews University

Seventh-day Adventist Theological Seminary

Title: CHURCH GROWTH PROGRAM FOR THE SOUTH BRAZIL UNION

Name of researcher: José Santos Filho

Name and degree of faculty adviser: Ricardo Norton, D.Min.

Date completed: April 2004

Problem

The Seventh-day Adventist Church in the South Brazil Union territory (SBU) has become known for its quantitative growth. However, as one analyzes the population size of that region, the conclusion is that much more still needs to be done. Studies made by Christian Schwarz in several countries indicate that the number and quality of members may increase provided that certain biblical principles of church growth are implemented.

Method

The research was done through extensive analysis of previous studies regarding church growth. Biblical perspectives, as well as existent literature on the development of churches, lay ministry, pastoral leadership, training, and strategic plans were considered.

A church growth program was then elaborated to contribute specifically to the church development in the territory of the South Brazil Union.

Result

Church development in the South Brazil Union is a great challenge. Our times and circumstances call for the definition of the objectives by which many congregations are doing their work and making the needed changes. There is need for a clear understanding of the role of the spiritual leader as a planner and trainer. Pastors cannot fulfill the mission by themselves, but the church is an integral body, where each member has privileges as well as responsibilities to use of their talents for ministry. The laity needs to be motivated and equipped in the identification and development of their individual spiritual gifts because an effective pastoral ministry demands the entire laity's involvement in ministry, according to their gifts.

This program was developed as a result of analysis of studies on church development from different perspectives. These studies included the biblical perspective, the review of existent literature, as well as field surveys within the SBU territory. It is divided into two parts: the first involves theology and the fundamental principles of church growth. The second part describes the establishment and management of the program, together with the committees responsible for implementation and administration, worship, evangelism, and service to the community.

The Church, established by Jesus, is called by God to be something very special: His presence in the community. However, each church in the SBU is supposed to determine the way by which to demonstrate such a presence. Therefore, this program was

intended to help in the mobilization of the laity in different manners in the hope that it can, under a strong pastoral leadership, create an appropriate environment for the healthy growth, both vertically (toward God) and horizontally (toward people).

RESUMO

PROGRAMA DE CRESCIMENTO DA IGREJA PARA O TERRITÓRIO DA UNIÃO SUL-BRASILEIRA

por

José Santos Filho

Orientador docente: Ricardo Norton

RESUMO DE TESE DOUTORAL

Andrews University

Seventh-day Adventist Theological Seminary

Título: PROGRAMA DE CRESCIMENTO DA IGREJA PARA
O TERRITÓRIO DA UNIÃO SUL-BRASILEIRA

Nome do pesquisador: José Santos Filho

Nome e grau do orientador docente: Ricardo Norton, D.Min.

Data completada: Abril 2004

Problema

Nos últimos anos, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, no território da União Sul-Brasileira (USB), tem se destacado pelo seu crescimento numérico. Entretanto, ao analisar o tamanho da população correspondente a esta região, muito ainda necessita ser feito. Estudos anteriores, principalmente os realizados por Christian Schwarz em diversos países, indicam que, se houver implementação de certos princípios bíblicos universais de crescimento da igreja, o número e a qualidade dos membros podem aumentar.

Método

Foram feitas várias pesquisas sobre crescimento de igreja, especialmente a partir da perspectiva bíblica, da literatura e de estudos existentes acerca de desenvolvimento de

igreja, do ministério do laicato, da liderança pastoral, de treinamento e de planejamentos estratégicos. Um programa de crescimento de igreja foi então elaborado com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento da igreja no território da União Sul-Brasileira.

Resultado

O desenvolvimento integral da igreja na USB é um grande desafio. Tempos e circunstâncias convidam a definir os objetivos e fazer mudanças na maneira como muitas congregações estão desenvolvendo o trabalho. Há necessidade de um claro entendimento da função de um líder espiritual como planejador e treinador. Os pastores não podem realizar a missão sozinhos. A igreja é um corpo dotado, onde cada membro tem privilégios e responsabilidades no uso dos seus talentos em prol do ministério. Os membros precisam ser motivados, equipados e ajudados a identificar e desenvolver seus dons espirituais. Um ministério pastoral efetivo demanda total envolvimento dos leigos, de acordo com os seus dons, no ministério da igreja.

Este programa, elaborado como resultado de análise dos estudos sobre desenvolvimento da igreja a partir de diferentes perspectivas, se divide em duas partes: a primeira envolve a teologia e os princípios básicos de crescimento da igreja, e a segunda é a fase de implantação e administração do programa. Esta última trata do estudo de campo, preparo para crescer, conselho de implantação e administração, adoração, evangelismo e serviço à comunidade.

A igreja, fundada por Jesus, é chamada por Deus para ser algo muito especial: Sua presença na comunidade. Todavia, cada igreja na USB deve determinar a maneira pela qual demonstrá-la. Assim, este programa foi intencionado a ajudar na mobilização dos

leigos em diversas maneiras na esperança de que ele pode, sob forte liderança pastoral, criar um clima apropriado para o crescimento saudável vertical (Deus) e horizontal (pessoas).

Andrews University

Seventh-day Adventist Theological Seminary

PROGRAMA DE CRESCIMENTO DA IGREJA PARA
O TERRITÓRIO DA UNIÃO SUL-BRASILEIRA

Uma tese

apresentada em cumprimento parcial

dos requisitos para o grau de

Doutor em Ministério

por

José Santos Filho

Abril 2004

PROGRAMA DE CRESCIMENTO DA IGREJA PARA
O TERRITÓRIO DA UNIÃO SUL-BRASILEIRA

Uma tese
apresentada em cumprimento parcial
dos requisitos para o grau de
Doutor em Ministério

por

José Santos Filho

APROVADO POR:

Orientador:
Ricardo Norton

Diretor, Doutorado em Ministério,
Skip Bell

Atilio R. Dupertuis

Deão do SDA Theological Seminary,
John Mc Vay

Werner Vyhmeister

Data da Aprovação

Para minha querida (Fô) esposa Solange R. Santos,
e minha princesa Lindsey de O. Santos,
pelo amor e compreensão.

SUMÁRIO

Capítulo

I. INTRODUÇÃO	1
Declaração do problema	2
Propósito	3
Justificativa da tese	4
Glossário	4
Visão sobre a tese	5
II. FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DO CRESCIMENTO DA IGREJA . . .	7
Deus deseja que Sua igreja cresça	8
O chamado à nação de Israel	9
O chamado a outras nações	10
A natureza da igreja	11
O propósito da igreja	12
A expansão da igreja	15
Dotada para crescer	18
Iniciativa na realização da missão	18
Tipos bíblicos de crescimento da igreja	20
Crescimento numérico	20
Crescimento espiritual	22
Crescimento corporal	25
Crescimento geográfico	27
Aculturação e o crescimento da igreja	29
A contextualização do evangelho	29
Unidade homogênea	30
Unidade em Cristo	31
O crescimento da igreja é um processo divino-humano	34
O trabalho do Espírito Santo	36
O trabalho humano	38
A pregação da palavra	39
O testemunho pessoal	40

III. PRINCÍPIOS BÁSICOS DE CRESCIMENTO DA IGREJA	43
Crescimento integral	43
Amor fraternal	44
Sociabilidade	45
Espiritualidade contagiante	49
Liderança ousada e capacitadora	53
Forte liderança pastoral	55
O poder da visão	60
Planejamento estratégico	61
Treinando de acordo com os dons espirituais	64
Academia permanente de treinamento	69
Adoração conectiva	71
Cultos inspiradores	72
Função sacerdotal e profética dos membros	73
Liturgia: um serviço alegre e reverente	74
Pequenos grupos	76
Testemunho	80
Oração	81
Vivendo a Bíblia	82
O que os grupos não são	82
Atração e atenção às visitas	84
Publicidade	85
Recepção	86
Contatos posteriores	87
IV. PROPOSTA DE CRESCIMENTO DA IGREJA PARA A USB	89
Investindo no crescimento da igreja	91
O custo do comprometimento	92
O custo de tornar-se biblicamente instruído	93
O custo da aceitação de mudanças	93
O custo da evangelização	94
O custo do risco	95
O custo da assimilação de novos membros	95
O custo do perdão	96
Estudo de campo	98
Pesquisa	98
Duração da pesquisa	100
Análise da pesquisa	100
Preparação para o crescimento	103
Serviço genuíno	104
Desejo de crescer	106
Compromisso com o crescimento	107

Conselhos sobre administração	108
Comissão de implantação e administração	110
Descobrimo as necessidades	112
Avaliando as necessidades	115
Administrando os ministérios da igreja	116
Escolhendo os líderes dos ministérios	120
Conselhos sobre adoração	122
Equipe de adoração	126
Música e adoração	127
Doação e adoração	130
Incentivando a adoração no lar	131
Conselhos sobre evangelismo	132
Evangelização orientada para as necessidades	134
Organizando-se para o evangelismo	135
Treinando evangelistas	138
Apoiando o evangelismo	139
Atividades evangelizadoras na comunidade	140
Assimilando os frutos do evangelismo	143
Serviço à comunidade	146
Aproveitando as oportunidades	147
Comissão de serviço à comunidade	148
Envolvendo-se com a comunidade	148
Igreja aberta	150
 V. SUMÁRIO, CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	 153
Sumário	153
Conclusões	155
Recomendações	156
 Apêndice	
QUESTIONÁRIO PARA O PASTOR E COOPERADORES	159
 BIBLIOGRAFIA	 167
 CURRICULUM VITAE	 172

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Quando as palavras “crescimento de igreja” são mencionadas, algumas pessoas tendem a pensar somente em termos de números e tamanho. Outras pensam imediatamente na melhoria da qualidade espiritual dos membros. Diante disso, este estudo não está preocupado simplesmente com a ênfase metodológica, mas acima de tudo com a elaboração de um programa baseado em princípios bíblicos de crescimento da igreja. Métodos específicos podem variar sua efetividade em contextos diferentes, mas princípios bíblicos de crescimento se adaptam a qualquer igreja sem consideração de tamanho, localidade, cultura ou tempo.

Rick Warren, em seu livro *The Purpose Driven Church*, diz: “Eu acredito que o assunto-chave para a igreja no século 21 vai ser *igreja saudável* e não crescimento de igreja. Focalizar somente o crescimento significa perder o ponto. Quando as congregações são saudáveis, elas crescem à maneira que Deus desejou. Igrejas saudáveis não precisam utilizar enganos para crescer; elas crescem naturalmente.”¹

As metas são importantes. Elas são necessárias para ajudar no planejamento, direção, motivação e avaliação. No entanto, a igreja deve dirigir suas metas e não ser

¹Rick Warren, *The Purpose Driven Church* (Grand Rapids: Zondervan, 1995), 17.

dirigida por elas. Quando isso acontece, a vida da igreja pode se tornar humanística e secularizada. Isso coloca os membros em perigo de usar abordagens não-bíblicas e mesmo não-éticas para ganhar números e dinheiro. A igreja é o corpo de Cristo funcionando sob a liderança dEle. Um corpo saudável, preenchido com a vida de Cristo, vai naturalmente permitir Jesus viver Sua vida dentro e através dele, e isto se dá pelo focalizar a missão em alcançar e discipular pessoas. Esta é a ênfase principal desta tese.

Este programa pode ser uma ferramenta útil no processo de mobilizar a igreja local a seguir os princípios do Novo Testamento, ao desenvolver suas próprias estratégias e plano de ação, com o intuito de ser uma congregação saudável e alcançar a comunidade para Cristo. Ele foi preparado para pastores e líderes da Igreja Adventista na União Sul-Brasileira (USB), com o objetivo de apoiar na preparação do plano estratégico evangelístico e de crescimento.

A USB enfrenta um grande desafio, que está relacionado com a necessidade de uma forte liderança pastoral e inclui equipar, motivar, planejar e orientar os membros para o ministério de acordo com os seus dons, talentos e habilidades.¹

Declaração do problema

A União Sul é uma das cinco Uniões da Igreja Adventista do Sétimo dia que cobrem o grande território brasileiro. O Brasil é um país de tamanho continental: 8.514.876,599 km², habitado por cerca de 178 milhões de pessoas, das quais 27.185.616 habitam os três Estados do Sul que, juntamente com o Estado do Mato Grosso do Sul,

¹Necessidade demonstrada em entrevistas com os presidentes dos campos da USB e documentada com mais detalhes, incluindo os nomes dos entrevistados, na página 99.

formam o território da União Sul Brasileira.¹ Atualmente, a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) no Brasil possui 1.068.507 membros,² sendo 147.455 no território da USB.³ Sem dúvida, trata-se de um grande desenvolvimento da igreja no sul do país. No entanto, se for feita uma análise comparativa, utilizando-se os números, chega-se à conclusão de que a IASD tem um grande desafio pela frente, mas possui também um grande potencial de crescimento. Os estudos internacionais realizados por Christian Schwarz conseguiram comprovadamente descobrir princípios universais que funcionam em todos os continentes. Quando eles são implantados juntamente com as condições e qualidades necessárias, a igreja cresce integralmente.⁴

Propósito

O propósito deste trabalho foi desenvolver um programa que pudesse fornecer subsídios aos pastores e líderes na implementação das melhores estratégias para alcançar o objetivo do crescimento saudável. Estratégias definem a direção e criam uma mentalidade orientada a alcançar as pessoas, equipar e observar o crescimento acontecer naturalmente. Esta tese se propõe a ser um programa de crescimento da igreja e, ao mesmo tempo, uma ferramenta capaz de auxiliar pastores a desenvolver uma forte liderança.

¹Dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), censo demográfico 2000.

²Dados de 2002, fornecidos pela Divisão Sul-Americana da IASD.

³Dados de 2002, fornecidos pela União Sul-Brasileira da IASD.

⁴Christian Schwarz, *O desenvolvimento natural da igreja* (Curitiba: Esperança, 1996), 6-16.

Justificativa da tese

A USB se depara com um grande desafio: preparar a igreja para ter uma mentalidade de crescimento evangelístico, intencional, permeando cada departamento da igreja e, ao mesmo tempo, capacitá-la a crescer e alcançar pessoas para Deus em uma seara tão grande.

Por muito tempo a ênfase tem sido sobre o que o pastor necessita fazer, mas muito pouco sobre como fazer. Praticamente nada tem sido dito em relação à necessidade de implementar um plano estratégico de crescimento que possa mobilizar a igreja a enfrentar os desafios do século 21.

Outra grande necessidade é o entendimento claro do papel do ministério leigo, sob a luz do sacerdócio universal de todos os crentes e dos dons espirituais, no desenvolvimento da igreja. Atualmente, há uma abertura para explorar e aprender nesta área. Presidentes de associações e pastores distritais têm expressado interesse em um programa designado a planejar e equipar os leigos para o ministério na USB.

Glossário

Igreja: Embora a intenção original tenha sido referir-se à “igreja” como sendo a Igreja Adventista do Sétimo Dia, muitas vezes a palavra é usada para referir-se à igreja cristã como um todo.

Crentes: Enquanto o termo pode corretamente ser aplicado a todos os que reivindicam crer em Cristo, nesta tese a referência é geralmente para membros da IASD.

Ministério leigo, líderes leigos, pessoas leigas: Estes termos designam aqueles

membros da igreja que não recebem salários para trabalhar na igreja; trabalham voluntariamente.

Ministério: Esta palavra se refere a todos os tipos de serviço ou ofício que edificam a igreja.

IASD: É a sigla do nome da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

USB: É a sigla que representa a União Sul-Brasileira da IASD, composta pelos três Estados que formam a região sul do Brasil juntamente com o Estado de Mato Grosso do Sul.

ADRA: Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais; órgão assistencial da IASD.

SISAC: É o Sistema Adventista de Comunicação, que engloba os meios de comunicação radiofônicos e televisivos Adventistas no Brasil.

ADSAT: Rede de televisão adventista por satélite que também faz parte do SISAC.

Rede Novo Tempo de Rádio: É uma rede de dezoito rádios adventistas que integram o SISAC.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; órgão do governo federal.

Visão sobre a tese

Quando retornar ao Brasil, o autor espera utilizar o conteúdo desta tese para prover uma valiosa contribuição aos pastores e líderes leigos na implantação e implementação do planejamento estratégico da igreja. O autor chegou à conclusão,

através da experiência pessoal, estudo da Bíblia, escritos de Ellen White, pesquisa de campo e investigação da literatura disponível, que a solução para os pastores da USB está relacionada com a necessidade de preparo pessoal em liderança, planejamento estratégico e relacionamento social.

A maior necessidade do nosso tempo não é econômica, tecnológica, social, política ou ecológica. Esta geração tem repetidamente tentado resolver os maiores problemas através de soluções seculares. A maior necessidade desta geração é que a igreja seja simplesmente igreja, pois, através do poder espiritual e da influência de uma igreja dinâmica, os problemas contemporâneos podem ser resolvidos.¹

O capítulo 2 contém os recursos para ajudar os pastores a entender os ensinamentos bíblicos sobre a teologia do crescimento da igreja. O capítulo 3 descreve os princípios básicos de crescimento a ser utilizados na USB. O capítulo 4 apresenta uma proposta de crescimento da igreja a ser implementada na USB, e facilmente adaptável a outras Uniões do Brasil. O capítulo 5 registra resumo, conclusões e recomendações.

¹Darrell W. Robinson, *Total Church Life: How to Be a First Century Church in a 21st Century World* (Nashville: Broadman & Holman, 1997), 9.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DO CRESCIMENTO DA IGREJA

Os escritores do crescimento da igreja têm consciência de que este movimento está embasado nas Escrituras e teologicamente fundamentado em uma tradição conservadora. O indivíduo que se dedica ao crescimento da igreja tem um total compromisso com as doutrinas da inspiração e autoridade da Bíblia, divindade de Cristo, pessoa e obra do Espírito Santo, centralidade da igreja, e totalidade da fé dada aos santos.¹

Portanto, a estrutura deste capítulo surge sistematicamente da idéia-chave de que, sob a guia do Espírito Santo, quando as Escrituras são pesquisadas, respostas claras e completas serão encontradas. Sendo assim, as preocupações fundamentais de toda a igreja devem ser levadas à Bíblia, como autoridade de fé e prática. E isto deve ser entendido e afirmado como básico.

Bill Hogue observou: “Quando existe habilidade para avaliar e aplicar princípios bíblicos, o crescimento da igreja é uma realidade. A autoridade bíblica é o fundamento sobre o qual está construída a teologia do crescimento da igreja”.² Assim, a Bíblia está estabelecida acima de outras fontes de pesquisa ou orientação. Ela é a mais segura

¹Juan Carlos Miranda, *Manual de crescimento da igreja* (São Paulo: Vida Nova, 1989), 13-14.

²C. B. Hogue, *I Want My Church to Grow* (Nashville: Broadman, 1977), 39-40.

proteção, e também o crítico mais cortante. Conseqüentemente, qualquer estudo de crescimento da igreja que não encontre seu foco em Deus e em Sua palavra inevitavelmente resultará em ênfases e conclusões distorcidas. Deus é o criador. No princípio, Deus criou o céu e a Terra e todas as suas hostes. Ele é o Deus da salvação, consumação, história e providência. NEle, o plano da redenção e propósitos eternos se encontram para formar um perfeito círculo. De igual modo, Deus atua na experiência humana. A vinda de Cristo à Terra, como homem, foi a principal intervenção divina na história humana. Ele tem atuado e vai continuar atuando nos eventos humanos. Em uma monografia apresentada à Comissão de Evangelismo e Missão da Aliança Batista Mundial, W. O. Thomason declarou a interação divina-humana, sucintamente, nos dois seguintes princípios:

1. Deus está sempre trabalhando, criativa e redentivamente, no curso da experiência humana. Fazendo assim, Deus revela a Si mesmo para o homem, oferecendo a oportunidade para uma nova, melhor e progressiva resposta à vida.
2. Os homens que respondem favoravelmente à revelação de Deus, entendendo o seu significado para a raça humana, saem para compartilhar a mensagem de salvação a todos os homens.¹

Evidentemente, compartilhar a mensagem de salvação é um ato de fidelidade a Deus. Somente por intermédio de cristãos movidos pelo amor e comprometidos em levar as novas de salvação, pode a igreja crescer.

Deus deseja que Sua igreja cresça

“Portanto, ide e fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai

¹Reginald M. McDonough, *Growing Ministers, Growing Churches* (Nashville: Convention, 1980), 11-12.

e do Filho e do Espírito Santo. Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado. E certamente estou convosco todos os dias, até a consumação do século” (Mt 28:19-20). Este registro de Mateus é uma evidência escriturística de que a igreja do primeiro século trabalhava no estrito cumprimento da grande comissão. Por meio desse exemplo, pode-se perceber a ligação entre o crescimento da igreja e o desejo de Deus em chamar pessoas que O amem e O sirvam.

Deus deseja trazer todas as coisas e todas as pessoas juntas em Cristo. Seu propósito é “fazer convergir em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra” (Ef 1:10). Assim, desde o princípio, o Senhor enfatiza que o crescimento da igreja é um propósito divino.

O chamado à nação de Israel

O propósito de Deus era que o ser humano fosse Sua companhia, mas, quando o pecou e atrapalhou essa comunhão, Deus tomou providências para formar um povo que pudesse ter valioso relacionamento com Ele.

Deus expressou o Seu propósito no chamado à nação de Israel para ser Seu povo: “Eu, o Senhor, te chamei em retidão; eu te tomarei pela mão. Eu te guardarei, e te darei por aliança do povo, e para luz dos gentios” (Is 42:6).

Os atos de redenção e de libertação de Israel foram propostas de um relacionamento renovado com o homem, uma extensão de sua promessa a Abraão de fazer dele uma grande nação. “Portanto, dize aos filhos de Israel: Eu Sou o Senhor, e vos tirarei de debaixo das cargas dos egípcios, livrar-vos-ei da sua servidão e vos resgatarei

com braço estendido e com grandes juízos. Eu vos tomarei por meu povo e serei vosso Deus. Então sabereis que Eu Sou o Senhor vosso Deus, que vos tiro de debaixo das cargas dos egípcios” (Êx 6:6-7). O propósito não estava limitado a Israel. Mas, através deles, Deus iria chamar outras nações, atraindo-os para Si mesmo. Em Isaías 56:7, o profeta diz: “A minha casa será chamada casa de oração para todos os povos”. Em certo sentido, eles fracassaram, mas não o plano de Deus. Nem o contínuo bairrismo do povo judeu nem sua rejeição final do Messias puderam obstruir o propósito divino.

O chamado a outras nações

“Pela sua transgressão veio a salvação aos gentios” (Rm 11:11b). Os gentios crentes foram feitos “co-herdeiros, membros do mesmo corpo e co-participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho” (Ef 3:6). E isto “segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor” (Ef 3:11). Noutra passagem-chave, Paulo diz a Tito que Jesus Cristo “se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade, e purificar para Si um povo todo Seu, zeloso de boas obras” (Tt 2:14).

A ação de Deus, em redimir o homem, ilustra o exemplo de iniciativa. Deus veio para o homem! “Mas a todos os que O receberam, àqueles que crêem no Seu nome, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, filhos nascidos não do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” (Jo 1:12-13).

Wendell Belew comenta, em relação à iniciativa de Deus:

Existem poucos pensamentos na Bíblia tão expressivos como este: O grande Deus procura por Sua criação. Isto começou com o homem perdido e o seu direito de escolher entre o bem e o mal. Deus quer o homem de volta para completar aquela perfeição que Ele começou e tem saudades. E igualmente, restaurar aquele glorioso

tempo, em que os dois, Deus e o homem, podiam conversar no agradável jardim do Éden.¹

Deus deseja reconciliar o mundo caído, o mundo do homem, consigo mesmo. “E tudo isto provém de Deus que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo, e nos deu o ministério da reconciliação, isto é, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens os seus pecados, e nos confiou a palavra da reconciliação” (2Co 5:18-19). MacGavran escreveu: “O próprio Deus deseja que multidões sejam reconciliadas consigo na igreja de Cristo. Além do mais, Deus ordena uma ardente busca aos perdidos a fim de encontrá-los.”²

A natureza da igreja

Quando o Senhor Jesus estava ministrando, Ele profetizou que edificaria Sua igreja e que as portas do inferno não prevaleceriam contra ela (Mt 16:16-18). Quando morreu na cruz, fez provisão a fim de que ela pudesse nascer e crescer (Ef 5:25). Agora que está no Céu, santifica e chama Sua igreja para fora, preparando-a para sua apresentação final (Ef 5:26, 27). Quando Ele voltar, a levará a fim de glorificá-la na presença do Pai (1Ts 4:13-18; Ef 5:25b-27).

Metáforas significativas descrevem a igreja em relação a Cristo. É Seu edifício: “edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo Ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular” (Ef 2:19-21). É Seu corpo espiritual: “a plenitude daquele que a tudo

¹M. Wendell Belew, *Churches, and How They Grow* (Nashville: Broadman, 1971), 29-30.

²Donald McGavran, *Compreendendo o crescimento da igreja* (São Paulo: Sepal, 2001), 60.

enche em todas as coisas” (Ef 1:23). É, por assim dizer, Sua noiva, o objeto do Seu amor e provisão (Ef 5:25-33).

A igreja, portanto, não é um pensamento tardio na mente de Deus. Ele a planejou na eternidade passada e a proveu na morte e ressurreição do Seu Filho (Ef 1:19-23). E o Filho preparou sua formação e seu desenvolvimento ao instruir Seus seguidores a respeito da missão e revesti-los do poder do Espírito (At 1:4-8). Isso mostra claramente a verdadeira natureza da igreja. Não é uma instituição humana; e, sendo assim, não se espera que elabore as suas próprias estratégias ou metas. Não é uma organização independente, existindo por meio da força dos seus números. Não é auto-suficiente, lutando sozinha contra as forças do inferno. Em vez disso, Paulo apresenta a igreja como um corpo chamado para um relacionamento especial com Deus e com o semelhante. “Portanto, como prisioneiro do Senhor, rogo-vos que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando guardar a unidade do Espírito no vínculo da paz” (Ef 4:1-3). A igreja não tem outro amigo como seu Senhor! Se os cristãos devem amar o que o seu Senhor ama, então devem amar a igreja.

O propósito da igreja

Na abertura dos capítulos de Efésios, Paulo dá diversas declarações concernentes ao propósito da igreja. É fundamental observar que não é meramente um propósito para algum tempo na eternidade, mas para o tempo presente, agora. “Pois nos elegeu nele

antes da fundação do mundo para sermos santos irrepreensíveis diante dele. Em amor” (Ef 1:4).

Isso demonstra que a grande preocupação de Deus não é o que a igreja faz, mas o que a igreja é. O ser deve preceder o fazer; os atos devem estar em harmonia com a vida do cristão. Os crentes somente serão um exemplo moral para o mundo se refletirem o caráter de Jesus. Pensando desta maneira, Paulo lembrou aos coríntios que eles eram lavoura e edifício de Deus (1Co 3:9). Pedro também usou esta figura: “Vós também, como pedras vivas, sois edificados como casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, aceitáveis a Deus por Jesus Cristo” (1Pe 2:5).

O primeiro capítulo de Efésios acrescenta um outro propósito da igreja: “nos predestinou para sermos filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito da sua vontade, para louvor e glória da sua graça, a qual nos deu gratuitamente no Amado” (vs. 5-6); “a fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que de antemão esperamos em Cristo” (v. 12). Estas declarações referem-se aos cristãos como tendo sido destinados e apontados para viver em louvor da glória de Jesus. Ray diz que “a primeira tarefa da igreja não é o bem-estar dos homens, embora seja um fator muito importante, mas o louvor e a glória de Deus”.¹

A glória de Deus é revelada por Ele mesmo com a intenção de mostrar como Ele é. Essa demonstração é a Sua glória. “Pois Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, é quem brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo” (2Co 4:6). Os homens podem ver a glória de Deus na face

¹Ray C. Stedman, *Body Life* (Glendale, CA: Regal, 1972), 14.

de Jesus através do Seu caráter e em todo o Seu ser. A Sua própria glória também é encontrada em Sua face. Isso está declarado novamente no primeiro capítulo de Efésios: “E sujeitou todas as coisas debaixo dos Seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu cabeça da igreja, que é o Seu corpo, a plenitude daquele que enche tudo em todos” (Ef 1:22-23).

O segredo da igreja é que Cristo vive nela; e a mensagem dela ao mundo é declará-Lo, falar sobre Ele. Paulo descreve este segredo novamente no segundo capítulo: “Assim já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo o próprio Cristo Jesus a principal pedra angular. E nele também vós juntamente sois edificados para morada de Deus no Espírito” (Ef 2:19-22).

Existe o santo mistério da igreja: ela é a morada de Deus. Em outras palavras, Ele vive no meio do Seu povo. Os cristãos receberam a incumbência de fazer visível o invisível Cristo. O apóstolo Paulo aponta o seu próprio ministério como um padrão cristão nestes termos: “e demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que a tudo criou. E foi assim para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nas regiões celestiais” (Ef 3:9-10). Resumindo, os crentes têm a suprema e dual responsabilidade de fazer conhecida a multiforme sabedoria de Deus aos homens e aos anjos.

De acordo com as declarações de Paulo, o chamado da igreja ficou perfeitamente claro: declarar nas palavras e demonstrar nas atitudes o caráter de Jesus. O crente

apresenta a realidade de uma nova vida ou vida transformada, resultante do encontro com a fonte da vida, Jesus, pela demonstração de uma vida destituída de egoísmo e cheia de amor.

A expansão da igreja

Em Mateus 28:19 e 20, Jesus apresenta Sua comissão à igreja: “ensinar, pregar e batizar”, verbos ligados entre si pelo imperativo “ir”. Portanto, para se cumprir o mandado de Jesus, é necessário que haja ação. Seu exemplo e ensinamento ordenam “ir.” Para tal propósito, o fator multiplicativo é absolutamente essencial. A igreja, no Novo Testamento, tomou este comando com seriedade. Os apóstolos entenderam sua missão e tinham clara percepção de suas responsabilidades. Saíram para anunciar as boas novas do evangelho, a vida nova que tinham encontrado em Cristo, movendo-se em grandes círculos “por Jerusalém como em toda a Judéia, Samaria, e até os confins da terra” (At 1:8).

Marcos informa, no final do seu Evangelho, que os apóstolos “partiram, e pregaram por toda parte, cooperando com eles o Senhor, e confirmando a sua palavra por meio dos sinais, que o acompanhavam” (Mc 16:20). Lucas também registra que “todos os dias, acrescentava o Senhor à igreja aqueles que iam sendo salvos” (At 2:47). Eles não podiam contar com as experiências de outras gerações, pois eram os primeiros, mas tinham o poder do Espírito Santo. “Eu plantei, Apolo regou, mas Deus deu o crescimento. Pelo que, nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que

dá o crescimento” (1Co 3:6-7). É bem provável que esta seja a principal razão de a igreja, no Novo Testamento, ter experimentado tamanho crescimento.

A igreja deve ser plantada em toda a Terra, entre todas as pessoas e comunidades, feita visível e audível em todos os lugares, até que cada pessoa tenha o privilégio de tornar-se familiarizado com o evangelho. Isso demanda um processo contínuo de multiplicação de igrejas. Todavia, não se pode perder de vista a relação entre realidade atual, tempo, lugar e multiplicação. Para se ter uma idéia mais clara sobre isto, basta observar que na Europa, segundo Peters, “existem 250.000 cidades e vilas sem nenhuma testemunha evangélica ou um centro de evangelização/igreja”.¹ Neste caso, multiplicação da igreja e testemunho vivo, em grupo, são absolutamente necessários.

O que falar de centenas de milhares de comunidades ao redor do mundo, para as quais nada tem sido preparado até agora? Podemos questionar honestamente o absoluto imperativo para o mais rápido processo de multiplicação de igrejas através do mundo? É justo ver uma comunidade americana de 6.000 pessoas ter vinte igrejas para freqüentar, enquanto na Índia uma comunidade de 250.000 pessoas não tem nenhuma?²

Sendo assim, o princípio de adição e multiplicação de congregações deve ser mantido em equilíbrio, se a igreja realmente deseja chegar à sua verdadeira dimensão descrita no Novo Testamento.

Uma igreja-mãe, que planta um número de igrejas filhas, não apenas demonstra preocupação e sabedoria, mas normalmente experimenta grandes bênçãos e enorme regozijo em virtude de tal multiplicação. Saúde espiritual e riquezas aumentam quando a

¹George W. Peters, *A Theology of Church Growth* (Grand Rapids: Zondervan, 1981), 194.

²Ibid.

igreja se multiplica. Uma igreja que não se multiplica é como uma figueira que não dá frutos.

A expansão da igreja não é deixada ao julgamento ou sentimentos humanos. Não deve ser dependente de um convite especial ou circunstâncias agradáveis. Nenhum poder humano tem o direito de legislar sobre esta matéria. Aqui, somente Jesus Cristo, a quem toda autoridade foi dada no Céu e na Terra, fala a palavra decisiva. Sua presença, através do Espírito Santo, é o poder e o conforto que impelem à ação.

Donald McGavran, apropriadamente, diz:

Entre outros desejos de Deus-em-Cristo, acima de qualquer outra coisa, Ele quer que pessoas perdidas sejam salvas, isto é, sejam reconciliadas com Ele. Admitindo de uma forma mais cordial que Deus tem outros propósitos, ainda assim devemos nos lembrar que nós servimos um Deus que encontra pessoas. Ele tem uma preocupação primordial de que homens e mulheres devam ser redimidos. Independentemente da maneira como definimos as palavras, o testemunho bíblico é claro a respeito de que as pessoas estão perdidas. O Deus que busca quer que estas pessoas sejam encontradas, isto é, que sejam trazidas a um relacionamento redentor com Jesus Cristo, no qual, batizadas em seu nome, tornem-se parte do Seu lar.¹

Crescimento da igreja não é necessariamente desenvolver uma organização para torná-la maior, nem tampouco expandi-la como outra instituição no mundo. Antes, o desígnio de Deus é que a igreja cresça trazendo pessoas do mundo para ter comunhão com Ele. Naturalmente, há muitas outras tarefas a serem realizadas, tanto individualmente como em comunidade. Mas poucos destes objetivos serão atingidos, a menos que os novos crentes estejam sendo acrescentados e as igrejas estejam crescendo à plenitude dAquele que é a sua Cabeça.

¹McGavran, *Compreendendo o crescimento da igreja*, 49.

Dotada para crescer

O evangelista John Havlik definiu a igreja como “a única instituição de Deus para a realização efetiva do evangelismo no mundo”.¹ Para tal propósito, a igreja tem recebido membros, dotados por Deus, com o intuito de atuarem em diversos ministérios e missões.

“Mas a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo. E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, tendo em vista o aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do ministério, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo: ...do qual todo o corpo bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o seu próprio aumento para edificação de si mesmo em amor” (Ef 4:7, 11-13,16). Deus mesmo constrói o corpo e, através do Espírito Santo, equipa-o para o Seu ministério (Rm 12:3-8; 1Co 12:1-11).

Conforme Paulo deixa claro, a igreja é um organismo vivo e dotada para o crescimento. No entanto, cada membro dotado deve ser enviado a buscar e salvar os perdidos. “Isto significa não um ganho pessoal, mas tornar-se servo por amor a Cristo”.²

Iniciativa na realização da missão

Na realização do propósito de Deus, a igreja deve tomar a iniciativa. Nenhuma outra organização, grupo ou corpo foi comissionada por Ele a realizar Sua missão. Ela deve orientar seus esforços unicamente no intuito de crescer; quando isto é aplicado, e o crescimento é percebido, a igreja começa a sentir o mover da vida ou o sentido do existir.

“O pastor de uma igreja batista semi-rural, a Pine Grove Baptist Church, em Pineville, Louisiana, deu, após sua igreja ter dobrado o número de membros em dois anos,

¹Hogue, 38.

²McGavran, *Compreendendo o crescimento da igreja*, 28.

o seguinte testemunho: ‘O maior motivo que levou nossa igreja tomar a decisão de crescer foi que tínhamos um trabalho para fazer e dissemos: nós devemos começar a crescer e fazer algo para o Senhor. Assim foi o começo’.”¹ Quando as igrejas crescem, através do chamado de homens para Cristo, dentro da comunidade e no trabalho nEle e para Ele, elas estão envolvidas na realização do propósito dEle.

Peters, usando citação de Elton Trublood, declara que a verdadeira igreja é como “Uma Companhia de Comprometidos”.² O bispo Lesslie Newbigin, em sua classe sobre a natureza da igreja, a intitula “A Casa do Senhor” e a discute sob os seguintes subtítulos: “A Congregação da Fé, O Corpo de Cristo, A Comunidade do Espírito Santo, Cristo em Você, A Esperança de Glória, A Todas as Nações”.³ Bill Hogue diz que “a igreja, ‘fonte de água viva’, foi incumbida por Deus a proclamar a Sua graça em virtude de ser um instrumento Seu”.⁴ Portanto, a missão primária da igreja é proclamar o evangelho de Jesus e reunir os crentes em igrejas locais, onde possam ser edificadas na fé e tornados eficazes no serviço.

O crescimento da igreja esclarece duas coisas altamente positivas e também combate outras duas que constituem a outra face da mesma moeda. A igreja respeita e estimula a individualidade única de cada um de seus membros, mas, por outro lado, deve combater o individualismo egoísta ou o personalismo próprio. Igualmente, a igreja

¹Belew, 29.

²Peters, 56.

³Ibid., 57.

⁴Hogue, 38.

promove e estimula o espírito de comunidade, de koinonia, de fraternidade, mas deve também evitar que ela mesma se transforme numa coletividade massificada, “sem caras”, onde as pessoas perdem sua individualidade própria. É por isso que pequenos grupos são valorizados.

Tipos bíblicos de crescimento da igreja

O processo de crescimento da igreja, como já foi abordado, começou na mente de Deus. Conseqüentemente, um estudo dos tipos bíblicos de crescimento apresentados no livro de Deus, a santa Bíblia, é fundamental.

Embora as Escrituras apresentem um número maior de tipos de crescimento, o autor selecionou quatro que são básicos e aplicáveis à realidade da USB. Eles são colocados juntos, um ao lado do outro. Deste modo, não se permite a idéia de considerá-los isoladamente.

Crescimento numérico

A Bíblia registra o desenvolvimento da igreja primitiva, e isto reflete uma situação jamais vista: “Os que de bom grado receberam a sua palavra foram batizados, e naquele dia agregaram-se quase três mil almas. ... Louvando a Deus, e caindo na graça de todo o povo. E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que iam sendo salvos” (At 2: 41, 47). O Senhor estava dando o crescimento como resultado eficaz das atividades individuais e coletivas da igreja. “A mão do Senhor era sobre eles, grande número creu e se converteu ao Senhor” (At 11:21). A hora da colheita, tão esperada, havia chegado. “E muita gente se uniu ao Senhor” (At 11:24). Waldo Werning, em seu

livro *Visão e estratégia para crescimento da igreja*, diz:

Muitos discípulos estavam produzindo: “De sorte que crescia a palavra de Deus, e em Jerusalém se multiplicava rapidamente o número dos discípulos, e grande parte dos sacerdotes obedecia à fé” (At 6:7). Líderes eram responsáveis por incentivar os Cristãos a proclamar a palavra de Deus e espalhar o evangelho. “E o que de mim, através de muitas testemunhas, ouvistes, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros” (2Tm 2:2).¹

Em pouco tempo, o corpo de Cristo era formado por cinco mil homens (At 4:4), ao qual uma multidão, homens e mulheres, foi acrescentada (5:14). Desde então, “o número dos discípulos se multiplicava rapidamente em Jerusalém, e grande parte dos sacerdotes obedecia a fé” (At 6:7). Em Samaria, aconteceu um grande reavivamento (8:5-25), visto também na Judéia e Galiléia (9:31) e entre os habitantes de Lídia, Saron e Jope (9:35,42).

Tiago, resumindo o resultado do crescimento da igreja, informa: “Bem vês, irmãos, quantos milhares de judeus há que crêem, e todos são zelosos da lei” (At 21:20). De igual modo, Atos 12:24 diz que “a palavra de Deus crescia e se multiplicava” (12:24). Desta maneira, o livro de Atos provê um registro claro do crescimento numérico da igreja entre os judeus.

McGavran, em seu comentário a respeito da importância de proclamar o evangelho e acompanhar o crescimento, introduz Ralph Winter, criador de uma fórmula para o cálculo das taxas de crescimento, e diz: “Esta fórmula é similar ao processo de computar os juros que incidem numa caderneta de poupança. Assim como os juros em contas de poupança ficam reinvestidos e rendem mais juros, também os novos convertidos podem

¹Waldo J. Werning, *Vision and Strategy for Church Growth* (Grand Rapids: Baker, 1983), 17.

ser dirigidos ao evangelismo eficaz através do qual novos membros são adicionados à igreja ”.¹ As igrejas que conseguem manter altas taxas anuais de crescimento numérico parecem cumprir a Grande Comissão do Senhor Jesus de modo mais eficaz do que as outras. Podemos concluir perfeitamente que o crescimento quantitativo é importante, principalmente levando em consideração os fatos apresentados no Novo Testamento.

Crescimento espiritual

Crescimento espiritual é essencial para um efetivo relacionamento com Jesus. Deste modo, Cristo convida todos os seus discípulos a se unir a Ele dentro de uma relação que produza crescimento espiritual. Este convite foi feito pela primeira vez a Simão e André (Mc 1:16-18). Eles foram chamados para ir com Jesus em uma vida que iria resultar em significativo crescimento espiritual. Em vez de estarem preocupados com o sucesso da pesca ou com a venda dos peixes, eles se tornaram preocupados com o sucesso em ajudar pessoas.

O sucesso de Simão e André pode ser medido na maneira em que eles manusearam três relacionamentos. Primeiro, eles cresceram no relacionamento com Jesus. Segui-Lo, inicialmente, exigiu confiança. Ficar com Ele, apesar de tudo o que aconteceu, requereu crescente confiança e produziu crescente entendimento. Segundo, cada um cresceu em relação a si mesmo. Seguindo o Mestre, eles aprenderam mais sobre seus valores pessoais, seus medos e habilidades para suportar quando discípulos dEle. Simão e André foram agraciados com a esperança de que poderiam tornar-se algo mais valioso do que

¹McGavran, *Compreendendo o crescimento da igreja*, 394.

realmente eram. Terceiro, os discípulos cresceram em relação a outras pessoas. Estavam aptos a se relacionar efetivamente com seus vizinhos, com as pessoas, no decurso da vida, e em toda circunstância social e econômica.

Os discípulos cresceram espiritualmente quando conseguiram conduzir pessoas a Jesus e guiá-las no caminho da vida dEle. A abundância da vida que Jesus havia prometido somente estaria à disposição deles se aceitassem o convite para o crescimento espiritual em todas as suas dimensões.

O subtítulo do livro *Celebration of Discipline* de Richard J. Foster sugere que a disciplina espiritual é o caminho para o crescimento espiritual. O primeiro capítulo inicia com um problema espiritual chamado “Superficialidade de nossa era” ou “Doutrina da satisfação instantânea”. O autor arrazoa que a necessidade desesperadora de hoje não é por um número maior de pessoas inteligentes ou dotadas, mas de pessoas profundas. Superficialidade pode resultar em indisponibilidade de pagar o preço pessoal requerido para o crescimento espiritual. Pelo fato de estar sempre começando, referindo-se ao mundo do crescimento espiritual, e tendo um mundo de potencial inexplorado ao redor, o ser humano estará sempre pagando o preço do aprendizado e crescimento.¹

A igreja primitiva viu aqueles que foram acrescentados crescendo na fé e compromisso com Cristo através do exercício da disciplina espiritual. “E perseveravam na doutrina dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão e nas orações” (At 2:42). Este tipo de crescimento vertical era exortado e esperado na igreja. “Portanto, assim como

¹Richard J. Foster, *Celebration of Discipline* (San Francisco: Harper & Row, 1978), 1.

recebestes Cristo Jesus, o Senhor, assim também andai nele, arraigados e edificados nEle, e confirmados na fé, assim como fostes ensinados, crescendo em ação de graças” (Cl 2:6-7). O amadurecimento dos crentes na fé, relacionamento vertical, é o princípio de todo crescimento. Como resultado de cristãos crescendo em Cristo, descrentes eram conduzidos aos pés do Salvador e reivindicados pela fé. Werning esclarece melhor este assunto:

Fé é o meio pelo qual acontece a salvação: isto é um assunto de vida ou morte. Deus salva o homem pela graça, através da fé; e isto é para ser proclamado constantemente pela igreja. Fé produz amor e purifica o coração (At 15:9). Fé do tamanho de um grão de mostarda moverá montanhas (Mt 17:20). Através da fé, herdamos promessas e subjugamos reinos (Hb 6: 12; 11:33). Fé triunfante acredita que Deus está trabalhando através de Sua igreja, e Sua palavra é alívio e poder surpreendentes. Fé crê que Deus não está limitado, usa pessoas simples para fazer coisas extraordinárias.¹

Cada seguidor de Jesus deve andar sobre a linha da tradição bíblica. Ela fluiu através de Abraão, Isaque, Jacó e os profetas, os quais, cheios de fé, revelaram a verdade do Deus altíssimo. O seguidor de Jesus não está livre para começar uma nova jornada. Ele não está livre para criar sua própria missão à parte das direções dadas pela tradição bíblica. Quem sou eu? Por que estou aqui? O que devo fazer aqui? São questões respondidas quando se observa Deus trabalhando na história. Assim, quando se encontram respostas para estas perguntas, o crente é incentivado a experimentar uma vida de adoração e temor a Deus que pode resultar em um trabalho de fé no serviço do Senhor.

¹Werning, 19-20.

Crescimento corporal

“Companheirismo” é freqüentemente utilizado para traduzir a palavra grega *koinonia*, a qual significa, literalmente, compartilhar. O termo está em íntima conexão com o pacto de relacionamento entre Deus e o Seu povo. Arnold Come escreveu que “os homens somente têm comunhão e comunidade entre si quando refletem a comunhão e comunidade com Deus”.¹ Este entendimento é o cerne do discernimento cristão em relação ao companheirismo. Jesus abordou esta dupla comunhão em Sua oração pelos Seus discípulos: “Eu lhes dei a glória que tu me deste, para que sejam um, como nós somos um: Eu neles, e tu em mim, para que sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste, e que os amaste como também a mim” (Jo 17:22-23).

A comunhão íntima entre Deus e o homem foi consolidada na promessa do Velho Concerto: “Eu serei contigo” (Êx 3:12), a qual expressa a presença de Deus entre o Seu povo e o acesso a Ele. O Novo Pacto entre Deus e o homem foi estabelecido numa nova e mais profunda dimensão, através da vida, morte e ressurreição de Cristo. O relacionamento do homem com Deus está agora baseado em Cristo e igualmente por Seu intermédio.

A experiência da comunhão não é meramente uma experiência individual, mas é vista na igreja como o corpo de Cristo. Companheirismo que expressa aceitação de diferenças, preocupações com as necessidades dos outros e amor para com indivíduos e corpo fazem com que a igreja seja melhor entendida e conseqüentemente vista como a imagem do corpo de Cristo. Paulo expressou esta imagem em sua carta aos Coríntios:

¹Arnold B. Come, *Agents of Reconciliation* (Philadelphia: Westminster, 1960), 41-42.

“Assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, formam um só corpo, assim é Cristo também” (1Co 12:12). O conceito da igreja como o corpo de Cristo implica em duas dimensões. Primeira, uma completa dependência de Jesus como a fonte da vida. Segunda, a unidade da igreja, a qual expressa ela mesma em amor interdependente e ajuda.

Nos escritos aos Colossenses, Paulo diz que Cristo “é a cabeça do corpo, a igreja; é o princípio, o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência” (Cl 1:18). Aqueles que confessam que Jesus é o Senhor estão conectados em Cristo assim como o corpo está conectado à cabeça. Sem este relacionamento, qualquer referência à unidade dentro do corpo perde significado. Reconciliação com Deus, por intermédio de Cristo, é o fundamento para a reconciliação entre os homens.

O propósito da união é construir um corpo de maneira completa e harmoniosa. O apóstolo Paulo diz: “Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. Do qual todo o corpo bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor” (Ef 4:15-16). A edificação é possível pela diversidade de contribuições individuais oferecidas por todos os membros. No entanto, a individualidade é sempre vista no contexto de comunidade. Os crentes cresciam no corpo de Cristo e na comunhão entre si. Através desse crescimento horizontal, o próprio corpo se tornava mais apto a fazer o seu trabalho.

A igreja é feita de pessoas. Elas são as pessoas de Deus. Como ovelhas que seguem um pastor, seguem a Jesus. Elas são cidadãs e sacerdotes do Seu reino. Servem a

Ele e aos seus seguidores em nome dEle. Essas pessoas são ativas, funcionando como membros de um corpo, e dotadas de diferentes maneiras para juntas completar a missão de Deus na terra.¹

A citação acima reflete uma igreja dinâmica, ativa e relacionada com Deus. O corpo de Cristo é um organismo vivo e em crescimento. Ele é o líder maior; e quando os membros estão em profunda ligação com Ele, trabalham de maneira harmoniosa.

Crescimento geográfico

“Assim, as igrejas em toda a Judéia, Galiléia e Samaria tinham paz. Eram fortalecidas e, edificadas pelo Espírito Santo, se multiplicavam, andando no temor do Senhor” (At 9:31). Lucas continua o registro dizendo que mais crentes estavam se congregando, ficando juntos. “De sorte que as igrejas eram fortalecidas na fé, e cada dia cresciam em número” (At 16:5). E “os gentios, ouvindo isto, alegraram-se, e glorificavam a palavra do Senhor; e creram todos que haviam sido destinados para a vida eterna. A palavra do Senhor se divulgava por toda aquela região” (At 13:48-49). O livro de Atos, primeiro a registrar esta expansão, também apresenta o crescimento da igreja além da Palestina: Antioquia da Pisídia (13:43-44, 48-49); Derbe (14:20-21), Galácia (16:5), Tessalônica (17:4), Beréia (17:12), Corinto (18:8-11) e Roma (28:24, 30-31). “Todos que habitavam na Ásia ouviram a palavra do Senhor Jesus, tanto judeus como gregos”

¹Kent R. Hunter, *Foundations for Church Growth* (New Haven: Leader, 1983), 53.

(19:10). Certamente, estas declarações são suficientes para confirmar o crescimento geográfico da igreja, mas outras ainda serão abordadas.

Peter Wagner comenta:

Plantar igrejas é a maneira Neotestamentária de expansão do evangelho. Se traçarmos a expansão da igreja por Jerusalém, Judéia, Samaria e até os confins da terra, verificaremos que os plantadores de igrejas abriram o caminho. Esta é uma atividade do reino fortemente endossada por Deus, nosso rei. Coletivamente, como comunidade do reino, podemos raramente sentir que obedecemos a Deus se falharmos em plantar igrejas e de uma maneira intencional e agressiva.¹

Wagner ainda continua:

Há um imperativo bíblico que confirma a necessidade de novas igrejas. Quando os apóstolos e evangelistas se mudavam para fronteiras não evangelizadas, eles plantavam novas igrejas. O apóstolo Paulo declarou: “Esforçando-me deste modo por pregar o evangelho, não onde Cristo já fora anunciado, para não edificar sobre fundamento alheio” (Rm 15:20). Paulo ia a território novo. E o que fazia? Plantava igrejas.²

Paulo, o apóstolo aos gentios, também contribuiu com os relatos da expansão geográfica da igreja. “De modo que desde Jerusalém e arredores, até ao Ilírico, tenho pregado o evangelho de Cristo” (Rm 15:19); “Mas agora, que não tenho mais demora nestas regiões...quando partir para a Espanha irei ter convosco” (Rm 15:23-24).

O crescimento nas Escrituras, de acordo com o material apresentado, tem quatro dimensões: numérica, espiritual, corporal e geográfica. Crescimento qualitativo é requisito e responsabilidade de cada crente. Quantidade e qualidade não estão em pólos opostos, mas complementam-se; são efeitos da mesma causa e necessitam um do outro.

¹C. Peter Wagner, *Plantar igrejas para a grande colheita* (São Paulo: Abba, 1993), 20.

²Ibid., 21.

Contudo, o crescimento da igreja aponta para a Bíblia, com a finalidade de determinar o critério para crescer.

Aculturação e o crescimento da igreja

A comunicação efetiva do evangelho não depende somente do entendimento do conteúdo da mensagem, mas também da habilidade para transmitir dentro de um contexto cultural. Muitos comunicadores Cristãos não têm tido sensibilidade suficiente para o fato de que a mensagem recebida pode diferir substancialmente daquilo que eles tiveram a intenção de apresentar. Michael Green recomenda: “Evangelismo nunca é proclamado em um vácuo, mas sempre para pessoas, e a mensagem deve ser dada em termos que possam fazer sentido para eles.”¹

Comunicação “não inclui somente a linguagem, mas todo o sistema de símbolos, tal como o uso do tempo, espaço, gestos, rituais e outros”.² Todos devem ser utilizados de maneira culturalmente determinada. Conseqüentemente, torna-se imprescindível que haja um melhor entendimento em relação ao impacto e espaço cultural, para se ter o mais alto nível de habilidade na comunicação.

A contextualização do evangelho

O evangelho de Jesus foi originalmente propagado dentro de uma cultura antiga muito diferente da cultura ocidental do século 21. Portanto, no processo de comunicação,

¹Michael Green, *Evangelism in the Early Church* (London: Hodder and Stoughton, 1970), 115.

²Paul G. Hiebert, *Cultural Anthropology* (Philadelphia: J. B. Lippincott, 1979), 121.

o primeiro passo é ver a mensagem no seu contexto original com a finalidade de discernir as verdades eternas que Deus estava procurando comunicar. Como segundo passo, as verdades eternas têm de ser aplicadas, dentro de uma situação contemporânea, de tal maneira que possam fazer o ouvinte sentir a força do impacto original, sem, entretanto, diluir ou distorcer a mensagem.

A igreja primitiva buscou testemunhar as verdades eternas de Jesus e ministrar Seus ensinamentos (“todas as coisas que vos tenho ordenado”) ciente das diferenças sociais, raciais, culturais e da necessidade de contemporizar. Esse evangelho, conseqüentemente, desafiou as hipóteses e estruturas daquele mundo. Uma das hipóteses seculares era a de que existem divisões naturais que não podem ser superadas. No entanto, o evangelho desafiou e ainda desafia a estrutura de diferenças e preconceitos existentes no mundo. A igreja primitiva cria e pregava que “em Cristo todos somos um”. Na vida diária da igreja, isto encontrava expressão nas várias maneiras de os cristãos verem as pessoas. Eles testemunhavam que Cristo não admite aceitação de pessoas, e nem divisões em termos de raça, sexo, idade, situação econômica, educacional, religiosa e de linguagem. A crença nesse evangelho fez a igreja crescer, superando assim todas as barreiras culturais e étnicas.

Unidade homogênea

No movimento de crescimento da igreja, há um enfoque especial na assim chamada “unidade homogênea”.¹ Este termo pode causar controvérsia. Ele está baseado nos dados sólidos da ciência social, e se refere a um grupo de pessoas que formam uma unidade

¹Donald McGavran, *Understanding Church Growth* (Grand Rapids: Eerdmans, 1970), 85-87.

coesa por causa de um denominador comum, tal como os antepassados, o idioma ou estilo de vida. Famílias nucleares e estendidas, clãs e castas, grupos étnicos e lingüísticos, todos podem ser classificados como unidades homogêneas. Tais unidades ou agrupamentos de pessoas gostam de tomar decisões, trabalhar, divertir-se e adorar juntos.¹

Sendo este o caso, Donald McGavran acredita que “as igrejas devem ser plantadas focalizando-se nas tribos, castas e grupos lingüísticos, embora semelhante política pareça estar em conflito com o princípio bíblico de que os cristãos de todas as línguas, classes e cores são um só em Cristo”.² Roger Greenway, concordando com McGavran, diz que isso acontece até mesmo nas grandes cidades do mundo:

As cidades são “cadinhos”, mas este aspecto da vida urbana não deve ser superestimado. Por baixo da superfície ainda há muitas diferenças. Boa parte da solidão e da frustração que os imigrantes rurais-urbanos experimentam origina-se na sua incapacidade de comunicar-se livremente na língua oficial e no aspecto estranho de boa parte da cultura urbana. Cultos religiosos na sua própria língua ou dialeto os atraem, e sermões e hinos que conseguem entender acabam chegando aos seus corações. À medida que as distinções entre as tribos e as castas se desfazem no decurso do tempo, a mudança poderá ser feita das congregações étnicas para as igrejas de “todos os povos”. Mas, até que chegue este tempo, é melhor reconhecer e aceitar a heterogeneidade cultural da cidade e passar a multiplicar tantas igrejas por tribos, castas e línguas quanto possível, até que todas as partes da comunidade urbana tenham sido levedadas pelo evangelho.³

Unidade em Cristo

O crescimento de igreja pode aproximar indivíduos, levando em conta as bases de

¹David J. Hesselgrave, *Plantar igrejas* (São Paulo: Vida Nova, 1995), 199-200.

²MacGavran, *Understanding Church Growth*, 289-291.

³Roger S. Greenway, *Guidelines for Urban Church Planting* (Grand Rapids: Baker, 1976), 16-17.

suas singularidades, mas, ao mesmo tempo, sempre afirmando que estas são superadas em Cristo. Em um mundo minuciosamente dividido por uma variedade de barreiras e estruturas, o crescimento de igreja redime e une, reconciliando as pessoas com Deus, umas com as outras e criando uma nova comunidade, o Reino de Deus.

O Dr. Belew observou que novas igrejas frequentemente encontram um começo fácil quando estabelecidas dentro de uma base comum de pessoas que têm o mesmo lugar de origem cultural. Embora possa ser um bem valioso no começo, mais tarde pode tornar-se um problema se a igreja não romper seu isolamento cultural e transmitir uma mensagem significativa de redenção num mundo marcado por uma complexa diversidade cultural. Com o intuito de crescer, a igreja deve se engajar em quebrar barreiras, em vez de levantá-las.¹

Deste modo, o crescimento da igreja opera com a percepção dessas diferenças e pode preparar estratégias de evangelismo e missão sob a luz do contexto delas. Porém, a igreja vai além disto, com o objetivo de proclamar o evangelho como igualmente relevante e apropriado para cada indivíduo em cada grupo. Observa-se no evangelho uma nova visão, um povo unido em Cristo Jesus. Aqueles que o recebem encontram a salvação, vida e missão nEle. “Este veio como testemunha para testificar a respeito da luz, a fim de que todos cressem por meio dele. Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 1:7; 3:16). Não é somente claro que Cristo veio igualmente para todos os

¹Belew, 39-40.

homens, mas que todos os homens, sem consideração de aparência exterior, estão unidos nEle.

A Sra. White escreveu, em relação a este assunto: “Ele não reconhece raças.

Coloca Seu sinete sobre os homens, não por sua categoria, não pela riqueza, não pela grandeza intelectual, mas por sua unidade com Cristo.”¹ Em outra citação, ela diz:

A luz que resplandece do trono de Deus sobre a cruz do Calvário põe definitivo termo às separações de feitura humana entre classes e raças. Homens de todas as categorias sociais se tornam membros de uma família, filhos do celeste Rei, não por meio de poder terreno, mas mediante o amor de Deus que deu Jesus para uma vida de pobreza, aflição, humilhações e uma morte de vergonha e angústia, a fim de que Ele pudesse trazer muitos filhos e filhas à glória.²

Paulo ilustrou esta unidade entre judeus e gentios: “Pois Ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um, e destruiu a parede de separação, a barreira de inimizade que estava no meio, desfazendo na sua carne a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças, para criar em si mesmo dos dois um novo homem, fazendo a paz, e pela cruz reconciliar ambos com Deus em um só corpo, matando com ele a inimizade” (Ef 2:14-16). O apóstolo estendeu esta unidade aos Gálatas: “todos vós sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus, pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo. Desta forma, não há judeu nem grego, não há servo nem livre, não há macho nem fêmea, pois todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3:26-28).

As igrejas devem estar à altura do padrão do Novo Testamento. Por isso, desde o

¹Ellen G. White, *Nossa alta vocação* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1962), 178.

²Ellen G. White, *Para conhecê-lo* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1965), 103.

início, os líderes e os crentes devem orar e planejar em prol dos relacionamentos pessoais, calorosos, e de um alto grau de integração. Os crentes estão destinados a glorificar a Deus e a promover a causa de Cristo. Acima de todos os outros grupos, devem evidenciar uma comunidade unida em torno de uma causa em comum.

O crescimento da igreja é um processo divino-humano

As ênfases sobre o crescimento da igreja têm conduzido a novas considerações do ponto de vista bíblico de ensinamento, o qual deve ser resolvido com cada nova geração de cristãos. Isso está relacionado com as atividades de Deus e os esforços humanos em relação ao evangelismo. A questão é: pode-se confiar em um Deus soberano na realização do Seu propósito no mundo? A atitude é: se Deus anela realmente Se reconciliar com o homem, fará o que for necessário para alcançar o Seu objetivo. Esta idéia é uma visão parcial da missão e compromisso com o crescimento da igreja.

Vozes dentro da igreja, hoje, têm sugerido que Deus trará as pessoas que Ele desejar. Por outro lado, existem aqueles que, aparentemente, se sentem sozinhos na tarefa de reconciliar o mundo com Deus. Eles parecem sentir total responsabilidade em salvar os perdidos. A Bíblia não ensina nenhuma destas visões extremas. Mas, apropriadamente, apresenta que o crescimento da igreja e a realização do propósito de Deus são resultados da união, ou seja, serviço mútuo entre Deus e o homem. Deus utiliza instrumentos humanos para fazer o Seu trabalho. A igreja, corpo de Cristo, indica esta união. Jesus a criou e é o seu líder, mas a igreja consiste de pessoas. Crescimento ocorre quando Deus e o homem trabalham juntos.

As declarações a seguir colocam a seqüência em uma apropriada perspectiva. Crescimento de igreja é um processo divino-humano, não humano-divino. Deus inicia o processo e oferece ao homem a oportunidade de participar. Deste modo, ele tem a responsabilidade de completar o processo como agente de Deus no mundo. “Somos embaixadores de Cristo” (2Co 5:20). Sobre este processo divino-humano, Ellen White escreveu: “Desde Sua ascensão, Cristo tem conduzido Sua obra na terra por meio de escolhidos embaixadores e por cujo intermédio Ele fala aos filhos do homens e ministra às suas necessidades. A grande cabeça da igreja, superintende Sua obra através da instrumentalidade de homens ordenados por Deus para agir como Seus representantes.”¹

O Espírito Santo não está limitado a fatores humanos, mas certamente escolhe pessoas para ajudar nessa tarefa. Paulo diz: “Eu plantei, Apolo regou, mas Deus deu o crescimento. Pelo que, nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento. ... Pois nós somos cooperadores de Deus; vós sois lavoura de Deus, edifício de Deus” (1 Co 3:6-7, 9). Sem esta dupla participação, a igreja não está apta a crescer; pode até usar estratégias que são eficientes, mas desvalorizadas do propósito de Deus.

Os dois grandes fatores que influenciam o crescimento da igreja, segundo escreveu McGavran, citando Eugene Nida, são:

(1) o supernatural (o trabalho do Espírito Santo) e (2) o humano. O trabalho de Deus não é, portanto, um elemento isolado no crescimento da igreja, mas é algo que interpenetra os fatores humanos básicos; os quais são: (a) comunicação, (b)

¹Ellen G. White, *Exaltai-o* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1992), 289.

economia, e (c) liderança. Nenhum destes fatores, que influenciam o crescimento da igreja, pode ser entendido à parte do reconhecimento da liderança do Espírito Santo.¹

O trabalho do Espírito Santo

Não foi por acaso que Jesus instruiu Seus discípulos com estas palavras: “Não vos ausenteis de Jerusalém, mas esperai a promessa do Pai, a qual, disse ele, de mim ouvistes. Pois João batizou com água, mas vós sereis batizado com o Espírito Santo, não muito depois destes dias ” (At 1:4-5). Jesus sabia que os discípulos, fatalmente, iriam fracassar sem a presença da terceira pessoa da Trindade. Os crentes de hoje não são diferentes deles. Sem o Espírito Santo, são iguais a um balão sem ar, um carro sem gasolina. É primordial para o crente que deseja realizar a missão de maneira efetiva conhecer e cooperar com o Espírito Santo.

Não foi por acaso que o nascimento da igreja, para o ministério neste mundo, ocorreu simultaneamente com o derramamento do Espírito sobre os discípulos. A vida e o crescimento da igreja são obra dEle. A terceira pessoa da Trindade é o único poder capaz de erguer a igreja da morte. Não foi por acaso que Jesus disse: “Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que Eu faço. E as fará maiores do que estas, porque eu vou para o Pai” (Jo 14:12). Estas palavras estavam no contexto de ensinar que o Espírito não somente estaria com eles, mas viveria neles.

O trabalho de Deus, no crescimento da igreja, é evidenciado quando a terceira pessoa da Trindade trabalha em ambos, crentes e descrentes. A Bíblia ensina que, através

¹Donald A. McGavran, *Church Growth and Christian Mission* (New York: Harper & Row, 1965), 175.

deste poder, os descrentes são convencidos dos pecados e recebem fé para acreditar no evangelho. Jesus disse: “Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo. Do pecado, porque não crêem em mim; da justiça, porque vou para o pai, e não me vereis mais; do juízo, porque já o príncipe deste mundo está julgado” (Jo 16:8-11).

É o Santo Espírito quem tem a tarefa de impressionar o coração da pessoa perdida. Ao mesmo tempo, apresenta a verdadeira bondade por intermédio da natureza de Jesus e do amor de Deus. Ele também avisa do julgamento, quando ensina a desprender dos pecados, e faz da fé uma realidade, no momento em que Ele abre o coração zangado à graça de Deus. “Pois é pela graça que sois salvos, por meio da fé – e isto não vem de vós, é dom de Deus” (Ef 2:8).

O ministério do Espírito no crescimento é visto quando Ele trabalha nos crentes com a finalidade de capacitá-los a testemunhar ao mundo, carregando os frutos do amor divino em suas vidas. Sem Ele, as pessoas estão desprovidas de poder para executar o comando de Jesus de comunicar o evangelho e equipar os discípulos. Lucas aponta que uma audaciosa ação em testemunhar vem através do ministério do Espírito de Deus (At 1:8). Somente quando Ele liberta o crente de seu medo natural de homens e o coloca em sua missão, pode o crescimento da igreja acontecer.

Hesselgrave declarou: “Sem dúvida, o Espírito Santo é o Espírito Missionário que incita a igreja a avançar. Mas seu método primário é operar no coração do povo de Deus, a fim de que, em obediência amorosa e sem esperar por estímulos dolorosos, os cristãos deliberadamente avancem para reivindicar novos povos e lugares para o reino.”¹

¹Hesselgrave, 77.

A terceira pessoa da Trindade concede aos crentes o poder para expor as qualidades do amor e vida de Cristo, e os conduzem adiante nos frutos do divino amor. Paulo diz, em Gálatas 5:20-22, que essas atitudes e comportamento, que atraem pessoas para Cristo através da vida deles, vêm pelo trabalho do Espírito. Ellen White, apropriadamente, declarou: “O grandioso poder do Espírito Santo realiza uma completa transformação no caráter do homem, fazendo dele uma nova criatura em Jesus. As palavras e os atos expressam o amor do Salvador. Nenhum deles disputa o lugar mais elevado. O eu é renunciado. O nome de Jesus é escrito em tudo o que o cristão diz e faz.”¹

Os crentes devem oferecer os seus serviços a Deus pelo uso dos dons espirituais, os quais vêm por intermédio do ministério do Espírito Santo. O serviço cristão é unicamente possível quando o crente recebe e usa os dons concedidos por Deus. Através desses dons, os crentes tornam o trabalho da igreja possível, fazendo-os de maneira mais efetiva (Rm 12:1-8 e 1Co 12:1-11). A Bíblia ensina que algumas coisas podem ser realizadas pela força, sabedoria e habilidades de homens não tocados pelo Espírito de Deus, mas o resultado não é duradouro. O crescimento da igreja, em todas as suas dimensões, aguarda a dádiva ou o dar do Espírito Santo.

O trabalho humano

O crescimento somente é possível quando o Espírito Santo e o homem trabalham em conjunto. Então, qual é o trabalho do homem? Isto pode ser expresso simplesmente

¹Ellen G. White, *O cuidado de Deus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995), 86.

assim: “A função do homem é falar e testemunhar.” É o duplo trabalho de apresentar e demonstrar o evangelho. Através do exemplo, o cristão pode revelar o amor, que é a marca suprema da vida de Jesus e também em sua vida. É algo que brota naturalmente e pode ser demonstrado de diversas maneiras. O amor pode ser evidenciado na aceitação dos outros, como eles são; pois é terno, perdoador e procura prevenir os mal-entendidos e diferenças de pontos de vista. O Senhor disse: “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13:35).

Ellen White usou uma das metáforas de Jesus para ilustrar o papel humano na evangelização:

O sal deve ser misturado com a substância a que é adicionado; ele precisa penetrar, infundir-se nela, para que esta seja preservada. Assim, é através de associação e contato pessoal que os homens são alcançados pelo poder salvador do evangelho. Eles não são salvos como massas, mas como indivíduos. A influência pessoal é um poder. Ela deve operar com a influência de Cristo, para exaltar onde Cristo exalta, comunicar princípios corretos e deter o progresso da corrupção do mundo. Deve difundir aquela graça que somente Cristo pode repartir. Deve elevar, dulcificar a vida e caráter de outros pelo poder de um exemplo puro, unido a fervente fé e amor.¹

A pregação da palavra

As Escrituras são claras em mostrar a responsabilidade de cada crente que almeja a vinda de Jesus. “O evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações. Então virá o fim” (Mt 24:14). De acordo com isto, uma das características do bom discípulo é a pregação da palavra. Esta comunicação de maneira verbal pode ser a pregação do evangelho por meio da proclamação da história de Cristo,

¹Ellen G. White, *Profetas e reis* [CD-Rom] (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 232.

Sua crucifixão, ressurreição, ascensão e segunda vinda. O cristão deve anunciar que Deus não deixou a raça humana lutando sozinha e sem esperança. Ele fez algo: agiu por intermédio do Seu filho, Jesus Cristo. Deus mesmo Se entregou numa cruz e morreu pelos pecados dos homens. Ele tem agido e não simplesmente falado. Através da ressurreição, deu ao homem a Sua própria vida e assim capacitou-o à vida eterna. Contar aos homens essa história é pregar as boas-novas da Palavra.

A Bíblia fornece evidências de que a pregação é um poderoso e efetivo meio de comunicar as boas-novas de Jesus. Como resultado da pregação de Pedro, ocasião em que o evangelho foi comunicado, a igreja cresceu (At 2:14-47; 3:11-16). O apóstolo Paulo viu a pregação como um método que Deus tem escolhido para comunicar a história de Jesus (1Co 1:18; Ef 3:8-11). Sobre isso, Ellen White diz: “A pregação do evangelho é um instrumento escolhido por Deus para a salvação das almas.”¹

O testemunho pessoal

A comunicação também pode acontecer através do testemunho pessoal do trabalho de Jesus na vida do cristão. O testemunho pessoal envolve compartilhar o evangelho de pessoa a pessoa, na base de um para um. Este é o principal ingrediente do testemunho pessoal. Cada crente é, de acordo com a Escritura, um comunicador do evangelho por intermédio do seu testemunho. Este método é uma forma de saturação da comunicação, na qual ele é levado a qualquer lugar aonde o cristão for ou estiver.

O amor é revelado quando há interesse dos crentes, em nome de Jesus, por

¹Ellen G. White, *Conselho sobre educação* [CD-Rom] (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 97.

indivíduos. Amar é demonstrar cuidado e preocupação com as necessidades da comunidade de crentes e não-crentes. O evangelho, visível na vida dos crentes, faz-se acreditado quando ele é evidenciado como real. Em conexão com isto está o ato de ser. O Cristão mostra o seu amor simplesmente pelo fato de ser um servo no mundo.

Jesus foi um servo em Sua maneira de estar presente entre os homens. Ele ensinou por palavras e atos o que gostaria que os crentes fossem (Jo 21:14-17; Mc 10:35-45; Pd 5:1-5). Ele reivindicou Sua identidade como Salvador, ao revelar o amor de Deus em ação: “O espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar aos pobres. Enviou-me para apregoar liberdade aos cativos, dar vista aos cegos, pôr em liberdade os oprimidos, e anunciar o ano aceitável do Senhor” (Lc 4:18-19).

É pelo comunicar, falar e ser que pessoas são envolvidas no trabalho de crescimento da igreja. A pregação e o testemunho pessoal não são os métodos exclusivos de comunicação do evangelho, mas são os métodos primários vistos nas Escrituras. Obviamente que outros mais contemporâneos e criativos são possíveis, mas a pregação e o testemunho são primordiais e básicos.

Este capítulo conclui que o crescimento de igreja é um assunto basicamente teológico. Deus deseja o crescimento do Seu povo. Este posicionamento leva a procurar na Bíblia a orientação que Deus espera que Sua igreja siga. As possibilidades e as alternativas são muitas. O Senhor não fixa limites nos recursos disponíveis aos crentes, desde que estejam dispostos a cumprir Sua ordem e vontade.

O pensamento sobre o crescimento da igreja deve gradativamente se aprofundar na mente e no coração dos líderes e membros da igreja na USB. Mesmo os novos

convertidos devem sentir essa atmosfera. Assim, à medida que o processo avançar, eles começarão a sentir-se parte do projeto, e isso será contagioso. Naturalmente, esse ambiente facilitará o desenvolvimento espiritual que poderá resultar em reprodução por si mesmos.

CAPÍTULO III

PRINCÍPIOS BÁSICOS DE CRESCIMENTO DA IGREJA

O crescimento da igreja é resultado da interação de uma variedade de fatores. Alguns são sociológicos, outros organizacionais e teológicos. Fatores sociológicos envolvem as tendências e mudanças demográficas da comunidade, tais como idade e antecedente cultural. Fatores organizacionais envolvem o uso da liderança, recursos físicos e financeiros da igreja. O ponto de vista teológico está focalizado nas diversas doutrinas e valores mantidos pelos membros da igreja, que certamente irão contribuir ou prejudicar o crescimento.¹

Os princípios básicos de crescimento, neste capítulo, são apresentados levando em conta essa interação. Do mesmo modo, são explicados e examinados de acordo com a realidade da Igreja no território da União Sul-Brasileira. O nível de importância de cada princípio dependerá da condição e localidade de cada igreja

Crescimento integral

O crescimento integral do cristão envolve diversos aspectos de sua vida. No entanto, por limitação do documento, este tópico irá tratar especificamente de três aspectos básicos. Isto fundamenta-se no fato de que uma igreja desejosa de crescer deve

¹McDonough, 15.

trabalhar no sentido de prover as necessidades básicas de amor fraternal, espiritualidade contagiante e sociabilidade para todas as idades e tipos de pessoas. Muitas igrejas poderiam alcançar mais pessoas do que estão efetivamente fazendo, se estivessem atentas ao princípio de suprir as necessidades dos antigos e novos crentes incorporados ao corpo de Cristo. Uma igreja nunca poderá ter uma administração pastoral assalariada em tamanho suficiente para satisfazer as necessidades dos seus membros e de sua comunidade. Contudo, tem em seus próprios membros recursos suficientes para realizar essa tarefa.

Amor fraternal

Christian Schwarz recomenda, quanto à necessidade de prover alguns cuidados básicos necessários aos membros, que “os cristãos, grupos e igrejas se deixem medir pelo padrão de qualidade do Novo Testamento. E este padrão é o amor”.¹ A Bíblia ensina que o amor é mais que um sentimento. Ela apresenta o amor como sendo “fruto” (Gl 5:22). Outro autor do Novo Testamento diz que se “conhece a árvore pelo seu fruto” (Lc 6:44). Os frutos não são invisíveis; e, segundo Schwarz, podem ser medidos empiricamente. Por exemplo, quantas vezes os membros da igreja se convidam mutuamente para uma refeição? Quando enfrentam problemas, há alguém na igreja diante do qual podem abrir seu coração? Até que ponto se sentem bem em seu grupo? Ele diz que através destas perguntas se pode avaliar o quociente de amor fraternal de uma igreja.²

¹Christian A. Schwarz, *Aprendendo a amar* (Curitiba: Esperança, 1997), 11.

²Ibid., 40.

O crente necessita trabalhar duramente com o intuito de aumentar a capacidade de amar. Schwarz, ainda sobre este assunto, diz: “Quem se esforça para crescer na arte de amar está sempre no centro da vontade de Deus”.¹ O apóstolo João também insta aos crentes a trabalhar em cima desta necessidade: “Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade” (1Jo 3:18). E Tiago, exortando os crentes, disse: “Assim também a fé, se não tiver obras, é morta em si mesma” (Tg 2:17).

O amor raramente ocorre de forma ocasional. Ele exige de cada cristão a prontidão. O amor começa quando o crente conscientemente quer amar. Portanto, quando o cristão toma a decisão de amar, tem sentido a exortação bíblica: “Este é o meu mandamento: que vocês se amem como Eu os amei” (Jo 15:12).² Assim, todas as formas e estruturas da igreja devem contribuir para que a comunhão, ou amor fraternal, entre os irmãos seja uma realidade concreta.

Sociabilidade

De acordo com Rauff e também conforme o resultado da marca de qualidade *relacionamentos* apresentada no gráfico do resultado geral da pesquisa (USB) na página 101, sociabilidade (amizade) é o principal fator, entre muitos, que leva uma pessoa a se tornar membro de uma igreja e a permanecer nela. Não se pode manufaturar crises na vida das pessoas e nem mesmo manipular famílias, pressionando-as a levar pessoas à igreja.

¹Ibid., 37.

²Ibid., 24.

Mas o fator sociabilidade pode ser a maneira de levantar a consciência dos membros e levá-los a ter uma atmosfera amigável dentro da igreja.¹

Harris Poll realizou uma entrevista entre os americanos para saber qual era a principal prioridade na vida deles. Eis o resultado:

1. Relacionamento (56 %).
2. Fé e religião (21 %).
3. Fazer do mundo um lugar melhor (12 %).
4. Realização profissional (5 %).
5. Dinheiro (5 %).²

Os americanos acreditam que relacionamento é mais importante do que dinheiro. Alguns podem ser tentados a dizer: “Mas existe diferença entre uma pesquisa popular, e a decisão real das pessoas quando precisam fazer a escolha entre dinheiro e relacionamento.” Isso pode ser verdade, mas um quadro crescente de empregados está ouvindo dos seus empregadores a recusa de transferência de trabalho e promoções, porque isso seria muito destrutivo para os relacionamentos pessoais e familiares.³

Em outra pesquisa, citada por Rauff, Harris Poll entrevistou jovens de vinte e um anos de idade com a finalidade de descobrir os seus mais fortes valores. Observe o resultado:

1. Família (90 %).
2. Relacionamentos/amizades (79 %).
3. Religião (52 %).

¹Edward A. Rauff, *Why People Join the Church* (New York: Pilgrim, 1979), 86-87.

²Richard Morin, “We Ain’t Got a Barrel of Money,” *Washington Post Weekly*, December 12, 1994; 6, 37.

³Leith Anderson, *Leadership That Works* (Minneapolis: Bethany, 1999), 132-133.

4. Projetos de caridade (22 %).

5. Partido político (18 %).¹

Não importa qual seja o segmento da sociedade, o aumento da importância do relacionamento é visível. As gangues têm-se tornado o principal elemento da cultura dos adolescentes e jovens das grandes cidades dos Estados Unidos. Os sociólogos trabalham duro para entender este fenômeno social; e o departamento de polícia tem uma unidade especial para tentar limitar as suas atividades criminosas. Quase todos concordam que as gangues são fortes por causa dos relacionamentos. Pertencer à gangue é fazer parte de uma família, encontrar identidade. Tentar acabar com as gangues sem substituí-las por outros relacionamentos valiosos a eles provavelmente não funciona. A vida da gangue se estende das ruas à prisão, da adolescência à fase adulta. Boas ou más, as gangues estão firmadas em relacionamentos.²

Relacionamentos podem conduzir pessoas para o lixo, mas também podem ensiná-lhes o que é bom. Em outras palavras, o melhor canal para desenvolver virtudes e bons hábitos é o relacionamento comunitário. Ellen White também defendeu a importância desse relacionamento na vida da igreja:

Os que se encerram em si mesmos, que são avessos a se desdobrarem para beneficiar os outros mediante amigável convívio, perdem muitas bênçãos; pois mediante o contato mútuo os espíritos são polidos e refinados; por meio do intercâmbio social, formam-se relações e amizades que dão em resultado certa unidade de coração e uma atmosfera de amor que agradam ao Céu.³

¹Rauff, 86-88.

²Anderson, 133-134.

³White, *Conselhos sobre educação*, 158.

O relacionamento é a principal porta de entrada de uma igreja e ao mesmo tempo é um dos motivos principais que levam pessoas a permanecer lá.

O simples fato de começar a fazer parte de uma congregação significa também a possibilidade de fazer novos amigos. A igreja não é um Country Club, mas certamente necessita ter vida social. Quando uma pessoa aceita a Jesus e passa a fazer parte do Seu corpo, com muita frequência muda os hábitos sociais e conseqüentemente os amigos. Então, a igreja tem por obrigação suprir estas lacunas. Uma jovem, membro da Capela Calvário em Costa Mesa, Califórnia, deu uma interessante declaração a Edward Rauff nas seguintes palavras:

A igreja é o lugar onde eu encontrei pessoas que me ensinaram o significado de andar com Jesus. Também aprendi que seriam pacientes comigo caso cometesse erros. Ela tornou-se minha família. É realmente importante o papel da igreja como uma família espiritual, especialmente na sociedade de hoje, quando famílias estão caindo fracassadas. É necessário vir para um lugar assim e se sentir membro da família. Penso, no momento em que estou lá, ouvir a voz de Deus no ponto em que Ele diz: “Aqui é onde Eu quero que você fique e cresça”.¹

A vida social na igreja deve ser uma oportunidade de compartilhar, dar e receber. Esse companheirismo é experimentado quando pessoas são ajudadas em suas dificuldades. A importância deste assunto é ilustrada na Brazilian Community Seventh-day Adventist Church, localizada em Richmond, Virginia. Quando alguém necessita comprar ou reformar uma casa, sempre encontra membros disponíveis a ajudá-lo neste empreendimento. Se precisar de um carpinteiro, eletricitista ou encanador, e não tiver disponibilidade financeira para tal, certamente terá alguém disposto a desempenhar essas

¹Rauff, 89-90.

tarefas. Não importa qual seja a necessidade (financeira, espiritual ou emocional) sempre haverá pessoas movidas pelo sentimento de ajuda e companheirismo.

Resumindo, através dos relacionamentos se fortalecem as amizades, as pessoas são influenciadas e ganham almas para Jesus. Mas isso não é fácil, pois muitas pessoas querem relacionamentos sem estarem dispostas a assumir compromissos. E isso afeta o Clube do Serviço Comunitário, a Associação de Pais e Professores, o Sindicato dos Trabalhadores e as igrejas. Talvez a contradição seja mais óbvia entre homens e mulheres que desesperadamente desejam encontrar significado nos relacionamentos, mas escolhem viver juntos fora de um relacionamento conjugal, sem compromisso. Apesar dessas contradições, o relacionamento entre pessoas é extremamente necessário a uma igreja que anela o crescimento saudável em todos os aspectos.

Espiritualidade contagiante

Uma pesquisa comprovou que a espiritualidade dos cristãos não depende da maneira piedosa com que vivem e nem de certas práticas espirituais que são colocadas por vários grupos como razão de crescimento. A razão que de fato diferencia igrejas que crescem de igrejas que não crescem é outra. O fator determinante é se os cristãos de determinada denominação vivem a sua fé com determinação, paixão, fogo e entusiasmo.¹ De acordo com Schwarz, “o conceito da paixão espiritual está em contraposição às concepções tão difundidas da fé como cumprir as obrigações. Em geral, pode-se observar

¹Schwarz, *O desenvolvimento natural da igreja*, 26-27.

que nas igrejas em que as tendências legalistas estão presentes em maior ou menor grau, a paixão espiritual está abaixo da média”.¹

Cristianismo não é religião, mas relacionamento com Jesus Cristo. Com base nesta declaração, pode-se afirmar que os seguidores de Cristo O conhecem mediante um conhecimento experimental que produz vida de entusiasmo. Deste modo, pode-se dizer que o crescimento da igreja, em vários aspectos, está diretamente relacionado com a motivação do cristão em viver uma vida de obediência, amor abnegado e contagiante espiritualidade.

Ellen White, comentando sobre a importância de crescer na vida espiritual, disse: “Aquele cujo coração se acha inteiramente entregue a Deus, o que pela fé recebe a Jesus Cristo como Salvador pessoal, revelará decidido crescimento na espiritualidade, no vigor da piedade, na determinação do desígnio, na fidelidade aos princípios de nossa fé.”²

Percebe-se que quando os cristãos marcham, cheios de entusiasmo e contagiante espiritualidade, para arrebanhar os desgarrados e alimentar o rebanho, as igrejas se multiplicam. Mas, quando se tornam preguiçosos e permitem que homens e mulheres, havendo tomado a difícil decisão de seguir a Cristo, sejam absorvidos novamente pelo mundo, as igrejas realmente não têm como crescer.³

Homens e mulheres sem um relacionamento pessoal com Jesus Cristo estão

¹Ibid., 26.

²Ellen G. White, *Filhos e filhas de Deus* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1956), 325.

³McGavran, *Compreendendo o crescimento da Igreja*, 29-32.

condenados a não ter uma eternidade com Ele. As decisões tomadas por Cristo ou contra Ele fazem a diferença. Portanto, a fidelidade a Deus implica ao cristão fazer a parte que lhe cabe, no poder do Espírito Santo, para persuadir homens e mulheres a se tornar discípulos de Cristo e membros responsáveis de Sua igreja.¹ No Livro *O desejado de todas as nações* encontra-se esta afirmação: “Os cristãos têm de representar a Cristo. A menos que haja sacrifício prático pelo bem de outros, no círculo da família, na vizinhança, na igreja e onde quer que estejamos, não seremos cristãos.”²

Espiritualidade contagiante é essencial no desenvolvimento saudável, pessoal e comunitário, de uma congregação. Por essa razão, a igreja tem papel relevante na responsabilidade de ajudar seus membros a se desenvolver ao máximo nesta área. “Deus tem a habilidade de aumentar qualquer pequena quantia que o crente ofereça. “O pouco que é sábio e economicamente empregado no serviço do Senhor do Céu aumentará no próprio ato de ser comunicado.”³

Oração: coração da espiritualidade contagiante

“A oração é a porta para o mais íntimo companheirismo com o Espírito Santo”.⁴ Considerando esta declaração de Paul Y. Cho, chega-se à conclusão de que a oração é o coração da espiritualidade contagiante. Ela é uma disciplina da vida cristã que requer

¹Ibid., 32.

²Ellen G. White, *O desejado de todas as nações* [CD-Rom] (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 504.

³Ibid., 371.

⁴Paul Y. Cho, *Prayer: Key to Revival* (Dallas: Word, 1984), 57.

constante atenção. O pastor pode contribuir grandemente nesta área, agendando programas de treinamento, fornecendo material e pregando uma série anual de sermões sobre a oração. Existem muitos livros que podem ajudar nesta disciplina.

A oração pode ser em grupos que se reúnem para orar em prol de necessidades específicas ou projetos. Os grupos podem se reunir nas casas ou na igreja; os líderes dividem as responsabilidades das tarefas a ser desempenhadas. A reunião pode começar com música e leitura da Bíblia relacionadas com a oração.

Uma corrente de oração também pode ser uma grande oportunidade para aqueles que têm interesse especial em orar por pessoas que expressam necessidades especiais. Membros da corrente são recrutados por anúncios ou convite pessoal do pastor ou mesmo pela diaconia. Os membros selecionam um líder para ativar a cadeia quando as necessidades surgirem. O tamanho do grupo deve ser limitado a doze pessoas. Se existirem mais de doze, uma segunda cadeia se faz necessária. O líder deve criar oportunidades para introduzir novos membros na corrente.

Quando alguém está precisando de oração e essa necessidade chega ao conhecimento da igreja, o pastor ou diácono deve contactar o líder da cadeia de oração. Por sua vez, o líder contacta os membros da cadeia e solicita oração por uma necessidade específica. Algumas necessidades podem exigir ação como também oração. Por exemplo: orar por alguém que esteja se recuperando de uma cirurgia e providenciar alimentos, flores e visitação à pessoa internada.

Pedidos de oração devem ser mantidos em uma lista pelo tempo que for necessário. Isso pode requerer um acompanhamento bem próximo por parte do líder.

Algumas respostas às orações realizadas pelo grupo podem ser apresentadas como testemunhos nos cultos de adoração na igreja.

As igrejas podem também providenciar para os membros um cartão de oração com nomes de catorze pessoas. Eles devem orar por um nome diferente cada dia. No final do mês, terãoorado duas vezes por cada um. Os cartões devem ser trocados duas ou três vezes ao ano e podem ser entregues por ocasião da visita pastoral, diaconia ou anciãos.

Liderança ousada e capacitadora

Atrás de cada organização bem-sucedida ou empreendimento está um líder que sabe quem ele é e faz o que tem de fazer no tempo certo. “O verdadeiro líder não é alguém que pode fazer o trabalho de dez pessoas, mas alguém que pode organizar dez pessoas para fazer o trabalho de dez.”¹ Nenhum líder pode fazer sucesso a menos que consiga pessoas para segui-lo. Evidentemente, o sucesso dependerá da liderança ousada e capacitadora dos líderes. Não há palavras que resumam melhor a capacitação do que estas:

Os líderes de igrejas que crescem concentram os seus esforços em capacitar outras pessoas para o ministério. Eles não usam os seus colaboradores como ajudantes para alcançar os seus próprios objetivos e implantar a sua visão. Pelo contrário, a pirâmide de autoridade é invertida: os líderes ajudam cada cristão a chegar à medida da plenitude desejada por Deus para cada um. Eles capacitam, apóiam, motivam, acompanham a todos individualmente para que se tornem aquilo que Deus tem em mente.²

Hoje, capacitar líderes significa garantir não apenas o futuro da igreja, mas

¹Dale E. Galloway, *20/20 Vision: How to Create a Successful Church* (Portland, OR: Scot, 1986), 87.

²Schwarz, *O desenvolvimento natural da igreja*, 22.

principalmente assegurar o seu presente. A igreja precisa tomar consciência das conseqüências que podem surgir pela falta de capacitação dos líderes dentro do processo de planejamento estratégico.

Uma das conseqüências pode vir do fato de que o nível de escolaridade dos membros da igreja brasileira vem subindo gradativamente, embora o hábito de leitura seja ainda pequeno. Apesar de ler pouco, o cristão é alguém que lê mais do que o não crente, e isso o leva a avançar em sua formação acadêmica.¹ Campanhã, ao comentar sobre o nível de escolaridade, fez a seguinte declaração:

Os resultados revelam um grau de escolaridade bastante elevado. As igrejas encontram-se muito acima da média brasileira de escolaridade, principalmente na formação superior. No Brasil, apenas 5,8% da população têm formação superior, conforme levantamento realizado pelo Instituto Vox Populi. Isto demonstra que o cristão preocupa-se em crescer intelectualmente e progredir. Em todos os países do mundo, esta sempre foi uma influência do cristianismo.²

Olhando por outro ângulo, isso representa uma igreja que está crescendo no conhecimento e pode assumir posições elevadas na sociedade. De outro lado, significa uma igreja exigente, que não se conforma com qualquer coisa, mas que deseja mais organização e, principalmente, conteúdo em tudo que for promovido. Isso requer um treinamento ainda mais apurado dos líderes. Com esta visão, o plano de treinamento se torna um fator indispensável para uma igreja que deseja crescer.

As pessoas querem ser melhor conduzidas por seus líderes. Isso exige que eles estejam constantemente se preparando e se reciclando. É preciso que os líderes entendam

¹Josué Campanhã, *Planejamento estratégico* (São Paulo: Vida, 1999), 223.

²Ibid.

que não basta fazer um curso rápido de treinamento e depois nunca mais estudar. Há necessidade constante de leitura, busca de novas idéias, troca de experiências com outras pessoas e grupos de experimentação de novas técnicas. Acima de tudo, precisam estar com os ouvidos abertos para escutar os liderados e saber de suas necessidades.¹

Forte liderança pastoral

“Olhai para vós, e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com seu próprio sangue” (At 20:28). O chamado é totalmente importante para o pastor. Ele não escolhe sua vocação. Em vez disso, é escolhido pelo Senhor. O Espírito Santo chama, consagra e aponta o pastor-líder. No espírito de Cristo, ele não procura uma posição, mas vive na obediência ao Pai, confiando ao Espírito Santo a realização de suas tarefas no ministério.

A integridade marca o pastor chamado por Deus. Seu primeiro dever é olhar para si mesmo. Ele não é um pastor mercenário. Antes, entrega-se em favor dos outros (At 20:33). O pastor que é chamado por Deus é inocente do sangue de todos os homens, tendo trabalhado cheio de fé e sendo diligente em realizar seu trabalho (At 20:26).²

Outrossim, o sacrifício caracteriza a vida do pastor. “Mas em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus” (At 20:24).

Visão é uma força que o pastor chamado por Deus possui. Ele não é somente um

¹Ibid., 224.

²Robinson, 57-58.

homem com uma visão dada por Deus, mas está apto a comunicá-la e inspirar os outros (At 19:10). A visão é fator fundamental em determinar o crescimento de uma igreja. Na atitude do pastor em relação a ela, acreditando na missão de ganhar almas para Jesus e trabalhando pessoalmente para isso, a igreja terá a alegria de crescer. Ellen White declarou:

Todo verdadeiro pastor sente pesada responsabilidade pelo progresso espiritual dos crentes entregues a seu cuidado, um profundo desejo de que sejam cooperadores de Deus. Ele sente que, da fiel execução da tarefa que Deus lhe entregou, depende, em grande medida, o bem-estar da igreja. Fervorosa e incansavelmente busca inspirar os crentes com o desejo de salvar almas para Cristo, lembrando-se de que cada acréscimo à igreja representa mais um instrumento para dar a conhecer o plano de redenção.¹

William Easum, no livro *The Church Growth Handbook*, comenta que “alguns pastores, freqüentemente, dizem: ‘Eu penso que não é o meu dever levar a igreja a fazer grandes decisões. Afinal, esta igreja é deles, não minha. Eles estarão aqui por muitos anos, eu não’.”² O pastor deve assumir a liderança na vida da igreja em que ele serve. Não deve pensar simplesmente que é peregrino e está de passagem.

Uma congregação que possui um pastor que se sente confortável com a responsabilidade de liderar pode se sentir mais motivada a seguir novos planos, buscar novas metas e implantar métodos que possam aumentar o seu crescimento. O modelo de Moisés é de grande ajuda em descrever a liderança pastoral. Muito da idéia básica do comentário a seguir vem de Aaron Wildavsky:

¹Ellen G. White, *Atos dos Apostólos* [CD-Rom] (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 207.

²William M. Easum, *The Church Growth Handbook* (Nashville: Abingdon, 1990), 59.

1. Pastores levam pessoas aonde elas não iriam por conta própria. Moisés recusou permitir aos hebreus retornarem para o Egito, mas os levou a Canaã (Êx 32:1-10).

2. Pastores vêem a vida como uma grande experiência de aprendizado. Moisés aprendeu, com Faraó, que era mortal cometer o mesmo erro duas vezes (Êx 6:1-13).

3. Pastores procuram mostrar que eles mesmos são dispensáveis. Moisés preparou outros para conduzir os negócios na ausência dele (Dt 34:1-9).

4. Pastores compartilham sua autoridade; há força nos números. Moisés reuniu setenta anciãos para ajudá-lo a liderar pessoas (Nm 11:24-30).

5. A principal sabedoria da liderança pastoral é saber que, mesmo quando se sente que está certo, pode estar errado. Moisés orou muito antes de responder a Coré (Nm 16:1-4).¹

O pastor deve tomar cuidado para não ficar longe da sua congregação. Deve entender e comunicar-se com cada parte dela, além do contato normal com a administração da igreja. Ellen White escreveu: “Deve o pastor misturar-se livremente com aqueles por quem trabalha a fim de familiarizar-se com eles e saber como adaptar seus ensinamentos às necessidades deles.”²

“O pastor deve dar às pessoas o que elas realmente precisam, em lugar do que elas pensam que necessitam”. O líder precisa saber esta diferença. Este estilo de liderança é subjetivo e exige uma avaliação regular por parte do pastor. Sem essa distinção, a congregação pode ter a tendência de não querer aventurar-se em águas não conhecidas, e

¹Easum, 59-60.

²White, *Atos dos apóstolos*, 363.

apresentar dificuldades em aceitar os ensinamentos pastorais quando necessário.

O estilo de liderança do pastor, segundo Easum, pode ser determinado pelo tamanho da sua congregação. Uma das principais causas de declínio e estagnação é a falta de entendimento do efeito do tamanho congregacional sobre o estilo requerido de liderança pastoral. A maior frustração, o pior desastre, é conduzir uma igreja pequena para ser média ou grande, sem antes tornar-se familiarizado com as novas e necessárias habilidades de liderança.¹

O pastor é o principal responsável pelo treinamento da igreja. Ellen White confirma isso em *Testemunhos para a igreja*: “O ministro deve dedicar mais do seu tempo para educar do que pregar. Deve ensinar as pessoas como dar aos outros o conhecimento que elas têm recebido.”² A maioria dos pastores acha que a pregação é a sua principal responsabilidade, enquanto o treinamento da igreja, embora o considere importante, é renegado a segundo plano. Em outro livro, ela diz:

Ao trabalhar em lugares onde já se encontram alguns na fé, o pastor deve não tanto buscar, a princípio, converter os incrédulos, como exercitar os membros da igreja para prestarem cooperação proveitosa. Trabalhe³ com eles individualmente, tentando despertá-los para buscarem eles próprios experiência mais profunda, e trabalhem por outros.⁴

Quando o pastor conduz outras funções no ministério em detrimento de treinar, a

¹Easum, 60-62.

²Ellen G. White, *Testimonies for the Church* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1946), 7:20.

³Na versão em inglês está “treinar” em lugar de “trabalhar”.

⁴Ellen G. White, *Obreiros evangélicos* [CD-Rom] (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 196.

igreja torna-se fraca espiritualmente. Ministério forte e crescimento saudável, em todos os aspectos, é viável quando o líder escolhido por Deus está engajado em ser um servo para outros; equipando-os para o ministério. O pastor é um servo de Jesus para servir outros servos.

Uma forte liderança pastoral deve estar ciente de que os membros podem fazer melhor o trabalho quando sabem:

1. Que terão supervisão regular.
2. O que é esperado deles.
3. Do que são responsáveis.
4. Que estão fazendo uma contribuição à causa de Cristo e Sua igreja
5. Que terão oportunidades de treinamento.
6. Que estão apoiados por métodos que podem avaliá-los.
7. Que são apoiados e afirmados.¹

Entretanto, não existem respostas fáceis para lidar com trabalhadores ineficientes, principalmente em se tratando de equipar crentes para o crescimento espiritual. O líder deve sempre permanecer focalizado no entendimento de que Deus proverá força, sabedoria e coragem requeridas para fazer o melhor à igreja. “O trabalho bem-sucedido para Cristo não depende tanto de números ou de talentos, como da pureza de desígnio, da genuína simplicidade, da fervorosa e confiante fé.”²

¹Bruce P. Powers, ed., *Church Administration Handbook* (Nashville: Broadman & Holman, 1996), 248.

²White, *O desejado de todas as nações*, 370.

O poder da visão

A visão é uma característica imprescindível para um pastor de êxito. Um líder deve ter visão clara e metas bem definidas e mantê-las em mente ao se defrontar com obstáculos. Se a meta for o topo da montanha, o líder deve estar apto para atingi-lo. Mesmo que isto signifique deixar metade do rebanho machucado, abatido e sangrando ao longo do caminho.¹

Pessoas nunca crescem ou vão além de suas visões. Nenhuma congregação crescerá mais do que a sua visão. Se o objetivo da igreja é ser pequena no meio de centenas de milhares de pessoas, certamente será. Por outro lado, se a visão da igreja, embora localizada em uma pequena comunidade, é ser grande espiritualmente e numericamente, então será. O primeiro passo para crescer é ter visão.

Galloway define a visão como “uma habilidade ou dom dado por Deus para ver aquelas coisas que ainda não são como se fossem realidade. Ela é definida na palavra de Deus, em Hebreus 11:1, da seguinte maneira: ‘Ora, a fé é a certeza das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se vêem’. Fé é visão, e visão é ver antes de acontecer”.² Este dom, dado por Deus ao líder, traz esperança. “Dá a impressão de que alguém está no controle.”³ Quanta verdade! Muitas pessoas atiram para todas as direções e nunca se realizam em qualquer aspecto da vida por falta de objetivos claros.

É bem verdade que não se pode determinar o futuro com sonhos e planos.

¹Galloway, 88.

²Ibid., 29.

³Leith Anderson, *Leadership That Works* (Minneapolis: Bethany, 1999), 191.

Contudo, é possível antecipar, prever, orar e trabalhar em busca do futuro que se deseja. Após fazer todas as pesquisas e procurar o melhor conselho possível, chega o momento em que se deve ir em frente, embora haja o risco de fracassar. Isso não significa irresponsabilidade, mas fé e risco calculado.

Planejamento estratégico

O ministério de uma igreja em crescimento envolve cuidadoso planejamento estratégico. “Planos de ação são desenvolvidos à luz das prioridades. Eles devem ser avaliados, após implantados, para certificar se representam as prioridades da igreja.”¹ Josué Campanhã define planejamento estratégico assim: “É ter a visão do todo e criar oportunidades rápidas para alcançar as metas.”² Ele continua afirmando que “o planejamento correto implica saber: Avançar em que? Avançar para onde? Quanto avançar? De que forma avançar? Com que custo? Em que locais?”³ Todavia, Deus deve ser consultado em primeiro lugar dentro do processo de alcançar um planejamento estratégico (Pv 16.3).

Planejar é tarefa desafiadora. Significa olhar para o topo da montanha e saber que é possível chegar lá. Contudo, para se chegar lá, é necessário estratégia. É importante salientar que calendário não é estratégia, pois a única coisa que ele faz é deixar o povo ocupado. Mantendo os membros ocupados o tempo todo, não terão oportunidades de

¹Robinson, 127.

²Campanhã, 25.

³Ibid.

refletir sobre a superficialidade de sua vida espiritual, a falta de conteúdo do professor da Escola Sabatina e mesmo a falta de base bíblica nas mensagens do pastor.

O planejamento visto na igreja no Novo Testamento era realmente estratégico. O primeiro item do planejamento da igreja primitiva era compaixão e amor pelas almas. Isso se reflete em Atos 1:8, ocasião em que Jesus mandou os cristãos olharem para as pessoas de suas cidades, de seus estados, de seus países e do mundo inteiro. Deveriam falar e testemunhar o que a graça de Jesus havia feito por eles, ter misericórdia das pessoas que estavam perecendo e demonstrar o amor de Deus por elas. “Isto era estratégico”.¹

Lucas, em Atos 2:42-47, sintetiza o que é estratégico: estudar, aprofundar-se nas doutrinas dos apóstolos, ter comunhão, orar, ajudar os necessitados e louvar a Deus. Esta síntese é praticamente a missão da igreja, e muitas congregações não sabem para onde estão indo. Adalberto Fischman afirma que “tanto na nossa vida como na organização, é preciso, antes de planejar, refletir qual é a nossa vocação (missão); ou seja, precisamos descobrir o que queremos fazer e em que poderemos ter sucesso”.²

Uma congregação nunca deveria começar o seu plano de trabalho em função de uma outra que está começando também. Pois os planos irão variar de acordo com as necessidades e complexidades de cada igreja. Atividades por sua própria causa, ou seja, sem planejamento, vão derrotar o esforço dos membros por crescimento. Uma igreja deve estudar as suas necessidades e as da comunidade, seu potencial e possibilidades para

¹Ibid., 15-16.

²Adalberto Fischmann e Martinho Isnard Ribeiro, *Planejamento estratégico na prática* (São Paulo: Atlas, 1995), 16.

então desenvolver ministérios e projetos com intento de realizar sua missão. Estes devem ser cuidadosamente planejados e implementados.

Necessidades + problemas + avaliação + desafios + oportunidades = planejamento.

O que isso significa? Campanhã responde à pergunta em seu livro *Planejamento*

Estratégico:

Em primeiro lugar é necessário fazer um levantamento de todas as necessidades da igreja. Este item precisa ser dividido em duas partes: necessidade das pessoas e necessidade da igreja como instituição. Depois deve-se levantar os problemas e realizar uma avaliação de toda a situação. Em seguida é preciso relacionar os desafios e oportunidades de trabalho. Assim, os dados básicos estarão formulados para se estabelecer os alvos do plano.¹

O autor então conclui que a vantagem de se começar avaliando necessidades, problemas, desafios e oportunidades, é que a mente se abre para pensar em coisas que não pensaria simplesmente avaliando o que existe. E aquilo que não existe na igreja e precisa ser criado dificilmente surgiria de uma análise de pontos positivos e negativos.²

Ellen White, com esta declaração, fortalece a necessidade de se planejar:

“Convocando uma reunião dos crentes, os apóstolos foram levados pelo Espírito Santo a esboçar um plano para a melhor organização de todas as forças ativas da igreja.”³

Uma vez que é sabido o valor do planejamento estratégico, faz-se necessário abordar alguns itens que são importantes na formação de um bom planejamento. Um deles é a pesquisa científica, apregoada por Christian Schwarz, que deu origem ao

¹Campanhã, 33.

²Ibid., 33-34.

³White, *Atos dos apóstolos*, 89.

“desenvolvimento natural da igreja”.¹ Antes de elaborar qualquer plano, a liderança deve estar consciente da real situação da igreja, conhecendo as necessidades básicas e principalmente os pontos fortes e fracos. Somente de posse dessas informações, a liderança estará apta a elaborar estratégias.

Nenhum plano pode existir sem objetivos, estratégias e metas. O primeiro passo é definir objetivo(s), algo geral e desafiador. Em seguida, estabelecer estratégia(s), forma pela qual o objetivo será atingido; e meta(s), alvo mensurável. É interessante entender que objetivos, estratégias e metas vêm exatamente nesta sequência. Também é importante ressaltar que, sem metas, nenhum plano, por melhor que seja, será concretizado.²

Todas as organizações têm metas. Elas podem não ter falado sobre elas. Pessoas, na organização, podem não conhecê-las. Líderes podem variar seu entendimento relativo a elas. Mas o que se vê nas igrejas ou organizações indica que em algum lugar, alguma vez, alguém pensou em metas.³

Treinando de acordo com os dons espirituais

O treinamento já não pode mais estar limitado a ensinar pessoas sobre como permanecer diante de um grupo, preparar uma lição ou sair para o evangelismo, embora esses sejam aspectos importantes. Agora, deve-se começar o mais cedo possível e com

¹Schwarz, *O desenvolvimento natural da igreja*, 18.

²Campanhã, 209-211.

³Este tema será apresentado no próximo capítulo dentro do plano específico para União Sul-Brasileira da IASD.

fundamental entendimento das normas de liderança e como elas funcionam nos moldes bíblicos.

O treinamento deve ser feito de acordo com os dons espirituais. Este é um componente vital para alcançar resultados efetivos. É de suma importância que cada membro receba o treinamento de acordo com os dons espirituais que possui. Obviamente, o membro necessita antes descobrir seus dons espirituais.

Dons espirituais e habilidades necessitam estar adequados ao trabalho no desempenho das funções ministeriais. Schwarz, no livro *O teste dos dons*, registra que “todo cristão precisa primeiro aprender a viver em função dos dons, assim também a igreja. Em muitos casos esse princípio é totalmente desconhecido, apesar de o Novo Testamento ensinar isso.”¹ Em uma outra declaração, no mesmo livro, ele diz: “À medida que cristãos vivem de acordo com seus dons espirituais, eles não trabalham pelas próprias forças, mas o Espírito de Deus trabalha neles.”²

O programa de treinamento em liderança tem como propósito desenvolver bons trabalhadores. É apropriado ressaltar que “bom” não está relacionado simplesmente com a disposição para trabalhar, mas com a capacitação para o trabalho. O fato de uma pessoa ter dons que o habilitam assumir posições de liderança não significa necessariamente que esteja preparada para isso. Efésios 2:10 diz: “Somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas.” O apóstolo, seguramente, tem em mente muito mais do que o serviço formal através dos programas de

¹Christian A. Schwarz, *O teste dos dons* (Curitiba: Esperança, 1998), 158.

²Schwarz, *O desenvolvimento natural da igreja*, 24.

ministérios da igreja; e com certeza os bons trabalhadores, capacitados para o trabalho, devem ser incluídos.

Josué Campanhã escreveu que “toda a base de planejamento de uma igreja está baseada no treinamento de líderes. A igreja depende de sua liderança, assim como o pulmão necessita de ar. Assim como o processo de fotossíntese produz ar para o ser humano, o programa de treinamento de líderes é o processo de fotossíntese da igreja.”¹

Sem pessoas treinadas de acordo com os seus dons, nenhum planejamento atingirá seu potencial máximo de execução, por melhor que tenha sido elaborado. As consequências da falta de capacitação de líderes, dentro do processo de planejamento estratégico, são desastrosas. Em pouco tempo, sem capacitação, a igreja terá escassez de liderança. Campanhã continua apregoando que “planejamento sem treinamento é o mesmo que pegar um projeto de um carro, desenhado por engenheiros experientes, e confiar a sua execução a operários sem qualificação”.²

Um líder não pode fazer todo o trabalho. E este assunto é difícil para alguns pastores aceitarem. John Wesley, fundador do movimento metodista, estava nesse caminho em seus primeiros anos de ministério. Ele conduzia o seu movimento concentrando tudo sobre si mesmo. Certo dia, Wesley chegou atrasado para uma reunião e, para sua surpresa, um dos leigos estava pregando com surpreendente resultado. Muitos estavam respondendo à mensagem do pregador leigo. Em vez de ficar agradecido, Wesley estava chocado e zangado. Ele puxou o homem de lado e o repreendeu severamente.

¹Campanhã, 223.

²Ibid., 222.

Mais tarde, quando estavam a sós, a mulher de Wesley, Ana, gentilmente comentou que aquele homem leigo tinha feito um grande trabalho, e se Wesley estivesse disposto a compartilhar o trabalho com outros, muito mais pessoas poderiam ser alcançadas.¹

Michael Green enfatiza a importância histórica do trabalho leigo na seguinte afirmação: “A grande missão da cristandade era na realidade realizada por missionários informais. Diáconos...de repente estavam pregando, ensinando, falando do coração.”²

Pessoas leigas têm oportunidades de construir estradas para o evangelho que profissionais do clero não possuem. Se de um lado o ministro não conhece toda a real situação do mundo, por outro os leigos, na tentativa de manter sua fé, são muitas vezes cuidadosos em manter sua vida em diferentes comportamentos ou tentam escapar deste dilema pela concentração em ética.³ Assim, é fácil perceber que os membros leigos possuem uma visão diferente do pastor. Esta diferença pode ser destacadamente positiva na tentativa de construir pontes de relacionamentos.

Cristo espera que Seus filhos produzam frutos no ministério (Mt 7:15-20). Dons espirituais germinam frutos espirituais. Se dons são desenvolvidos, frutos são manifestos. Se dons não são nutridos, então o ministério produzirá pouco ou nenhum fruto. Paulo exorta os cristãos a desenvolver os dons espirituais que irão construir a igreja (1Co 14:12). Existem muitos dons e Deus tem abençoado os crentes com pelo menos um deles

¹Zunkel, 70.

²Michael Green, *I Believe in the Holy Spirit* (Grand Rapids: Eerdmans, 1975), 67.

³Jacques Ellul, *The Presence of the Kingdom* (New York: Seabury, 1948), 19.

(1Co 12:1-11). Ellen White escreveu “que todos os homens não receberam o mesmo dom, mas para cada servo do Mestre algum dom do Espírito é dado”.¹

Schwarz define um dom espiritual da seguinte maneira: “É uma habilidade especial que o Espírito Santo dá a cada membro do corpo de Cristo – de acordo com a graça de Deus – para ser usado na edificação da igreja.”² Portanto, os membros devem reconhecer a mutualidade do corpo de Cristo. Os dons espirituais não pertencem aos seus recipientes, mas a Cristo. Os cristão são apenas mordomos.

Cada igreja necessita ativamente pôr em execução os dons espirituais. Afinal, Deus não trabalha para abençoar a igreja por meio de vários dons e graça? As igrejas devem dar prioridade aos dons espirituais como fundamentais para o seu crescimento espiritual e sua vitalidade. Do mesmo modo, devem encorajar as pessoas a descobrir e desenvolver os dons para a glória de Deus e de Seu reino, como também oferecer oportunidades de aprender mais sobre dons e seus significados. Despertar o interesse da igreja em desenvolver os dons cria um contexto para possível emersão de todos eles, os quais incluem fé (Ef 2:8; Fp 1:29), arrependimento (At 11:18), sabedoria (Pv 2:6; Tg 1:5) e graça (Sl 84:11; Tg 4:6).

Dons espirituais e materiais são bênçãos de Deus. Se a congregação é guiada a ter interesse por dons espirituais, dando prioridade ao desenvolvimento deles, os membros podem ser abençoados com crescimento material. “Buscai primeiro o seu reino e a sua

¹Ellen White, *Parábolas de Jesus* [CD-Rom] (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 327.

²Schwarz, *O Teste dos dons*, 14.

justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6:33). Prosperidade material pode fluir da prosperidade espiritual, pois os crentes estão andando no caminho do Senhor.

Academia permanente de treinamento

Com o propósito de solucionar o problema da falta de líderes treinados espiritualmente, seria de suma importância se cada igreja instituísse uma academia permanente de treinamento, onde o fundamental da espiritualidade e da liderança cristã fosse ensinado. Frequentemente, os programas de treinamento não são profundos e geralmente são ministrados fora de contextos específicos. Desse modo, cada igreja pode criar seu próprio programa, suprimindo as necessidades dos seus constituintes e, ao mesmo tempo, ter uma escola que esteja apta a equipar os santos permanentemente para o ministério.

Burrill também aborda este tema em seu livro *Revolution in the Church*. Ele enfatiza que uma igreja local pode ter um centro de treinamento pequeno, mas que funcione regularmente. Algumas igrejas pequenas e outras do distrito podem criar um centro de treinamento distrital. Este centro de treinamento, em nível de igreja local, deve ter em mente que os programas de treinamentos não podem ser ocasionais, mas regulares, sistemáticos e intencionais.¹

Cada membro deve ter a oportunidade de aprender sobre seu serviço de tal forma que possa contribuir para o trabalho da igreja. Quando alguém é treinado e entende a

¹Russell Burrill, *Revolution in the Church* (Fallbrook, CA: Hart, 1993), 109.

importância do trabalho e tem compromisso com ele, a tarefa desempenhada passa a ter mais senso. Uma academia de treinamento bem planejada pode ajudar a manter o trabalhador sintonizado, motivado e produtivo.

O treinamento deve ser feito nas áreas em que é preciso melhorar a visão e missão da igreja. Rapidamente, os membros vão perceber o que a igreja considera importante. Um número maior de membros não somente vai captar a visão, mas contribuir ativamente para o que é vital.¹ A seguir, algumas sugestões, baseadas no livro *Church Administration Handbook*, que podem ajudar a escolher as melhores ferramentas para os treinamentos:

Reuniões: O tempo deve ser bem planejado com uma agenda escrita. Isto é importante para comunicar ao membro o propósito da reunião e quanto tempo durará. Cada reunião deve começar pontualmente, seguir uma agenda e terminar também no horário.

Livros: Escolher os que estejam atualizados e habilitados a ajudar o trabalhador a entender as normas de um cargo, e como o bom desempenho dessa função pode ajudar o ministério da igreja. Apontar os pontos específicos do capítulo que são mais benéficos na realização do trabalho.

Vídeos/DVDs: Muitos vídeos estão sendo produzidos para treinamentos. Checar o escritório denominacional da produtora e ver o que pode estar disponível para uma pequena compra ou aluguel. Para se ter um melhor rendimento, seria prudente dar a cada membro um guia, por escrito, para ser usado durante a apresentação do vídeo.

¹Ibid., 110.

Convenções e centros de recreação: Agendar as convenções com muito tempo de antecedência para saber o que estará disponível aos membros. Dar às pessoas uma cópia da agenda com um comentário do pastor sobre a importância do evento na realização do trabalho deles. Quando líderes incentivam os trabalhadores a assistir às convenções ou classes de treinamentos, podem despertar, nos indivíduos, expectativas positivas quanto aos eventos e seus resultados.

Treinadores convidados: Ter muito cuidado ao escolher a pessoa(s) que darão o treinamento, principalmente se o líder ainda não a(s) viu discorrer o tema. Quando o pastor convida alguém, deve escrever o que espera dele e perguntar se o convidado se sente confortável com o desafio. Dar a agenda ao palestrante e dizer que é uma honra tê-lo como treinador.

Observação: Muitas vezes, esta é a única maneira de alguém observar como outra pessoa faz o trabalho. O líder deve escolher uma classe ou situação que melhor exemplifique a posição do membro a ser observado e trabalhar em um período de observação, no qual o novo membro tenha condições de observá-lo. Entregar à pessoa que se está observando um questionário para ser completado durante cada sessão. É uma boa ferramenta a ser usada numa reunião entre o líder e o aluno.¹

Adoração conectiva

A vida do cristão deve ser um culto constante a Deus. Aquilo que se celebra no sábado é somente o momento áureo e o objetivo para o qual todos os detalhes da semana

¹Powers, 247.

do cristão se convergem. Por isso, depois do entender vem o conectar.¹ É fácil perceber que quando os elementos do culto se conectam com a vida do adorador, então faz sentido o verdadeiro objetivo da adoração e conseqüentemente o culto se torna inspirador.

Cultos inspiradores

Numa época em que muitas igrejas grandes estão fechando congregações ou promovendo fusões entre si, igrejas pequenas surgem do nada e sem grande aparato estão fazendo muito. Algumas morrem depois de nascerem, outras têm um crescimento espetacular.² No Brasil, pode-se perceber bem este fenômeno. Sem compromisso com a sua história, sem passado e nem tradição, facilmente se tornam flexíveis e se adaptam à realidade circunstancial. Por esta razão, elas produzem um culto moderno e conseguem conectar com os detalhes da vida do adorador. De acordo com Klaus Douglas, “cultos modernos são aqueles que se relacionam com a realidade da vida das pessoas”.³

Quando os crentes se dirigem à igreja para adorar, precisam encontrar na estrutura do culto elementos que se relacionem com o seu dia-a-dia. Algumas pessoas, por vários motivos, podem ter dificuldades em fazer esta conexão. Ellen White, em seu conhecido livro *Caminho a Cristo*, declarou:

O Senhor deseja que Seus filhos encontrem conforto em Seu serviço, achando mais prazer que fadiga em Sua obra. Deseja que aqueles que O buscam para Lhe render adoração levem consigo preciosos pensamentos acerca de Seu cuidado e amor, a fim

¹Klaus Douglas, *Celebrando o amor de Deus* (Curitiba: Esperança, 2000), 11.

²Ibid., 24.

³Ibid., 25.

de poderem ser animados em todas as ocupações da vida diária, e disporem de graça para lidar sincera e fielmente em todas as coisas.¹

Os acontecimentos e experiências da semana deixam marcas. Da semana, os adoradores trazem fardos pesados cheios de problemas que o mundo lhes colocou nos ombros. No culto, os cristãos, como sacerdotes, os apresentam ao Cordeiro de Deus e Sumo Sacerdote.

Função sacerdotal e profética dos membros

É no culto que a igreja, o povo de Deus, dramatiza com mais intensidade a doutrina do sacerdócio universal de todos os crentes. A igreja congregada intercede por todos perante “o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo”. Também, no culto, os adoradores ouvem de Deus a Sua Palavra, a qual deverá ser levada “por todo o mundo” e “a toda criatura”, quando a igreja, na semana seguinte, se tornar de novo dispersa, como na “diáspora”. É a partir do culto que, então, os “sacerdotes”, agora testemunhas e profetas de Deus, exercem também sua função profética e proclamadora, indo “por todo o mundo” e pregando “o evangelho a toda criatura”. Assim, dois momentos sempre se alternam no culto: num, os adoradores cristãos, como “sacerdotes”, se apresentam ao Sumo Sacerdote e falam pelo mundo perante Ele; noutro, eles, como testemunhas do Cordeiro de Deus, o Cristo crucificado, falam para o mundo em nome dEle.

Ellen White corrobora com este tema na seguinte declaração:

‘Vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio

¹Ellen G. White, *Caminho a Cristo* [CD-Rom] (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 103.

santo, para oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo' I Ped 2:5. Então essas pedras que vivem exercem tangível e prática influência na casa espiritual do Senhor. São sacerdócio santo, realizando um serviço puro e sagrado. Oferecem sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus.¹

Liturgia: um serviço alegre e reverente

Sintomaticamente, a palavra “liturgia” no original quer dizer “serviço”. Também é até paradoxal que a liturgia cristã sempre esteve relacionada com “celebração” e “festa do amor” (o *ágape*). As funções sacerdotais e proféticas da igreja têm a ver realmente com celebração e alegria. O que acontece quando um pecador se arrepende? Os anjos não cantam no Céu? Ou quando os “cansados e oprimidos” recebem de Jesus um “fardo leve” e “jugo suave”? Não é isto motivo de gratidão? O que é a pregação do evangelho senão a proclamação profética de “boas notícias” que se tornarão em “alegria para todo o povo”? No entanto, de maneira geral, as pessoas não estão abertas a Deus quando vão adorá-Lo. Existem muitas barreiras para a celebração de um culto verdadeiro, “em espírito e em verdade”. O resultado é que a Palavra de Deus não consegue penetrar no íntimo do adorador. Isso demonstra que a igreja possui enorme responsabilidade em proporcionar um ambiente favorável à adoração.

A estrutura interior do culto clássico, litúrgico, é maravilhosa. O problema é que essa estrutura maravilhosa é entendida por um número menor de pessoas. Entretanto, existem pessoas que foram criadas com esta liturgia e aprenderam a amá-la. Não se pode

¹Ellen G. White, *Fundamentos da educação cristã* [CD-Rom] (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 461.

simplesmente eliminá-la.¹ Mas como encontrar uma saída para esse problema? A solução poderia ser proporcionar dois cultos diferentes à igreja: um tradicional e outro mais moderno; o segundo, tendo adaptações que o tornem mais alegre. Ellen White contribui com este assunto na seguinte declaração:

Aquilo que fazemos para a glória de Deus deve ser feito com alegria, hinos de louvor e ações de graça, não com tristeza e aspecto sombrio. Nosso Deus é um terno e misericordioso Pai. Seu serviço não deve ser considerado como um exercício penoso e entristecedor. Deve ser uma honra adorar o Senhor e tomar parte em Sua obra.²

Alguns poderão refutar que, pelo fato de a igreja ter o papel de educar e salvar, os membros precisam se adaptar a ela, e não o contrário. Até certo ponto, isto é verdade. Mas não se deve esquecer que aquilo que foi inovação, moderno, há vinte anos, hoje é tradição.

A Pioneer Memorial Church, igreja da Andrews University, tem feito um bom trabalho nessa área. Ela oferece dois cultos: um tradicional e um outro mais moderno; o primeiro às 8h30 e o segundo às 11h30.³ Fazendo assim, ela consegue atender a duas classes de adoradores, principalmente os jovens. É interessante perceber que a frequência ao segundo culto é maior.

O culto pode conduzir a igreja a um conflito difícil de administrar, pois alguns membros acharão que a evolução para o culto contemporâneo está sendo muito lenta,

¹Douglas, 278.

²White, *Caminho a Cristo*, 103.

³Esta igreja, localizada em Berrien Springs, MI, foi freqüentada pelo autor por um período de três anos.

enquanto outros acusarão o pastor de estar fazendo mudanças radicais no culto. Contudo, nenhum dos dois grupos está errado, pois são duas concepções de vida que se chocam.

Outro fato é que as igrejas pequenas poderão não ter estrutura e nem membros suficientes para implementar dois cultos. Neste caso, requer-se muita oração e flexibilidade. A liderança da igreja deve ter em mente que é extremamente importante receber iluminação para saber quando, como e onde implantar novas idéias.¹ Aquilo que foi bom numa igreja tradicional pode não servir numa igreja mais moderna. E o que é bom no interior do país pode não ser tão bom numa cidade grande da região. Tudo tem o seu local e devido tempo.

Algumas igrejas podem alegar que estão alcançando os seus objetivos através do culto tradicional. Neste caso, não é bom alterar a liturgia.

Douglas defende a idéia de que uma igreja que se dispõe a fazer um culto de coloração diferente poderá experimentar um sensível aumento na participação dos membros. Igrejas que fizeram isso, segundo pesquisa realizada nos Estados Unidos, cresceram de 20 a 30 por cento.²

Pequenos grupos

Uma pesquisa realizada por Schwarz concluiu que a multiplicação constante dos grupos familiares é um princípio universal de crescimento da igreja. A vida nos pequenos grupos influencia positivamente a qualidade e o crescimento numérico da igreja. Isso

¹Estas idéias serão sugeridas no capítulo 4, levando-se em conta o contexto da Igreja Adventista do Sétimo Dia na União Sul-Brasileira.

²Douglas, 278.

significa que esses grupos não somente estudam textos bíblicos, mas também os relacionam com os fatos concretos da vida diária do cristão.¹

Em primeiro lugar, o que é um pequeno grupo? Dr. Paul Y. Cho responde da seguinte maneira:

O pequeno grupo é a parte básica de nossa igreja. Este não é outro programa da igreja - é o programa da nossa igreja. Ele tem um tamanho limitado, usualmente não mais que quinze pessoas. Tem uma meta definida dentro do meu ministério associado e também no meu. Tem um plano definido que é dado para cada grupo de maneira escrita. Tem uma liderança definida e treinada em nossa escola. Tem membros homogêneos que possuem *background* similar.²

Uma outra definição de pequenos grupos, vinda de Schwarz, diz:

Grupos familiares são o lugar natural em que cristãos, com os seus dons aprendem a servir os outros participantes – membros ou não – do grupo. A multiplicação planejada desses pequenos grupos é facilitada pelo fato de esses grupos produzirem constantemente novos líderes. No contexto dos grupos familiares acontece aquilo que está por trás do conceito de “discipulado”: transferência de vida em vez do estudo de conceitos abstratos.³

Jesus modelou para Seus discípulos, enquanto esteve com eles, uma igreja que estava embasada em relacionamento, viver junto em comunidade. Fora desta comunidade-família, o evangelismo deveria acontecer. Devido à explosão do Espírito Santo no Pentecostes, a igreja cresceu em número e também em qualidade espiritual. “Os que de bom grado receberam a sua palavra foram batizados e naquele dia agregaram-se quase três mil almas. E perseveravam na doutrina dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão e nas orações” (At 2:41-42). Esta é a mais antiga descrição na vida da igreja apostólica.

¹Schwarz, *O desenvolvimento natural da igreja*, 32.

²Paul Y. Cho, *More Than Numbers* (Waco, TX: Word, 1984), 42.

³Schwarz, *O desenvolvimento natural da igreja*, 32.

Tão logo as pessoas se batizaram, foram envolvidas imediatamente em estudo, relacionamento, alimento e oração. Não somente estavam envolvidas, mas as Escrituras declaram que estavam devotadas a essas coisas.

Outra passagem reforça esta idéia: “Todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam suas propriedades e bens, e repartiam com todos, segundo a necessidade de cada um. Perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração” (At 2:44-46). Aqui, segundo Burrill, apesar de alguns autores discordarem desta posição, se observa que o repartir do alimento era feito em casas, o que implica que essa reunião, juntos, não era de todos em um mesmo lugar, mas em muitas casas. O grupo também se reunia regularmente no templo. Todavia, as reuniões eram realizadas primariamente em casas. Evidentemente, milhares del pessoas estavam reunidas em pequenos grupos, nutrindo e fortalecendo-se mutuamente.¹

Esta citação de Michael Wiebe mostra a importância de se trabalhar com os pequenos grupos para alcançar o ideal do Novo Testamento:

Para se conseguir o nível de relacionamento edificante descrito no Novo Testamento, os pequenos grupos são essenciais. Eles oferecem uma oportunidade de conhecer mais profundamente um grupo menor de pessoas. Isto conduz à confiança mútua que permite a cada cristão compartilhar a sua vida com o outro. Então se pode verdadeiramente carregar os fardos uns dos outros, encorajar e mesmo admoestar quando necessário. Conhecendo melhor os outros e a si mesmo através do estudo da Bíblia, oração e do compartilhar, o crente pode crescer e ser semelhante a Jesus, conhecendo-O mais profundamente.²

¹Russell C. Burrill, *The Life and Mission of the Local Church* (Fallbrook, CA: Hart Research Center), 113-114.

²Michael Wiebe, *Small Groups: Getting Them Started and Keeping Them Going* (Downers Grove: InterVarsity, 1976), 6.

Quando o Espírito Santo controla um grupo cristão, cada crente se une a uma pessoa em comum, o Senhor Jesus. Este momento de relacionamento com Ele provê unidade e harmonia ao grupo e conduz todos a uma atmosfera indescritível que não pode ser conseguida fora de um grupo de crentes.

O lugar não é o fator mais importante na adoração das pessoas. Elas não precisam ir a um lugar sagrado com a finalidade de adorar. A verdadeira adoração é definida pela obediência a Cristo em cada ato da vida do cristão. A adoração não pode acontecer apenas uma vez por semana, no sábado pela manhã. É uma atividade realizada durante toda a semana. Adoração é uma vida de obediência ao Mestre. Paulo elaborou esta nova teologia da adoração: “Portanto, rogo-vos, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Rm 12:1).

Cada crente, em harmonia com os dons espirituais, desenvolve um ministério individual para o Mestre. Embora faça um ministério individual, nota-se entre os irmãos uma interdependência, caracterizada pela diversidade dos dons espirituais que produzem o sentido de comunidade (1Co 12). Assim, o entendimento da adoração em conexão com a utilização dos dons espirituais aparece no começo da principal passagem teológica de Paulo que descreve a igreja como uma comunidade. De acordo com o apóstolo, a igreja não se reúne para adorar a Deus, porque adoração é realizada através dos detalhes da vida do cristão, mas para estar em comunidade. Isso não significa que as pessoas não adoram quando vão à igreja. Elas adoram unicamente porque é parte de suas vidas.¹ Se

¹Robert Banks, *Paul's Idea of Community* (Peabody, MA: Hendrikson, 1995), 89.

relacionamento, em termos de comunidade, é o motivo das reuniões da igreja, então ela deve ser composta de pequenos grupos, onde indivíduos possa encontrar comunhão uns com os outros.

A igreja é o principal lugar de reunião para os cristãos, embora algumas pessoas tenham dificuldades de construir relacionamentos em grandes grupos. Por isto, uma grande reunião somente terá significado se os relacionamentos forem construídos nos pequenos grupos.¹

Testemunho

O pequeno grupo faz com que as pessoas se sintam à vontade para compartilhar as suas vidas. Não há nada como uma vida centralizada no testemunho para ilustrar o que está sendo ensinado. Galloway observa: “Quanto mais uma pessoa compartilha com o grupo, tanto mais ela se sente parte dele.”² Os outros membros do grupo também se sentem mais conhecidos da pessoa que compartilhou. O objetivo é que cada um participe da vida espiritual do outro, tornando-se assim uma família. Contudo, existem pessoas que não se sentem confortáveis em partilhar, e isso deve ser levando em consideração.

Ellen White, falando sobre o testemunho, declarou: “Todo homem que sentiu o convertedor poder de Deus torna-se em certo sentido um missionário. Há pessoas amigas às quais pode ele falar do amor de Deus. Pode contar na igreja o que o Senhor é para ele:

¹Burrill, *Life and Mission of the Local Church*, 126.

²Galloway, 112.

um Salvador pessoal; e o testemunho dado com simplicidade pode fazer maior bem do que o mais eloqüente discurso.”¹

É importante chamar atenção para o fato de que podem surgir grupos, em igrejas, que não farão nada a não ser compartilhar. Embora por poucas semanas isso possa ser uma experiência hilariante, irão finalmente deteriorar-se e, sem material novo para ser utilizado, caem na monotonia. Em um grupo de sucesso, compartilhar é um importante ingrediente, mas é muito mais do que isso.

Oração

O pequeno grupo pode ser um ambiente ideal para se aprender a orar. Os líderes e os outros crentes maduros podem, por intermédio de orações curtas e objetivas, ensinar os novos conversos e mesmo os visitantes. Quando todos os participantes aprenderem a orar, poderão desfrutar do prazer de uma conversa pessoal com Deus e o privilégio da oração em conjunto.

Em cada grupo, a oração deve ser uma experiência espiritual em crescimento contínuo. Através da oração, as pessoas encontram respostas para as suas necessidades. Em oração, as pessoas são lançadas juntas em profundo nível espiritual. “A oração é o abrir do coração a Deus como a um amigo. Não que seja necessário, a fim de se tornar conhecido a Deus o que somos; mas, sim, para nos habilitar a recebê-Lo. A oração não faz Deus baixar a nós, mas eleva-nos a Ele”.²

¹Ellen White, *Conselho sobre saúde* [CD-Rom] (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 33.

²White, *Caminho a Cristo*, 93.

Vivendo a Bíblia

A Bíblia não somente deve ser estudada nos pequenos grupos, mas também aplicada à vida diária. Deve-se fazer perguntas práticas: Que promessa o Senhor faz para mim? Qual é a verdade que Deus deseja aplicar em minha vida? Que princípio o Senhor quer ensinar-me nesta lição? Tais questões ajudam a fazer aplicações das verdades como lições à vida diária das pessoas presentes nos pequenos grupos. Mais do que apenas conhecimento bíblico, elas aprendem aplicações da Bíblia na vida diária.

A importância de se fazer uma aplicação eficiente das Escrituras, também foi observada por Ellen White quando escreveu: “O Senhor deseja que aprendais como usar a rede do evangelho. Para que tenhais êxito em vosso trabalho, as malhas de vossa rede precisam estar bem unidas. A aplicação das Escrituras tem de ser de tal modo que o significado seja facilmente compreendido. Então fazei o máximo no recolher a rede.”¹

Em uma determinada reunião, um grupo pode gastar mais do seu tempo disponível em oração. Em outra, mais tempo em compartilhar e, ainda, noutra ocasião, deter-se mais em aplicações e aprendizado bíblico. Mas se espera que a cada semana os três elementos sejam proeminentes em todos os pequenos grupos.

O que os grupos não são

“Pequenos grupos não são um fim em si mesmos”. Certamente, a relação humana positiva entre os crentes realiza uma das principais metas da igreja. Estender as atividades dos pequenos grupos é o maior alvo. Por este ângulo, eles podem ser vistos como um fim

¹White, *Conselhos sobre educação*, 219.

em si mesmo. Para que isso não aconteça, os grupos devem ser conduzidos no caminho do estudo da Bíblia, oração e testemunho.

“Pequenos grupos não são um substituto para o envolvimento com todo o corpo”. Entretanto, o ministério de adultos solteiros, pelo fato de terem interesses e estilo de vida em comum, pode se tornar uma subcultura da congregação, conduzindo seu próprio tipo específico de adoração e ministério sem se agregarem ao grande grupo. Certamente, os pequenos grupos têm a função de suprir as necessidades especiais que não podem ser supridas nas funções gerais da grande congregação. Todavia, nunca devem criar uma subcultura na igreja, a qual se torna uma igreja-dentro-da-igreja. A principal meta ao se trabalhar com adultos solteiros, em qualquer congregação, deve ser o estímulo de não apenas serem servidos em um pequeno grupo, mas de servir o grande grupo que é a igreja.

“Pequenos grupos não são um substituto para as decisões pessoais”. Algumas pessoas podem encontrar no pequeno grupo o apoio nas decisões. Baseado nisso, alguns líderes autocráticos criticam o time de líderes dos pequenos grupos, alegando que os grupos oferecem uma tela de fumaça capaz de esconder pessoas sem liderança e sem disposição para tomar decisões. Naturalmente, isso não é sempre verdade, mas pode ser. Quando os grupos mascaram a incapacidade daqueles que deveriam administrar os problemas de frente, em lugar de resolvê-los à base de interação e diálogo, podem se tornar maldição em lugar de bênção.¹

“Pequenos grupos não são a solução para todos os problemas da igreja”. Uma vez que se reconhece o valor do pequeno grupo, não se deve ousar esperar mais do que eles

¹Kenneth O. Gangel, *Feeding and Leading* (Grand Rapids: Baker, 1989), 231-232.

podem fazer. Por exemplo, se a igreja não domina alguns temas teológicos básicos, tais como a autoridade das Escrituras, a divindade de Jesus ou santuário, mas está vibrando em testemunhar nos pequenos grupos, esse entusiasmo não poderá resolver a situação, mas certamente poderá ser um dado significativo para o pastor no preparo de seus sermões. Em consideração a este fato, o pastor deve se organizar de tal maneira que possa liderar semanalmente um pequeno grupo. Se o líder ou o vice de uma comissão estiver com dificuldades para preparar agendas e conduzir as reuniões, os pequenos grupos não podem ajudar nesta questão administrativa.

Convém advertir que não obstante os pequenos grupos serem bons para o fortalecimento da *koinonia*, comunhão, testemunho e crescimento da igreja, eles não resolvem necessariamente todos os problemas orgânicos e organizacionais da congregação.

Atração e atenção às visitas

A maioria das igrejas concorda que sua maior força está em sua amabilidade. O que elas querem dizer “é que os membros são muito amáveis uns com os outros”. Como eles tratam as visitas é um outro assunto a ser considerado. A maioria dos membros fica em pequenos grupos, conversando, enquanto as visitas permanecem sózinhas, perdidas e olhando para si mesmas. A igreja deve permitir que o público saiba que ela tem um ministério centralizado nas pessoas. A hospitalidade atenciosa não acontece por acaso. Deve ser planejada através de várias ações por parte da congregação.¹

¹Easum, 89-90.

Uma pessoa que visita uma igreja merece uma grande quantidade de créditos, pois visitar um grupo desconhecido certamente requer uma forte dose de coragem. Há o fato de não haver familiaridade com o grupo e nem com o edifício de portas e salas desconhecidas. Talvez o pregador não a conheça. A visita provavelmente não tem intimidade com a liturgia e o significado dos atos litúrgicos. “Não há nada pior do que estar em um grupo íntimo e ao mesmo tempo se sentir fora dele. As pessoas estão se abraçando e você praticamente não conhece ninguém. E isto é um sentimento terrível”.¹ Os membros devem estar cientes de que o zelo pelo crescimento de sua congregação está relacionado com sua preocupação pelo bem-estar das pessoas que os visitam.

Publicidade

A publicidade é um fator básico no processo de atingir as metas no plano de crescimento de uma congregação. Ela serve para motivar ou despertar o desejo nas pessoas, membros ou não, de participarem de eventos normais ou específicos. Também pode ser um meio de alcançar a comunidade, tornando-a mais acessível. Todo o material a ser utilizado deve ser de alta qualidade e contemporâneo. As palavras precisam ser inteligíveis para que as pessoas entendam perfeitamente.

Grandes *outdoors*, simples ou eletrônicos, são excelentes meios de comunicação; inclusive, podem ser colocados em frente da igreja para anunciar os eventos do dia, caso dos eletrônicos, ou da semana. As páginas amarelas são um veículo muito eficaz pelo fato de ser consultado diariamente pelas pessoas. Nelas, é de grande utilidade ter o logotipo da

¹Rauff, 86.

igreja juntamente com um mapa mostrando como chegar até lá. Mala direta e contato direto com pessoas através da internet, telefone e correio são boas alternativas para se oferecer um tratamento personalizado. Jornais, cartazes e revistas comunitárias podem ser meios para utilizar de maneiras criativa a propaganda. E, por fim, é importante que o nome da igreja seja colocado de tal forma que as pessoas não tenham dificuldades para vê-lo.

O rádio oferece, principalmente nos lugares que recebem as transmissões da rede de rádio Novo Tempo,¹ uma extraordinária maneira de alcançar alvos específicos. O melhor momento para alcançar as pessoas pelo rádio é quando elas estão indo ou voltando do trabalho. A televisão é chave para o fator propaganda de uma igreja, especialmente em cidades grandes. O ADSAT, rede adventista de televisão por satélite,² pode ser útil no intento de levar os projetos da igreja ao conhecimento da população do território da USB.

Existem várias maneiras de fazer publicidade. Elas vão depender da disposição, tamanho e disponibilidade financeira de cada congregação ou campo. O mais importante é que a igreja esteja ciente da importância de divulgar o seu nome, usando material da melhor qualidade possível no processo de evangelização.

Recepção

Um ditado popular diz: “A primeira impressão é a que fica.” Se isso for verdade, a

¹Rede de rádio adventista, com 18 emissoras em todo o Brasil, que faz parte do SISAC, Sistema Adventista de Comunicação, com sede em Nova Friburgo, Rio de Janeiro.

²Rede de televisão adventista, que também é parte do SISAC, com sede em Nova Friburgo, Rio de Janeiro.

recepção assume a responsabilidade de impressionar as visitas. Após as boas-vindas, cada visitante deve receber um crachá que o identifique, e que tenha sido checado com a lista de visitas para não ocorrer o inconveniente de perguntar se é a primeira vez. Se for a primeira, o visitante deve receber um crachá com os seguintes dizeres: “Bem-vindo! De seus amigos Adventistas do Sétimo Dia”. Se for a segunda ou mais, o crachá deve estar escrito assim: “Obrigado pelo carinho de participar, mais uma vez, de nossa adoração”. Quando a visita estiver deixando a igreja, alguém deve dizer as seguintes palavras: “Nós esperamos encontrá-lo muito em breve”.

As igrejas que possuem boletins podem utilizá-los para saudar os visitantes e dizer da alegria em recebê-los. Se não houver menção sobre eles, a igreja poderá estar passando aos visitantes uma outra mensagem involuntária, mas negativa: “Nós não planejamos nada para vocês hoje”. E isso, certamente, não é o que a igreja deseja transmitir.

A recepção deve, antes de entregar o crachá, preencher um formulário de informações sobre o visitante. Este formulário necessita conter o número do telefone, endereço ou qualquer comentário que o visitante queira fazer. E também as seguintes perguntas básicas: “Como soube da igreja? Deseja uma visita, oração ou um pacote com mais informações?” Estes dados serão utilizados para contatos posteriores.

Contatos posteriores

As igrejas que almejam ter um plano voltado às visitas, na estrutura de seu planejamento estratégico de crescimento, precisam incluir contatos posteriores. Uma

pessoa que é rapidamente contactada pode se sentir valorizada e motivada a retornar à igreja.

Seria de bom alvitre que cada visitante recebesse uma chamada telefônica ou carta /e-mail do pastor durante a semana. Se retornar na semana seguinte, é sugerido enviar uma carta/e-mail com a relação das classes da Escola Sabatina.

Após o primeiro contato, o diretor do ministério-por-telefone pode marcar uma visita. A visitação pode abrir um canal que possibilite a construção de um relacionamento profícuo. A pessoa tende a se tornar mais acessível quando percebe o interesse, desinteressado, de alguém por ela ou por sua família. No entanto, encorajar os membros a visitar é uma tarefa muito difícil no ministério.

Os contatos posteriores devem continuar até o momento em que os visitantes sejam transferidos para outros departamentos. Lembre-se, “quanto mais contatos forem realizados, maiores serão as possibilidades de se unirem ao corpo de Cristo”.

É notório, pelo que foi discorrido neste capítulo, que os princípios básicos de crescimento são essenciais para o desenvolvimento harmonioso da igreja. A idéia do autor em mostrá-los foi para que sejam utilizados na estrutura do Plano de Crescimento da

Igreja para a USB, apresentado no próximo capítulo. O frescor e a salvação daqueles que, pela implementação destes princípios, forem salvos da rebeldia e do desespero espiritual, oferecerão encorajamento à igreja e fortalecerão o seu alcance. Se as considerações apresentadas ajudarem a fazer isso, terão cumprido o seu propósito.

CAPÍTULO IV

PROPOSTA DE CRESCIMENTO DA IGREJA PARA A USB

O objetivo principal deste capítulo é oferecer um programa que possa contribuir para o crescimento da igreja na União Sul-Brasileira. Este estudo trata de temas que são básicos no intento de envolver leigos e pastores em efetivo ministério. O programa discute passos no processo de elaboração de um plano estratégico para o desenvolvimento congregacional, envolvendo aspectos como reuniões preliminares com a congregação, organização, administração, adoração e serviço. É bom lembrar que os princípios básicos de crescimento da igreja apresentados no capítulo anterior fazem parte deste programa de crescimento.

Isso não será uma tarefa fácil, mas as igrejas na USB não estão sozinhas. Durante a década de 1990, muitas igrejas trabalharam arduamente para crescer. Muitos estudos têm procurado a chave para o crescimento da igreja. Este capítulo reúne alguns desses estudos bem como algumas experiências de igrejas que buscaram crescer.

Quando a semente é plantada, há sempre potencial para crescimento. Mas se o semeador realmente espera um crescimento efetivo, ele certamente irá preparar a terra, plantar a semente e cuidar da jovem planta. Isto requer engajamento, compromisso,

tempo e esforço por parte do semeador. Se certos passos são tomados na sequência correta e as circunstâncias são favoráveis, os resultados são previsíveis.

Assim como acontece com uma semente, cada igreja é dotada de potencial para a vida, beleza, alimento e serviço aos outros. Crescimento de igreja é o resultado da combinação de dois fatores importantes: o trabalho do Espírito Santo e certas ações a serem tomadas deliberadamente em obediência ao Senhor da igreja.

Parte do crescimento da congregação é manifestada quando ela pára de lutar por si mesma para sobreviver e preservar um passado saudosista. Se a igreja olha para a frente com antecipação, em vez de olhar para trás com saudosismo, ela já estará se abrindo para a atuação do Espírito Santo no seu crescimento. Esta é a lição que Jesus ensinou quando falou de carregar a cruz e arriscar a própria vida por Sua causa (Mc 8:34-38). Jesus, mais tarde, referiu-Se à Sua própria morte quando falou do grão de trigo que se torna parte da colheita somente após morrer dentro da terra (Jo 12:24-26). Outro aspecto do crescimento da igreja é que Deus pode fazer algo novo e significativo para uma igreja que permite seu passado transformar-se em semente para o futuro. O passado da igreja, por mais valioso que seja, não irá necessariamente repetir-se em seu futuro; entretanto, Deus, que dá o crescimento, poderá usá-lo como base de sua projeção.

Muitos estudos de crescimento da igreja concluem simplesmente assim: “Igrejas que querem crescer crescem. Igrejas que não querem não crescem. Com o propósito de apoiar uma revisão de um estudo intensivo de crescimento e declínio da Igreja de Cristo nos Estados Unidos, um professor impressionou quando disse a respeito dela: ‘Pequena

por decisão’.”¹ Então, é possível se chegar à seguinte conclusão: “Quando o crescimento é fortemente desejado e certos passos são tomados, o crescimento sempre acontece.”

Investindo no crescimento da igreja

Antes de entrar no programa de crescimento propriamente dito, fazem-se necessários certos esclarecimentos acerca do investimento e complexidade do crescimento da igreja.

Em seu livro *Sua igreja pode crescer*, Peter Wagner afirma: “Nós reconhecemos que ainda temos muito que aprender sobre o motivo de algumas igrejas crescerem e outras não. Simplesmente se deve afirmar: crescimento de igreja é complexo.”² Pelo fato de ser complexo, o crescimento de igreja exige investimento alto e disponibilidade. Por esta razão, os líderes e os membros precisam ter o coração mergulhado neste assunto.

Uma vez que duas igrejas não são iguais, a liderança deve se engajar em esforço significativo para entender sua própria igreja e comunidade. Se a liderança está interessada em aumentar o tamanho de sua congregação ou descobrir uma nova fórmula para criar um clima de amor fraternal, deve estar atenta ao fato de que a igreja e a comunidade são formadas por pessoas que possuem passado, ou seja, terão que trabalhar com pessoas que possuem uma história. As informações do passado podem ajudar a desenhar o futuro e penetrar no desconhecido.

¹Theodore H. Erickson, *Small Church* (Lancaster, PA: Theological Seminary, 1977), 26.

²C. Peter Wagner, *Your Church Can Grow* (Ventura: Regal, 1976), 29.

Há um preço muito grande que deve ser pago pelo pastor e membros que estão comprometidos com o crescimento. É um custo que exhibe a si mesmo em termos de prioridades, tempo, dinheiro e disposição para dar um confortável status quo à nossa igreja; e assim permitir que outros entrem e compartilhem do ministério.

Lyle Schaller comenta que igrejas que têm baixa estima geralmente superestimam o custo do crescimento e ao mesmo tempo subestimam suas potencialidades para crescer. O pastor necessita descobrir ambos, o mais realístico potencial para crescer e o custo real para o crescimento. A seguir, serão apresentados sete tipos de custos, baseados nos dados fornecidos por Duncan McIntosh e Richard Rusbuldt no livro *Planning Growth in Your Church*.

O custo do comprometimento

Para lidar efetivamente com as preocupações relativas ao crescimento, em número ou qualidade, a congregação pode necessitar investir de um a dois anos de intenso esforço para conseguir crescer. Resultados significativos de crescimento de igreja não acontecem do dia para a noite. Os líderes necessitam estar atentos a outras responsabilidades no esforço de crescimento. O crescimento da igreja deve ser, por muitos anos, a prioridade dos pastores e membros leigos. Isso deve se tornar um estilo de vida básico de uma congregação.

Se é para ser um movimento significativo que caminha para o futuro, algumas atitudes devem ser mudadas. Em alguns casos, a atitude do pastor necessitará ser mudada. Em outros, os líderes leigos vão necessitar examinar a si mesmos e fazer ajustes.

Na maioria dos casos, pastores e membros necessitarão de mudanças de atitudes, pois muitas delas estarão envolvidas, tais como: passado *versus* atitudes sobre o futuro, quem é responsável pelo que, novas pessoas, novos programas, novas idéias, comunidade, entusiasmo, participação e oração.

O custo de tornar-se biblicamente instruído

A Bíblia tem muito o que dizer sobre o crescimento do reino de Deus. Isso também se refere ao crescimento da igreja local. É através da Bíblia que a igreja descobre o seu propósito, sua missão e seu potencial para o crescimento. A Bíblia necessita ser viva para o pastor e membros. Muitos pastores necessitam redescobrir o frescor do ministério que incentiva a busca de novas possibilidades e novas perspectivas para o enriquecimento da pregação. Os membros precisam estar dispostos a estudar a Palavra de Deus em uma variedade de lugar e tempo, e não apenas ouvi-la proclamada no sábado pela manhã. Uma das maneiras de se estudar a Bíblia – assunto abordado no capítulo anterior – é por meio dos pequenos grupos, onde as pessoas serão incentivadas a fazer aplicações da Bíblia na vida diária.

O custo da aceitação de mudanças

A frase “Nós nunca fizemos isto antes” pode ser custosa. Por muitos anos, os membros da igreja têm estado quase sempre cheios de fé e comprometimento, mas agora podem ser entrave tanto para o frescor das novas idéias quanto para a liderança do Espírito Santo.

“Na providência de Deus, os que levam a responsabilidade de Sua obra têm-se esforçado por dar nova vida aos velhos métodos de trabalho, e também delinear novos planos e novos métodos de despertar o interesse dos membros da igreja num esforço unido para alcançar o mundo.”¹ “Na obra de resgatar as almas perdidas que perecem, não é o homem quem executa a tarefa de salvá-las; é Deus quem com ele trabalha. Tanto Deus quanto o homem atuam. ‘Sois cooperadores de Deus’. Temos que trabalhar de diferentes maneiras, e permitir que Deus atue em nós para revelar a verdade e revelá-Lo como Salvador que perdoa o pecado.”²

O custo da evangelização

Muitas igrejas não têm nada mais do que uma vaga e geral idéia sobre o compromisso de evangelizar. Qualquer congregação que deseja envolver-se em uma compreensiva abordagem para o crescimento da igreja deve considerar o significado e as implicações do evangelismo. O pastor, juntamente com a congregação, deve fazer um compromisso significativo com a responsabilidade de evangelizar.

Afinal, o que é evangelismo? Evangelismo é o testemunho alegre do povo de Deus, por causa do Seu amor redentor que constrange todos ao arrependimento e conduz à reconciliação com Deus e com os outros. Por intermédio da fé em Jesus Cristo, os crentes são incorporados como discípulos, dentro da igreja, sociedade em construção, para

¹Ellen G. White, *Evangelismo* [CD-Rom] (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 252.

²Ibid., 291.

ter relacionamento, adoração, maturidade espiritual e engajamento na missão de evangelização.

O custo do risco

É um risco “desistir” do passado quando não se conhece o futuro. Na realidade, nenhuma igreja precisa necessariamente desistir do seu passado, mas deve ao mesmo tempo abrir-se para discernir as novas oportunidades que freqüentemente demandam novas maneiras. Aqueles que se agarram às “velhas maneiras” freqüentemente perdem novas oportunidades.

O crescimento da igreja exige inovação. Mas é muito difícil para a congregação desprender-se do seu passado e ao mesmo tempo celebrar a missão, confiando em novos métodos ou possibilidades. Há sempre um risco quando se tenta implantar um novo programa, ministério, ou projeto na igreja. Algumas vezes o preço da tentativa é o fracasso; porém, fracassos freqüentemente fornecem perspectivas valiosas para o futuro.

O custo da assimilação de novos membros

Existem fatores dentro de cada igreja que tendem a desencorajar ou mesmo excluir novas pessoas. Alguns são facilmente identificáveis. Outros não são intencionais, mas são difíceis de serem descobertos. Algumas vezes, sem perceber, faz-se assim: uma congregação pode excluir pessoas por causa do seu prédio, agenda ou maneiras de organizar os grupos e programas.

Adicionar novas pessoas a um grupo significa mudar o relacionamento dentro do grupo. Isso pode significar dar um lugar de liderança aos novos convertidos. Pode exigir

também que os membros antigos tenham que mudar o foco das atenções, que estava sobre eles, para os recém-chegados, com a intenção de fazê-los sentirem-se bem-vindos e amados. O crescimento somente vai acontecer quando a congregação estiver apta a assimilar os novos conversos dentro do seu círculo íntimo de amizade e ministério.

O custo do perdão

Uma ferida deixada sem atendimento leva um longo tempo para cicatrizar e, dependendo da circunstância, pode nunca passar pelo processo da cura. Algumas das maiores barreiras para o crescimento da igreja são as feridas e cicatrizes do passado ou do presente: desacordo, tensão e conflitos. Em algumas igrejas, o assunto é tratado da seguinte maneira: “O tempo cura todas as feridas.” Isso não é necessariamente verdade. Quando a tensão e o conflito permanecem por longo tempo, há necessidade de entendimento e perdão. Aplicar o ensinamento bíblico pode acalmar a dor e o mal-entendido. “Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo” (Ef 4:32). Outra declaração de Paulo aos Colossenses diz: “Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos uns aos outros, se alguém tiver queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai-vos uns aos outros” (Cl 3:13).

Ellen White, seguindo a mesma linha do apóstolo Paulo, adverte que “só poderemos receber o perdão de Deus se também nós perdoarmos aos outros. É o amor de Deus que nos atrai para Ele, e esse amor não nos pode tocar o coração sem criar amor por nossos irmãos... Aquele que não perdoa obstrui o próprio conduto pelo qual, unicamente,

pode receber misericórdia de Deus.”¹ Em outras palavras, o perdão segue uma via de duas mãos; somente pode experimentá-lo aquele que estiver disposto a concedê-lo também. Assim, “nada pode justificar o espírito irreconciliável. Aqueles que não são misericordiosos para com os outros, mostram não ser participantes da graça perdoadora de Deus. No perdão de Deus, o coração do perdido é atraído ao grande coração do infinito amor. A torrente da compaixão divina derrama-se no espírito do pecador e, dele, no de outros”.²

A saúde e o subsequente crescimento do povo de Deus devem ser vistos como suficientemente importantes para seguir os ensinamentos bíblicos relativos ao perdão. Para algumas igrejas, isso pode representar a descoberta do segredo de viver juntos em harmonia. É quase impossível à congregação experimentar crescimento quando está envolvida em contendas ou brigas. Geralmente, os membros, novos e atuais, não gostam da tensão que acompanha as brigas; e certamente não se sentirão persuadidos a permanecer em tal congregação. As igrejas que desejam crescer terão que anexar uma etiqueta com um grande preço: o valor do perdão.³

¹Ellen G. White, *A fé pela qual eu vivo* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1959), 131.

²White, *Parábolas de Jesus*, 251.

³Duncan McIntosh e Richard E. Rusbuldt, *Planning Growth in Your Church* (Valley Forge, PA: Judson, 1983), 27-30.

Estudo de campo

O estudo de campo possibilitou a preparação deste capítulo e parte do anterior, ambos dentro do contexto das necessidades da USB. A pesquisa objetivou escrutinar as facetas do trabalho da igreja, focalizando-se nas necessidades básicas dos membros e da comunidade. Frequentemente, duas coisas, disponibilidade de tempo e sentimentos, estavam diretamente envolvidas. Sendo assim, uma certa quantidade de conflitos, às vezes, foi experimentada. Apesar dos percalços, o estudo resultou em informações importantíssimas, que constituíram um valioso banco de dados que possibilitou analisar e escolher mais adequadamente os princípios utilizados neste programa de crescimento.

As sugestões apresentadas com base neste estudo de campo não têm aplicação universal, pois cada igreja tem o seu perfil. Mas certamente podem ser grandemente utilizadas para ajudar a igreja a ver sua tarefa mais claramente, bem como motivá-la a dedicar-se intensamente na procura de meios de realizar o trabalho com mais realismo.

Pesquisa

O propósito de reunir e interpretar fatores foi revelar as áreas nas quais o trabalho pode ser fortalecido e o crescimento experimentado. Em outras palavras, a razão para se descobrirem as causas é que, através do conhecimento delas, o crescimento pode ser estimulado.

A pesquisa forneceu a oportunidade de estudar o passado visando a influenciar o futuro. Pois quando os métodos e seus resultados são revelados, a força e a fraqueza se tornam evidentes, e novos métodos são descobertos e implementados. Portanto, uma

pesquisa alcança seus objetivos na medida em que isso resulte em mudanças necessárias e crescimento mais adequado.

Alguns dados, relacionados a números e planos de trabalho, foram fornecidos pela Divisão Sul-Americana, União Sul-Brasileira e campos da União de maneira individual. Outras informações, ligadas diretamente ao trabalho da igreja, foram coletadas através de questionários individuais, entrevistas pessoais por telefone e internet. A pesquisa científica de Christian Schwarz foi a base para os questionários e entrevistas.¹

O estudo envolveu cento e cinquenta membros leigos, sete pastores distritais, cinco presidentes de Associações, um tesoureiro (ASP) e o departamental de Ministério Pessoal da USB.² Quanto aos leigos, eram membros atuantes na direção das igrejas, líderes de organizações internas e ativos no ministério, independentemente de cargos. Deste total, 36 por cento eram membros do sexo feminino. Os questionários, propositalmente, não têm os nomes e nem mesmo as idades dos entrevistados e foram todos aplicados em grupos formados por trinta pessoas, reunidos a convite do pastor local. Todas as informações foram coletadas, e os resultados tabulados em um gráfico único na página 101.

¹As perguntas da pesquisa científica se encontram nos apêndices 1 e 2.

²As entrevistas foram realizadas com os seguintes presidentes: Pastor Élbio Menezes, da Associação Catarinense; Pastor Ênio Santos, Missão Ocidental Sul-Riograndense; Pastor Valdinho Quadrado, Associação Norte-Paranaense; Pastor Uesley Peyerl, Associação Sul-Matogrossense; Pastor Marlinton Souza Lopes, Associação Sul-Riograndense. Todos foram entrevistados por telefone nos dias 04-05 de maio de 2003. No caso do Pastor Antonio Moreira da Associação Sul-Paranaense, as entrevistas foram realizadas pessoalmente em Richmond, EUA, e Curitiba, PR. Os distritais foram: Ubiratan Moreira, Izaque de Almeida, Jair de Mello, Paulo Rojaime da Silva, Adelson Raul, Éberton Gomes Vieira, Ari Celso Cidral (ex distrital e atualmente evangelista da ASP) e o departamental de Ministério Pessoal/USB, Jolivê Chaves.

Duração da pesquisa

Desde o mês de outubro de 2000, ocasião em que viajou para o Brasil, o autor começou um estudo de desenvolvimento da igreja, levando em conta as necessidades e realizações da igreja na USB. O autor, a princípio buscando reunir informações para escrever sobre um outro assunto, mas também voltado para o desenvolvimento da igreja no Brasil, catalogou as informações, obtidas nesse período, que posteriormente foram direcionadas para esta proposta de crescimento.

A pesquisa se estendeu por um período além do planejado. Isso ocorreu principalmente em virtude dos acontecimentos de 11 de setembro de 2001, quando se tornou extremamente difícil para os alunos internacionais deixarem os Estados Unidos. Desse modo, o autor, pela dificuldade de ir ao Brasil, precisou utilizar, em muitos casos, o telefone (entrevistas com os presidentes), correio (envio e recebimento de material relacionado com os questionários), internet (aquisição de dados, contatos e outros) e contar com a benevolência de amigos, pastores e membros leigos da igreja. Assim, isso contribuiu grandemente para que houvesse um atraso significativo no projeto.

Análise da pesquisa

A apresentação gráfica mostrada a seguir é um perfil médio das igrejas da União Sul-Brasileira, segundo o estudo. O diagrama à primeira vista pode parecer um tanto abstrato e técnico, mas ele contém uma ampla gama de informações sobre a situação geral das igrejas. Essas informações dão mais ênfase às condições de liderança, ministérios

orientados pelos dons, estruturas funcionais e cultos. Esses dados podem ajudar a identificar obstáculos que impedem o crescimento da igreja.

AS OITO MARCAS DE QUALIDADE NA USB

O levantamento dos dados segue o estilo da pesquisa mais abrangente (*Desenvolvimento Natural da Igreja*) feita até hoje sobre crescimento de igreja: mais de mil igrejas locais em mais de trinta países participaram deste projeto. Esta pesquisa mostrou que a marca de qualidade menos desenvolvida no momento (o chamado “fator mínimo”) é de suma importância, pois limita o crescimento da igreja. Então, é de absoluta

necessidade concentrar todas as forças nesta área. Na USB, o fator mínimo são estruturas funcionais (43). Contudo, o autor não abordou este fator no programa de crescimento por se tratar de uma qualidade muito complexa e difícil de ser aplicada à realidade da USB e de todo o Brasil.

Usando os valores de cada marca de qualidade, foi possível se chegar à média de 52, um valor relativamente bom, mas um pouco abaixo da média, que segundo Christian Schwarz, é necessária para se chegar a 99,4 por cento de probabilidade de crescimento saudável. É bom ressaltar que não foi muito difícil se chegar a esta média (52), devido ao fato de os campos da União possuírem um programa relativamente similar, com exceção de Santa Catarina, que põe uma ênfase maior em pequenos grupos.

Sendo assim, qual é a média ideal? O próprio Schwarz responde com as seguintes citações:

A afirmação de que existe um valor qualitativo mensurável que sempre produz crescimento na igreja (para ser estatisticamente exato, com 99,4 por cento de probabilidade) pode parecer, num primeiro momento, uma blasfêmia. No entanto, os dados levantados não permitem outra interpretação. Sob uma reflexão mais profunda, esse fenômeno já não parece tão admirável, se observado do ponto de vista teológico. Que quer dizer então que uma igreja alcançou o índice de qualidade igual a 65?¹

O autor ainda continua enfático:

A “hipótese do nível 65” não afirma que toda igreja que quer crescer precisa ter o índice de qualidade igual ou superior a 65 em todos os oito aspectos pesquisados. Esse valor de qualidade é muito elevado. A maioria esmagadora de todas as igrejas que crescem têm índices mais baixos. A “hipótese do nível 65” diz simplesmente que, se todos os valores são iguais ou superiores a 65, a probabilidade estatística dessa igreja crescer está em 99,4 por cento. Aqui se trata de um dos poucos princípios de

¹Schwarz, *O desenvolvimento natural da igreja*, 40.

crescimento de igreja para os quais não achamos uma única exceção no mundo inteiro.¹

Esta hipótese 65 não é fácil de ser alcançada. Não dá para fazer um “download” e atingir o crescimento de maneira instantânea. Mas as possibilidades são quase ilimitadas, e sem contar o fato de que a sabedoria e poderes sobrenaturais de Cristo e do Espírito Santo são evidentes em Suas respectivas esferas de atuação.

O estudo também mostrou que, embora a igreja esteja crescendo rapidamente, ainda existem pessoas que não estão envolvidas no ministério, e o crescimento da igreja está relacionado diretamente com o grau de participação delas. Considerando estas informações, este capítulo foi projetado com base no perfil das oito marcas de qualidade observadas nas igrejas da USB. O autor não tem a intenção de trazer todas as soluções, mas oferecer algumas sugestões que sirvam de instrumentos na tarefa de preparar uma grande equipe de voluntários em uma variedade de ministérios.

Preparação para o crescimento

A habilidade do pastor, no preparo para crescer, é um fator que influencia grandemente o potencial de crescimento de uma igreja. Isso está relacionado com determinados passos preliminares importantes na busca do crescimento. A definição do serviço, o desejo de crescer e o compromisso com o crescimento são canais primários que podem contribuir para o processo de desenvolver uma estrutura de trabalho que permita o envolvimento das pessoas com as metas da congregação. Esses passos, que serão

¹Ibid.

apresentados individualmente nas próximas páginas, chamam a atenção da igreja a simples ações: pensar, acreditar e crescer.

Quando os membros se envolvem com a missão da igreja, existe uma grande possibilidade de crescimento. Quando eles identificam a verdade da igreja, sua “razão-de-ser”, e se tornam entusiasmados (palavra que significa “cheios de Deus”), começam a captar a idéia da visão, a qual vai criar um clima de entusiasmo contagiante entre as pessoas.¹ Isso descreverá o potencial da igreja como o corpo de Cristo, o relacionamento vertical com o Espírito Santo e o horizontal com todo o povo de Deus (o laicato de Deus = *laos tou Theou*). Trata-se de algo dinâmico, porque é a vontade de Deus para a Sua igreja neste tempo.

Serviço genuíno

O nível de envolvimento dos membros, no serviço genuíno aos outros, e a determinação em seguir novos planos estarão intimamente relacionado com o conceito que possuem de servir. Assim, este tema se torna muito relevante na tarefa de preparar a igreja para crescer.

Deus, por intermédio das Escrituras, instrui e desafia cada membro a tornar-se um servo. Jesus usou a analogia de um escravo para mostrar aos Seus seguidores o que lhes era esperado. Ele declarou: “Não será assim entre vós. Pelo contrário, todo aquele que, entre vós, quiser tornar-se grande, seja vosso servo, e quem dentre vós quiser ser o

¹Ibid., 17.

primeiro, seja vosso escravo; tal como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20:26-28).

As Escrituras contêm muitas outras passagens de instruções e desafios conclamando os crentes para o serviço.

A vida de Jesus foi o maior exemplo para discipular ontem, hoje e amanhã. Portanto, a definição de serviço deve começar por entender o essencial na vida dEle e o amor que O motivou a uma vida do serviço. Quando este entendimento é claro, os crentes podem viver uma completa e significativa vida cristã que vai refletir o senhorio de Jesus e despertar nos outros o desejo de saber como Ele pode mudar suas vidas.

O pastor tem à sua disposição uma grande quantidade de passagens bíblicas com instruções específicas relacionadas com o serviço aos outros. Elas podem ser úteis para ajudar os membros a crescer no entendimento dos seus compromissos com uma vida de serviço motivada pelo amor a Deus.

Paulo Nogueira, em sua tese doutoral, resumiu em sete pontos o conceito do serviço ou ministério.

1. Todos os ministérios na igreja são de Cristo e devem ser centralizados nEle.
2. Todos os crentes são chamados para encarnar esse ministério.
3. O ministério de Cristo é representado em diversas funções na congregação e reflete uma vasta variedade de dons.
4. O ministério de Cristo é, na sua essência, para indivíduos. Estruturas organizacionais e processos podem ser instrumentos para uso do ministério. Eles podem apoiar, afirmar e encorajar aqueles que estão envolvidos.

5. Qualquer tipo de ministério deve ser organizado e ter líderes capacitados. A liderança deve ser delegada de acordo com os dons e habilidades individuais.

6. O ministério deve ser focalizado nas necessidades da igreja e comunidade. Cada ministério deve ser um canal evangelístico através do qual a igreja realize sua missão e propósito.

7. O propósito real do ministério é focalizar nas pessoas para colaborar no processo de maturidade.¹

A igreja é uma organização sem fins lucrativos que depende do trabalho voluntário para atingir suas metas. Porém, ela tem muito mais potencial do que qualquer outra organização, pois cada crente possui dons e responsabilidades na execução da tarefa. Todos os membros devem ter em mente que “serviço é o amor de Deus em ação”.

Desejo de crescer

No processo de preparar a igreja para crescer, este passo é de fundamental importância. Embora o pastor seja o catalisador do crescimento da igreja, pouco poderá ser feito se a congregação não tiver o desejo de crescer. Lamentavelmente, alguns pastores ou líderes captam esta visão, mas, ao apresentá-la à igreja, deparam com uma muralha, uma barreira intransponível. No entanto, se a congregação for despertada para essa possibilidade e seguir o seu líder, os resultados se tornarão muito visíveis. Moisés foi

¹Paulo Nogueira, “Equipping Laity for Ministry in Multi-Church Districts in Brazil” (D.Min dissertation, Andrews University, 1999), 115.

um líder que se encontrou no meio de muita gente que duvidava e murmurava; os resultados vieram somente quando o povo o seguiu.¹

Não há um padrão preestabelecido para o crescimento da igreja que diga exatamente quando, como e onde começar. Muitas vezes, o desejo de crescer começa com a base de leigos líderes, outras vezes com os pastores. Existem outras situações em que o desejo de crescimento permeia a congregação toda. Evidentemente, o crescimento aparecerá em diversas áreas da igreja.²

Para cumprir a Grande Comissão, tanto o pastor quanto a congregação deverão estar dispostos a pagar o preço. O Senhor nunca disse que segui-Lo seria fácil. Disse: “toma tua cruz” (Mc 8: 34). Porém, também disse: “para que eles tenham o meu gozo completo em si mesmos” (Jo 17: 13). Eis em conclusão, o maior motivo de querer crescer: gozo em amá-Lo, gozo em servi-Lo, gozo em fazer Sua vontade e gozo no discipulado.

Compromisso com o crescimento

Os leigos e a liderança pastoral necessitam fazer um compromisso para crescer. Eles devem estar atentos ao fato de que Deus tem chamado Sua congregação para ser e agir como resultado do chamado. Esse tipo de percepção começa quando líderes influentes dizem: “Nós não somos tudo aquilo que Deus quer que sejamos, mas queremos descobrir a grandeza do Deus que está nos chamando para ser e agir. Nós estamos

¹Miranda, 62-63.

²McIntosh e Rusbuldt, 17.

prontos para ser Suas testemunhas e fazer a Sua vontade, ou seja, o necessário para crescimento da igreja.”¹

Em primeiro lugar, a igreja deve conhecer o propósito de sua existência e sua missão. Quando isso acontece, ela se torna positiva em suas atitudes para com os desafios e oportunidades dentro da comunidade, criando um ambiente para o crescimento. É bom lembrar que o crescimento somente acontecerá se clero e líderes leigos estiverem totalmente comprometidos e empenhados nessa tarefa.

Uma igreja que almeja atingir o compromisso de crescimento, certamente necessitará de trabalhadores e líderes dedicados. Um grupo precisará empenhar-se nos estudos e outro deverá coletar dados. Enquanto alguns buscam orientação divina por intermédio da oração, outros trabalham no processo de planejamento, visão e meios de realizá-lo. Contudo, quando se explora o crescimento da igreja, o mais importante é entender a preciosa lição de que Deus é quem o dá e o faz à Sua maneira.²

Conselhos sobre administração

Baseando-se no perfil do estudo de campo, chega-se à conclusão de que a administração da igreja tem sido um desafio para o pastores no sul do Brasil, e isto fez com que este tema fosse abordado de maneira tão enfática nesta fase do programa de crescimento para USB.

8. ¹C. Wayne Zunkel, *Strategies for Growing Your Church* (Elgin, IL: David C. Cook, 1986),

²Ibid.

Uma administração eficaz é absolutamente necessária para se conseguir harmonia nas atividades do ministério da igreja. Ter direção é vital para a igreja realizar sua missão e crescer. Administração, na igreja ou em outra organização cristã, é crescimento de pessoas e não simplesmente a realização de coisas. Administração de igreja é ministério e não métodos. São pessoas e não papel de trabalho. É direção e não manipulação. Administração é uma ciência, uma arte, um dom. Como ciência, envolve procedimentos e técnicas que podem ser aprendidos pelo estudo e pela prática. Como arte, chama à sensibilidade relacional, intuição e pontualidade. Além do mais, o apóstolo Paulo, em 1 Co 12:28, nomeia administração como um dom espiritual.¹

O aumento do número de ministérios, como resultado do crescimento da igreja, convida a definir com regras claras a forma de gerenciamento e tomada de decisões: que tipo de decisão cada um pode tomar; até aonde pode ir; qual é o limite de gastos para cada um; e se o poder decisório será centralizado ou não. Se as regras ficarem bem claras, as pessoas não terão medo de decidir. Também é preciso definir quais os critérios de avaliação para os ministérios e seus líderes. Se todos souberem como serão avaliados, ninguém poderá dizer que não sabia, e a liderança também não poderá cobrar aquilo que só imaginou, mas não falou. O devido gerenciamento poderá criar o envolvimento geral de toda a igreja na implementação do planejamento. Não basta apenas o envolvimento dos líderes. É necessário contagiar a igreja, no decorrer do desenvolvimento dos projetos, para que os seus vários objetivos sejam alcançados.

¹Powers, 3.

Larry Wade, na introdução do seu livro *Local Church Administration*, escreveu: “É interessante notar que, onde há uma estrutura administrativa apropriada, as pessoas encontram descanso. O trabalho de administrar a igreja é delegar responsabilidades individuais para que ninguém fique sobrecarregado, mas tenha o seu devido lugar nas funções da igreja local.”¹ O mesmo autor apresenta uma definição de administração dizendo: “Administrar é coordenar pessoas e colocá-las em seus devidos ministérios.”²

Uma administração efetiva e em conformidade com a vontade de Deus poderá conduzir a igreja à realização da comissão dada em Marcos 16:15. Pois o objetivo de todas as coisas é que os crentes produzam muitos frutos para o Reino de Deus (Jo 15:1-5).

Comissão de implantação e administração

Uma estrutura organizacional efetiva inclui uma comissão ou conselho administrativo, o qual serve para os líderes como um fórum, guiando o plano, coordenando e avaliando os programas dos ministérios da igreja. Este conselho, que pode ser a comissão da igreja, também tem a finalidade de ser um grupo de apoio para o pastor.³ Ele é responsável pela visão a longo prazo, desenvolvimento dos novos projetos contidos no planejamento estratégico, harmonização das várias áreas de trabalho e também

¹Larry Wade, *Local Church Administration* (Portland, OR: Bible, 1978), 2.

²Ibid.

³É importante salientar que a comissão de implantação e administração é formada por todos os líderes de departamentos ou ministérios da igreja e pessoas técnicas de áreas específicas, sob a direção do pastor.

pela coordenação administrativa e financeira.¹ Serve também para prover encorajamento, informações sobre as reações da congregação, conselhos sobre relacionamentos, progresso do programa, *feedback* e avaliação dos ministérios.

A filosofia a ser implantada no conselho é a mesma que Peter Drucker menciona no livro *Administração de organizações sem fins lucrativos*, a qual se encontra adaptada aqui: “Os membros do conselho são governadores que executam os planos. Eles são embaixadores em seus grupos e ministérios. Finalmente, eles são consultores: quase todos os líderes de ministério possuem alguma experiência profissional cuja contratação seria dispendiosa.”²

Este grupo, provavelmente, terá que se reunir periodicamente, principalmente no período de implantação, com o propósito de descobrir, via avaliação, os sucessos e eliminar os fracassos. A tarefa não é fácil. É bom lembrar que o crescimento da igreja é complexo. Portanto, não existem soluções de fácil aplicação.

Crescimento da igreja não é algo que ocorre imediatamente. A comissão, o pastor e a congregação devem esperar pelas sementes que foram plantadas, na expectativa de que elas criem raízes, cresçam e produzam todos os tipos de frutos necessários. Os membros do conselho precisam suplicar de Deus forças para continuar o processo, discernimento e paciência para perceber os pequenos sinais de crescimento. A confiança no Espírito Santo é fundamental neste processo de “espera” e de “esperança” no Senhor da igreja.

¹O plano estratégico foi abordado no capítulo anterior.

²Peter F. Drucker, *Administração de organizações sem fins lucrativos* (São Paulo: Pioneira, 1994), 146.

Mas os componentes do conselho não podem ficar “esperando no Senhor” e inertes. Embora seja necessário esperar, precisam trabalhar continuamente na obra de crescimento. Muita fé é necessária para persistir no propósito e na experiência do desenvolvimento da igreja. Se o pastor e os membros desejam o crescimento de sua igreja, devem começar a desenvolver o processo e trabalhar com uma forte e vibrante fé.

O conselho deve providenciar algumas pessoas para servir como voluntários no suporte administrativo. Entre eles, uma equipe de informática é de extrema necessidade, tanto na implantação como administração do programa. Esta equipe necessitará desenvolver um banco de dados com informações da igreja, de forma geral, e especificamente das equipes de apoio dos serviços externos, administrativos e transporte. Igualmente, precisará de estatísticas sobre dizimistas, relatórios de participação, crescimento da igreja.

Descobrimo as necessidades

Algumas igrejas tornam-se facilmente atreladas ao seus programas, mas fracassam em fazer uma avaliação periódica, com a intenção de saber se os programas estão satisfazendo as necessidades das pessoas. Muitas vezes, os líderes são culpados por conduzir uma grande quantidade de programas ao fracasso, quando, na realidade, poderiam ser bem-sucedidos. Eles preparam os programas sem levar em consideração as necessidades atuais das pessoas e a vontade de Deus em relação a elas.

Ellen White, falando sobre a necessidade de preparar programas que atendam as necessidades dos membros, disse:

Os ministros de Deus devem aprender o método de trabalho de Cristo, para que possam tirar dos celeiros de Sua Palavra o que irá suprir as necessidades espirituais daqueles por quem trabalham. Somente assim poderão desempenhar-se da tarefa que lhes foi confiada. O mesmo Espírito que habitou em Cristo ao repartir Ele a instrução que estava constantemente recebendo, deve ser-lhes a fonte de conhecimento e segredo de seu poder em realizar a obra do Salvador no mundo.¹

Se um programa foi planejado adequadamente, em termos de liderança, literatura, localização e agenda, e mesmo assim não atrai os membros da igreja, então é bem provável que as pessoas não sentem que esse programa esteja satisfazendo suas reais necessidades.

Uma igreja que insiste em oferecer continuamente o mesmo programa, apesar de a congregação não ter interesse por ele, é como um comerciante que insiste em suplicar que as pessoas comprem o mesmo e velho produto, embora elas não estejam dispostas a fazê-lo. Quando a igreja insiste em promover programas que não satisfazem as necessidades dos membros, ambos, igreja e mercadoria, ficam obsoletos e fora do mercado.²

Nunca se deve mudar um programa que esteja funcionando de modo eficaz, mas freqüentemente há grande relutância em descartar programas que não possuem significado algum para os membros da igreja. “Uma silenciosa maioria da congregação se encontra andando sobre o mesmo e velho labirinto, por causa de uns poucos membros que não querem fazer mudanças e dizem: ‘As coisas têm sido sempre assim e assim vão continuar’.”³

¹White, *Atos dos apóstolos*, 365.

²Howard K. Batson, *Common Sense Church Growth* (Macon, GA: Smyth & Helwys, 1999), 54.

³Ibid., 55.

As igrejas precisam avaliar continuamente todos os seus programas baseando-se no seguinte teste: Estão eles suprimindo as necessidades espirituais da congregação? Quando um programa fracassa em manter o ânimo das pessoas, ele deve gentilmente ser colocado de lado e um novo programa deve ser implantado para trazer vitalidade à comunidade de fé. Se um programa não estiver suprimindo as necessidades das pessoas, isso pode ser avaliado e sentido através do interesse da congregação.

Um programa não precisa atrair uma grande multidão para ser considerado efetivo. De fato, alguns programas padronizados por pequenos grupos na Associação Catarinense da Igreja Adventista do Sétimo Dia estão atualmente fazendo um bom trabalho em satisfazer às necessidades das pessoas. A eficácia pode ser medida pela intensidade e entusiasmo das pessoas em relação ao programa. Se um grupo de apoio para pais idosos é freqüentado por uma dúzia de membros, pode ser considerado um sucesso, pois está atendendo a quem realmente precisa de ajuda. Por outro lado, se um programa de visitação, criado para envolver toda a congregação e alcançar a comunidade, atrai somente algumas poucas pessoas por semana, então parece não satisfazer suficientemente às necessidades dos membros e não pode ser considerado valioso para ter continuidade.

A igreja não deve continuar com um programa unicamente por causa do programa. Alguns pastores poderão argumentar: “Nós recebemos muitos programas da União e Associação e todos já vêm preparados.” Contudo, isso pode não ser um problema se eles forem adaptados à realidade e às necessidades de cada igreja. De acordo com os presidentes dos campos da USB, em entrevista por telefone, os programas, enviados por

eles, procuram atingir as necessidades gerais, em alguns casos verificadas por pesquisas, e podem facilmente ser adaptados ao contexto de cada congregação.

Avaliando as necessidades

O simples ato de começar avaliando necessidades, problemas, desafios e oportunidades, diz Campanhã, é que abre a mente para pensar em coisas em que não se pensaria. Aquilo que não existe na igreja dificilmente surgiria de uma análise de pontos positivos e negativos.¹

Com base nos dados, é necessário fazer uma análise racional da situação da igreja, procurando descobrir a origem das necessidades e problemas. Por exemplo: a necessidade de envolver os membros na obra missionária é uma prioridade, lembrando que cada um participará nessa tarefa pelo uso dos dons espirituais que possui. Outro exemplo: a necessidade de estimular o relacionamento pessoal entre os membros da igreja, pois nunca tiveram amizade e comunhão, mas simplesmente participam de atividades juntos. E, além do mais, existe a falta de motivação que pode estar ligada a problemas ocorridos no passado entre a liderança e a igreja.

A avaliação dos problemas levanta as dificuldades percebidas de relacionamentos, administrativas, financeiras e outras. Alguns problemas podem ser estes:

1. Falta de motivação e compromisso cristão.
2. Pequena participação nas atividades promovidas pela igreja.
3. Falta de recursos técnicos para desenvolver as atividades.

¹Campanhã, 34.

A avaliação dos desafios se relaciona com tudo o que a igreja pode fazer nos próximos anos, levando em consideração as necessidades, problemas, objetivos estruturais e idéias surgidas no grupo. O desafio é um sonho ou visão para ser alcançado a longo prazo. As oportunidades, igualmente, devem se relacionar com todas as circunstâncias, situações, avanços e resultados que podem ser alcançados no trabalho da organização. A oportunidade é algo que está passando pela frente das pessoas e não deve ser desperdiçada.¹ Ellen White escreveu: “O tempo está passando rapidamente, e muito resta a ser feito. Todos os meios devem ser postos em operação para que as oportunidades sejam sabiamente aproveitadas.”²

Administrando os ministérios da igreja

Administrar os ministérios da igreja é criar uma estrutura planejada para capacitar os membros a fazer discípulos, desenvolver o seu poder espiritual e ter direção em sua jornada espiritual. E isso começa com a descrição dos ministérios. De acordo com Campanhã, uma boa descrição precisa responder, ao menos, às seguintes perguntas:

1. Qual é a missão geral do ministério? Por que ele existe?
2. A missão descrita contribui para a missão global da igreja?
3. Existem objetivos específicos bem definidos?
4. Qual é a abrangência do ministério? Que áreas ou atividades ele envolve?
5. A que grupo específico de pessoas o ministério está direcionado?

¹Campanhã, 33-35.

²White, *Atos dos apóstolos*, 159.

6. Que atividades ou programas o ministério precisa desenvolver para alcançar seus objetivos?
7. Que atividade(s) ou programa(s) este ministério precisa desenvolver em parceria com outros ministérios da igreja para atingir seus objetivos?
8. Que área(s) ou projeto(s) o ministério precisa desenvolver?
9. A quem o ministério está subordinado, quem assessora e quem coordena?
10. Qual é a área de ação específica na igreja para a qual o ministério está direcionado?¹

Essas perguntas ajudam a criar a descrição dos ministérios ou áreas de atuação da igreja. O ideal é que a descrição de um ministério não seja muito sucinta nem muito detalhista.

O coordenador do ministério e sua equipe devem ter a direção para o trabalho, que será realizado ao lerem a descrição do ministério. Futuramente, quando essa equipe for substituída por outra, os sucessores também devem entendê-la. Ela não pode ser escrita pensando apenas na realidade vigente.

Na hora de criar a descrição, deve-se sempre lembrar que ela expressa uma ação. Alguns verbos muito usados no processo são: desenvolver, coordenar, supervisionar, planejar, gerenciar, manter, zelar, dirigir, avaliar, promover, etc.

¹Campanhã, 247.

Todas as atividades dos ministérios devem estar sob a supervisão da comissão de implantação e administração, e os casos relacionados a evangelismo à subcomissão de evangelismo. Isso é para evitar que haja duplicidade de atuação ou conflito de interesse.

Os exemplos a seguir apresentam a aplicação dessas diretrizes na elaboração da descrição de cada ministério:

Ministério de diaconia: Os diáconos, homens e mulheres, são servos de Deus na igreja. São responsáveis por servirem junto ao pastor na execução de tarefas que dão suporte ao ministério pastoral. Eles usam seus dons espirituais na proclamação do evangelho, auxílio a crentes e não-crentes, encorajamento, ação social, administração, hospitalidade e intercessão. Promovem a comunhão e harmonia entre os membros da igreja; e detectam necessidades materiais de famílias da igreja, viabilizando suporte e ajuda.

Ministério de missões locais: Esse ministério ajuda a coordenar a implantação e desenvolvimento da ação missionária local da igreja. Assessora na formação do fundo para a expansão missionária; e elabora e executa projetos missionários e evangelísticos.

Ministério de evangelização pessoal: Treina e equipa os membros para a evangelização pessoal. Envolve a igreja em projetos de evangelização, por meio de uma participação pessoal e direta. Desenvolve projetos de evangelização, utilizando os membros da igreja com o dom do evangelismo. Treina os membros da igreja que participam dos projetos sociais para a área de evangelização pessoal.

Ministério de evangelização especial: Coordena a realização de projetos

evangelísticos; e dinamiza a evangelização em hospitais, presídios, escolas, indústrias, canteiros de obras e outros lugares.

Ministério de integração: Coordena o programa de pequenos grupos e a integração dos novos convertidos. Promove a integração dos novos convertidos à igreja, desde a sua decisão até o batismo. Promove a evangelização e a integração dos surdos na igreja. Também coordena a assistência e integração dos novos convertidos, treinando membros para atuar junto a eles. Treina membros da igreja para o desenvolvimento do ministério de apoio espiritual, visitaço e aconselhamento de novos convertidos.

Ministrio de treinamento de lderes (Academia de Treinamento: Desenvolve um Programa de Treinamento de Lderes, objetivando a formao, treinamento e reciclagem de lderes, nas diversas reas de ministrio. Forma lderes e capacita crentes a exercer com autoridade as suas funes para com o trabalho da igreja. Serve como sustentaco ao crescimento da igreja, contribuindo para o aprimoramento espiritual dos novos crentes que estaro se filiando igreja. Produz material de suporte ao treinamento, visando a equipar os cristos para o ministrio prtico na igreja local.

Ministrio da sala de orao: Implanta e mantm a sala de orao, atendendo a todos os segmentos da igreja; mantm a sala de orao sempre aberta, como um refgio para todos que desejarem falar com Deus de modo mais especfico; e mantm grupos de orao intercedendo pelas atividades da igreja enquanto elas se realizam.

Ministrio da recepo: Coordena o servio de boas-vindas e recepo de pessoas durante as atividades da igreja; e cria um ambiente agradvel para o bem-estar de todas as pessoas, especialmente os visitantes.

Ministério de som & imagem: Organiza e controla a utilização do serviço de som e imagem; assessora os ministérios da igreja na realização de atividades externas. Busca sempre a otimização de serviço por intermédio de treinamento do pessoal de som e imagem.

Ministério da terceira idade (também chamada de “melhor idade”): Organiza e desenvolve atividades e programas para os membros da igreja que sejam da terceira (ou melhor) idade; desenvolve atividades de integração e comunhão para as pessoas idosas; identifica necessidades dos membros da igreja da terceira idade e oferece-lhes apoio espiritual, emocional e prático.¹

Existe uma infinidade de ministérios a ser desenvolvidos. Todavia, faz-se necessário que os membros identifiquem os ministérios da igreja nos quais os seus dons poderão ser colocados em prática. Em relação aos dons espirituais, é possível descobri-los através de um teste que Christian Schwarz apresenta, em seu livro *O teste dos dons*.²

Escolhendo os líderes dos ministérios

Um pastor administrador deve estar atento ao fato de que não basta ter uma estrutura baseada em ministérios para que ela funcione. Também não basta ter uma descrição detalhada daquilo que cada ministério deve fazer. É preciso ter a pessoa certa e capacitada em cada ministério ou área de atuação da igreja. Para ter o indivíduo certo, no lugar certo, pelo motivo certo, que é o princípio da rede ministerial e do uso dos dons

¹Campanhã, 247-264.

²Schwarz, *O teste dos dons*, 36-59.

espirituais, é preciso que se saiba escolhê-lo. Cada ministério terá ainda agregado à sua área outros membros da igreja que comporão a equipe de trabalho.

A seguir, estão oito sugestões que poderão ser úteis, em qualquer situação, para ajudar o pastor a montar sua equipe de líderes de ministérios:

1. É importante lembrar que as pessoas serão chamadas de acordo com os dons espirituais que possuem.

2. Deve-se pedir a Deus que aponte as pessoas para assumir os vários ministérios. Deve-se também pedir ao Senhor que confirme isso no coração delas.

3. É necessário ter uma lista de ministérios, dentro da estrutura da igreja local, juntamente com os dons requeridos para exercê-los.

4. O líder necessita conhecer as características básicas de cada ministério, e então fazer uma lista com nomes de membros que tenham os dons espirituais que condizem com aquele ministério.

5. Depois de relacionar as pessoas, orar novamente, de modo específico, em favor de cada uma delas. Conversar informalmente com elas para saber o que pensam sobre o assunto. Ainda não deve fazer convites. Se depois da conversa informal, após o líder sentir a convicção de que essa é a pessoa certa para o lugar certo, pelo motivo certo, então deve convidá-la.

6. Cada ministério tem um coordenador e auxiliares. Neste caso, pode-se ter quantos auxiliares desejar. O importante é que essas pessoas tenham dons espirituais relacionados com a área de atuação.

7. É importante que as pessoas assumam atividades dentro de um determinado limite. Ninguém deve ser considerado pelo número de cargos que tem.

8. Faz-se necessário estabelecer uma avaliação periódica do trabalho que será desenvolvido.¹

Em João 10:25, Jesus disse: “Eu já vos disse, e não credes. Os milagres que Eu faço em nome do Pai falam por mim.” Jesus realizou Seu ministério do jeito que os cristãos devem realizar, refletindo o amor de Deus. O plano de ministérios representa o entendimento da igreja para com a vontade de Deus no tempo presente. Este plano fala à comunidade, aos membros da igreja, aos pobres e ricos.

João 10:22-30 reflete o relacionamento de Jesus e o Pai, e a influência que isso teve sobre a Sua vida e ministério. Para Jesus, tudo que Ele fez refletiu a intensa intimidade com o Pai. Do mesmo modo, deveria ser com cada cristão em cada igreja. O plano de ministérios pode influenciar diretamente no programa oferecido aos membros e à comunidade; entretanto, mover uma igreja para a ação não está simplesmente no programa, no plano de ministério ou atividades, mas na renovação espiritual no coração e na vida das pessoas.²

Conselhos sobre adoração

Embora as perguntas estivessem mais relacionadas aos cultos, a pesquisa mostrou que adoração precisa ser uma das bases da estrutura do programa de crescimento

¹Campanhã, 264-267.

²Kent R. Hunter, *Moving the Church into Action* (St. Louis: Concordia, 1989), 15.

designado à USB. Ao implementá-lo, o pastor estará contribuindo para que os membros entendam que é um privilégio manter uma relação íntima e pessoal com Deus. E isso não pode acontecer simplesmente no sábado pela manhã, mas deve ser um estilo de vida. Ao interagir com Ele em nível pessoal ou coletivo, o adorador estará ciente de que esta relação é extraordinária.

Nos dias de Paulo, os templos (edifícios) eram os lugares aonde os pagãos se dirigiam a fim de conversar com seus deuses. Mas Paulo não queria que o edifício se tornasse tão importante para os seguidores de Jesus. Ele lembrou aos cristãos que eles mesmos deveriam ser templos do Espírito Santo (Ef 2:19-22). Jesus havia dito antes: “Mas vem a hora, e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade, pois o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade” (Jo 4:23-24).

No livro *A Call to Worship*, o autor diz que “a adoração é um fim em si mesmo, adoração é glorificar a Deus. O único e legítimo foco de adoração é Deus. Ele declara: ‘Eu sou o Senhor; este é o meu nome! A minha glória a outrem não a darei, nem o meu louvor a imagens de escultura’ (Is 42:8)”.¹ As funções na vida da igreja podem facilmente tornar-se o foco da congregação. Isso pode acontecer quando os aparelhos se tornam um fim em si mesmos; quando atividades substituem a vida real; quando negócios tornam-se o padrão que rapidamente justifica os meios; quando Deus é destronado do serviço de adoração, e as criaturas são colocadas no lugar dEle. Quando tudo isso acontece, as igrejas morrem. Entretanto, quando Deus permanece o foco central e os crentes O

¹Randy T. Hodges, *A Call to Worship* (Kansas City: Beacon Hill, 1996), 23.

adoram, todas as outras atividades, individuais ou em grupo, assumem os seus devidos lugares. As peças se adaptam e se tornam um meio quando Deus é adorado.¹

Para a maioria das igrejas adventistas do sétimo dia, a significativa experiência de adoração acontece no sábado pela manhã. Porém, a adoração pode e deve acontecer como parte de muitas outras reuniões, classes e eventos na vida da igreja. Obviamente, como já foi abordado, a verdadeira adoração também acontece nos detalhes da vida do cristão durante a semana.

Uma significativa experiência de adoração tem muitos ingredientes, tais como louvor, confissão, perdão, gratidão, celebração, afirmação, consciência da presença de Deus, relacionamento, introspecção, esperança, aprendizado e senso da grandeza de Deus. Pelo fato de existirem muitos ingredientes possíveis, nenhum serviço de adoração poderá oferecer “tudo” para “todos”. Diferentes pessoas encontram significados em diferentes partes da experiência de adoração.

A maneira como os ingredientes do culto são apresentados é muito importante para se criar uma atmosfera apropriada para adoração em conjunto; e isso é vital para uma congregação que deseja crescimento saudável. A atitude do líder, no momento da adoração, é rapidamente transmitida para os adoradores. Ele transmite o espírito de adoração através da atitude de adorador caloroso e interessado no bem-estar dos outros adoradores. Jamais deve transmitir uma atitude fria, distante e indiferente. A seguinte declaração de Nelson de Oliveira reafirma a necessidade de a pessoa interagir e conectar

¹Ibid.

com os elementos do serviço de adoração: “Durante a experiência de adoração, os adoradores devem sentir que são participantes e não apenas expectadores. As igrejas altamente efetivas na experiência de adoração levam a sério a responsabilidade de conectar pessoas a Deus.”¹

Adoração, de acordo com as palavras usadas no Novo Testamento, é trabalho, serviço, alegria, gratidão e vida. É um presente do cristão contrito a Deus (Rm 12:1; Hb 13:16). Em adoração, o cristão reconhece a majestade do Filho, a imensa gratidão a Deus pela vitória de Jesus sobre o pecado e a morte, bem como confessa sua esperança no Seu breve retorno.

A adoração cristã em conjunto reúne aqueles que possuem uma fé em comum, a fé em Cristo Jesus. A adoração em grupo é a reunião do povo de Deus, a formação do corpo para moldar o relacionamento.

O livro de Atos é claro ao apresentar que os cristãos dependiam um dos outros. Estavam juntos, reunidos, e isso era vital para o seu crescimento e desenvolvimento na fé cristã. Hoje, é necessário oferecer um serviço de adoração que ofereça oportunidade para aqueles que participam de alcançar e tocar Deus, assim como também uns os outros. Neste sentido, a adoração a Deus tem duas dimensões indivisíveis: a vertical, na relação com Deus, e a horizontal, na relação com o próximo.

¹Nelson Fernando de Oliveira Jr., “An Integration of Quality Assurance and Existing Worship Components: A Model to Improve Worship in the Small Seventh-day Adventist Church” (D. Min. dissertation, Andrews University, 2002), 2.

Equipe de adoração

A responsabilidade, em relação a este importante assunto, pertence ao pastor e à equipe de adoração. Ambos podem fazer muito para construir uma dinâmica e crescente experiência de adoração na igreja. Em seu livro *The Habits of Highly Effective Churches*, George Barna declara que “uma adoração genuína e dinâmica é um antídoto para a anemia espiritual”.¹

A equipe de adoração pode ser formada por representantes do ministério da música, diaconia, encenação, audiovisual, informática e comunicação. É imprescindível que o pastor trabalhe em sintonia com ela, para que os elementos utilizados na adoração sejam organizados de tal forma que produza harmonia entre as partes envolvidas e, assim, forme um ambiente favorável para oferecer cultos inspiradores.

Os membros da equipe devem trabalhar como catalisadores de idéias. Podem contribuir na preparação dos sermões, pesquisando fatos atuais, dados científicos e histórias relacionadas com o tema. Outrossim, podem auxiliar na elaboração de “power point”, no preparo e ensaio dos hinos para o louvor, na encenação e cenário do tema principal ou qualquer outra necessidade relacionada com adoração. Enfim, esta equipe é fundamental para o “antes” e o “depois”. Dividindo as responsabilidades, o pastor dispõe de tempo extra para dedicar-se mais aos sermões e à parte espiritual.

Dependendo do tamanho da igreja, o pastor precisará se reunir pelo menos uma vez por semana com a equipe, para que todos os elementos do culto sejam verificados. Há

¹George Barna, *The Habits of Highly Effective Churches* (Ventura, CA: Regal, 1999), 111.

casos de igrejas que possuem salas específicas para isso. O pastor poderá necessitar de reuniões extras com departamentos que estejam mais diretamente envolvidos na adoração da semana.

Música e adoração

A adoração é incompleta sem a música. Através dela, o crente expressa ao mesmo tempo sentimentos e pensamentos. A música é um instrumento que alcança a maioria das pessoas. Ela é também um excelente meio para contar as boas-novas da salvação. Assim, as igrejas na União Sul-Brasileira devem tê-la como elemento-chave no serviço de adoração.

Quando a música sacra é usada para a edificação da igreja, é possível notar a intensidade da sua influência nas pessoas em casa. Em outras palavras, a influência da música é percebida na vida das pessoas após o culto, nos detalhes das atividades diárias.

Como todas as expressões de vida da igreja, a música precisa ser avaliada de acordo com o propósito do serviço a Deus. Na realidade, a música sacra muitas vezes tem sido um obstáculo para a edificação da igreja, porque confirmava os ouvintes no seu cristianismo errôneo em vez de chamá-los ao discipulado. Isso fazia com que as pessoas se sentissem boas cristãs simplesmente ouvindo uma boa música. Isso vale, aliás, também para a música sacra moderna: o prazer estético e os sentimentos sublimes facilmente se colocam no lugar da fé em Cristo, da comunhão verdadeira e do serviço prático. Esse tipo de “cristianismo cultural” não tem muito a ver com a fé bíblica.¹

¹Douglas, 45-46.

A decisão fundamental a respeito da estrutura musical do culto é se a igreja quer buscar as pessoas lá onde elas estão. É obvio que isso não é fácil, pois as pessoas não podem ser padronizadas, e, não importa o estilo de música que seja escolhido para o culto, ela sempre atrairá algumas pessoas e afastará outras. Cada pessoa tem uma forma diferente de perceber a música, e nenhum estilo provoca em todas as pessoas o mesmo tipo de sentimentos. Não importa se toquem Beethoven, rock ou Chitãozinho e Xororó, sempre haverá pessoas que gostam ou não deste tipo de música.¹ Apesar das diferenças de gostos musicais, a música cristã precisa ser sadia no seu texto e ao mesmo tempo relevante e atraente; portanto, muita atenção é necessária na hora de escolher e preparar as músicas a serem cantadas no culto de adoração.

Ellen White escreveu: “Como parte do culto, o canto é um ato de adoração tanto como a oração.”² A música é o meio de comunicação com Deus de coração para coração. “Firme está o meu coração, ó Deus, ...cantarei e entoarei louvores”. “Cantarei ao Senhor enquanto eu viver” e “à noite comigo está o Seu cântico” (Sl 57:7; 104:33; 42:8). O livro de Salmos está repleto de expressões muito íntimas desta arte. Cantar a Deus é a expressão mais íntima do ser do cristão e, somente como expressão da intimidade do ser, ela tem a sua razão e o valor de ser.

Poucas coisas conseguem motivar – ou desmotivar – mais uma pessoa do que a música que ela gosta - ou não gosta. A propósito, Platão disse: Dê-me a música de um povo e eu mudarei a mente deste povo! Também se pode inverter esta conclusão: A

¹Ibid., 49-50.

²White, *Educação*, 168.

pessoa que não conseguir tocar a música de um povo não irá alcançar esse povo e, por isso, também não conseguirá influenciá-lo. A música no culto sempre será motivadora ou desmotivadora para as pessoas presentes. Se não conseguir motivar, infelizmente fará o contrário.¹

Por atuar tão profundamente sobre o mais íntimo do ser, a música tem uma função terapêutica. Há terapias inteiras baseadas neste princípio. A música sacra não é exceção. Pelo contrário, cada música cantada no culto deveria contribuir para a cura das pessoas. A letra, o ritmo e a harmonia devem ajudar nesse processo. Repetidas vezes, percebe-se a ênfase nestas duas principais atividades nos relatos sobre o ministério de Jesus: Ele pregava e curava (Mt 4:23; 9:25). Todo culto deve espelhar este serviço duplo de Jesus às pessoas, mesmo que a proclamação assuma caráter terapêutico e a música expresse proclamação. O importante é que os dois elementos andem de mãos dadas, como no ministério terreno de Jesus.

A música tem o papel de chamar à adoração, pois muitas pessoas vão à igreja carregando um imenso fardo de problemas acumulados durante a semana, e precisam ser esvaziadas, a fim de que a mensagem apresentada alcance seu efeito restaurador e ocupe a mente dos adoradores. Hodges confirma esta posição quando diz: “A música conduz as pessoas a uma resposta emocional no serviço de adoração. Tem sido dito ‘que a música abre o coração para a Palavra preenchê-lo’. Quando a música escolhida para o serviço de adoração toca o coração das pessoas, é mais fácil comunicar a Palavra de Deus.”²

¹Douglas, 61.

²Hodges, 107.

O louvor pode começar em um crescente. Primeiro, convida com músicas alegres e vibrantes e depois prepara com músicas calmas e introspectivas. Em resumo, a música convida à adoração, prepara o adorador para receber o abraço do Criador e serve como um meio fundamental de diálogo com Deus.¹

Em nenhum lugar da Bíblia se diz que no Céu haverá pregação ou profecia, mas música existirá (Ap 14:2-3). Cantar, tocar e louvar a Deus serão atividades importantíssimas dos anjos e da igreja glorificada. A linguagem do coração será universal e facilmente compreendida. Hoje, só é possível experimentar ou imaginá-la parcialmente através da música nos cultos, mas virá o tempo em que o crente não somente imaginará, mas também cantará e louvará ao Senhor Deus para sempre.

Doação e adoração

Em adoração, o crente declara que Jesus é o Senhor. Isso inclui reconhecer que Cristo demanda um lugar de prioridade em sua vida, mesmo em se tratando de dinheiro (Mc 10:21). A oferta não é apenas uma maneira de coletar dinheiro. É um sinal de dedicação a Deus. Portanto, os líderes de adoração devem preparar o chamado a “dar” como também a oração em prol das ofertas. O ambiente deve ser preparado de tal forma que venha a contribuir para formar um sentimento de gratidão no coração dos adoradores. De todos os motivos para o cristão dar, o primeiro deve ser a alegria da obediência em resposta ao amor de Deus, em vez de uma relutante ou forçada submissão. Ellen White resumiu em poucas palavras a teologia do “dar”:

¹Pamela Ann Moeller, *Exploring Worship Anew: Dreams and Visions* (St. Louis: Chalice, 1998), 113.

O espírito de liberalidade é o espírito do Céu. Este espírito encontra sua mais alta manifestação no sacrifício de Cristo sobre a cruz. Em nosso benefício o Pai deu Seu único Filho; e Cristo, tendo renunciado a tudo o que possuía, deu-Se a Si mesmo, para que o homem pudesse ser salvo. A cruz do Calvário deve ser um apelo à beneficência de cada seguidor de Cristo. O princípio aí ilustrado é dar, dar. "Aquele que diz que está nele, também deve andar como Ele andou." I João 2:6.¹

O dinheiro que se devolve a Deus não desaparece simplesmente; ele é investido assim como se investe na semente para depois haver uma colheita mais rica. Pode ser que colham bênçãos materiais, inesperadas, como resultado da entrega pessoal. No entanto, esta bênção pode vir em forma de alegria indizível ou como um sentimento novo de liberdade que não se conhecia antes.

Incentivando a adoração no lar

Adoração é mais do que uma atividade de pessoas reunidas no último dia da semana. Ela é um constante louvor dos filhos de Deus. Portanto, é natural que a equipe venha a encorajar a adoração como parte das atividades diárias das famílias da igreja. E, igualmente, incentivá-las a seguir os conselhos de Ellen White no livro *Orientação da criança*, onde ela sugere ao chefe de família que os cultos familiares sejam curtos e espirituais visando a quebrar a monotonia e a despertar o interesse nos filhos ou qualquer membro da família.²

A equipe deve também incentivar os membros a adquirir a *Meditação Diária*, *Inspiração Juvenil*, *Meditação da Mulher*, DVDs ou outros materiais úteis no momento

¹White, *Atos dos apóstolos*, 339.

²Elen G. White, *Orientação da criança* [CD-Rom] (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 521.

de adoração em família. Se necessário, fazer arranjos financeiros para que ninguém fique desprovido de material para ser usado no culto do lar.

Os membros devem ter oportunidades de contar à igreja as bênçãos da adoração no lar e a influência em suas vidas. Alguns membros podem ser chamados para demonstrar, durante o serviço de adoração na igreja, como eles fazem o culto de adoração em casa. Uma boa época para se fazer isso é quando a igreja está abordando temas alusivos à família. É muito importante que a promoção da adoração familiar seja realizada regularmente no boletim da igreja e esporadicamente no púlpito.

Conselhos sobre evangelismo

Um bom programa de evangelismo vai afetar e ser afetado por tudo o que a igreja faz. Assim, é preciso ter em sua estrutura um processo que ajude o membro a identificar em que área pode contribuir para o evangelismo da igreja. Essa necessidade se tornou muito evidente no estudo de campo realizado na USB.

Nada parece quebrar melhor o elo que segura uma igreja ao seu passado do que o evangelismo. A igreja que está ganhando almas para Jesus tem uma vibrante e renovada atmosfera. Pessoas novas trazem novas idéias e novas possibilidades para dentro da congregação. O dinâmico testemunho de amor, que motiva pessoas a comprometer suas vidas com Jesus, é a base para o crescimento em qualquer congregação.¹

A estratégia de Jesus para evangelismo está centralizada na igreja. Ele é o líder. A igreja existe para exaltá-Lo, equipar os santos e salvar pecadores. Quando Ele é exaltado,

¹McIntosh e Rusbuldt, 85.

Sua vida permeia o corpo com vitalidade, e os santos são equipados na relação da vida de Cristo com o Corpo. Evangelismo é o resultado natural de um corpo preenchido de Cristo, vivo e funcionando dentro de uma comunidade. Evangelismo não é um evento, uma reunião, ou uma atividade. Pode incluir todos esses pontos, mas evangelismo é muito mais. “Evangelismo é o fluir da abundância da vida de Cristo no corpo da igreja.”¹

Jesus deu à igreja, em Atos 1:8, a seguinte estratégia de evangelismo: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra.” É uma estratégia de evangelismo contínuo, um estilo de vida. Suas palavras finais, antes de ascender de volta para o Pai, reiteram Sua estratégia para a evangelização do mundo.

Estas são palavras de missão, palavras de inescapável responsabilidade e privilégio. Elas ficaram plantadas na mente e coração daqueles que as ouviram no monte da ascensão. Essas palavras têm ainda queimado os corações, hoje, pelo poder do Espírito Santo.

No evangelho de Lucas se encontra a seguinte declaração: “E disse: Eis o que está escrito: O Cristo padecerá, e ao terceiro dia ressurgirá dentre os mortos, e em seu nome se pregará o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém. Vós sois testemunhas destas coisas” (Lc 24:46-48). A morte e ressurreição de Jesus Cristo é a mensagem para a evangelização do mundo. A missão é chamar pessoas de todas as nações para ir a Ele pelo arrependimento dos pecados. A missão é dizer que “há só um poder capaz de romper no coração do homem a força do mal, e esse é o poder

¹Robinson, 145.

de Deus em Jesus Cristo. Unicamente pelo sangue do Crucificado pode haver purificação do pecado”.¹

“Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra” (At 1:8). Os discípulos de Jesus, hoje, são agentes de redenção quando testemunham, preenchidos pelo Espírito Santo, o evangelho do perdão às pessoas, e elas respondem e são perdoadas. Se a igreja deliberadamente desobedece ao mandado de testemunhar as boas novas de perdão, pessoas permanecerão em seus pecados.

Evangelização orientada para as necessidades

Nesta tarefa de evangelizar, “é fundamental fazer diferença entre cristãos que receberam de Deus o dom de evangelismo (evangelistas) e cristãos a quem Deus deu outros dons”.² De acordo com esta declaração de Christian Schwarz, nem todos são evangelistas. Ele afirma também que apenas “10 por cento dos cristãos possuem este dom”.³ E o restante? Como eles vão participar na tarefa do evangelismo? No fim das contas, o evangelismo não é a essência da igreja? Estas questões serão respondidas por uma citação do livro *O desenvolvimento natural da igreja*:

É a tarefa de cada cristão, no entanto, servir àqueles não-cristãos, com quem ele tem um bom relacionamento, com o dom que Deus lhe deu e engajar-se para que esta pessoa entre em contato com a igreja e ouça o evangelho. Deste modo, a chave para o crescimento da igreja é ela direcionar as suas atividades evangelísticas para os

¹White, *Evangelismo*, 601.

²Schwarz, *O desenvolvimento natural da igreja*, 34.

³Ibid.

questionamentos e dificuldades dos incrédulos. Nisso a “evangelização” orientada pelas necessidades difere das formas manipulativas em que a orientação pelas necessidades é substituída, freqüentemente, por pressão sobre o incrédulo.¹

Em outras palavras, os membros que não possuem o dom de evangelizar podem participar servindo aos não-membros que já conhecem através do dom que Deus lhes deu; e fazer tudo para que essas pessoas entrem em contato com a igreja e recebam o evangelho. Assim, todos os crentes podem participar no evangelismo e todos ajudam a cumprir a Grande Comissão do Mestre.

Freqüentemente, alguns membros se frustram porque acham que o dom do evangelismo é um pré-requisito de todo fiel cristão, mesmo em detrimento dos dons que porventura possam ter. É gratificante saber que cada cristão que não possui o dom de evangelismo pode ser indiretamente um evangelista. Basta apenas utilizar os seus dons espirituais para influenciar e colocar pessoas em contato com a igreja com o objetivo de serem evangelizadas.

Organizando-se para o evangelismo

Antes de começar o evangelismo, faz-se necessário passar por um processo organizacional. Se a igreja não tem um grupo responsável por isso, é importante que alguém ou grupo assuma esta responsabilidade. Mesmo as pequenas igrejas devem ter uma comissão responsável por planejar e acompanhar o que está sendo realizado. Não é suficiente saber que o evangelismo é responsabilidade de todos. Algo que é responsabilidade de todos freqüentemente é responsabilidade de ninguém.

¹Ibid., 35.

Sabendo que o evangelismo é responsabilidade de todos, a igreja precisa trabalhar no sentido de buscar uma liderança permanente, na forma de uma comissão padrão. Ela deve ser uma subcomissão da comissão de implantação e administração, formada por pessoas, departamentos ou ministérios especializados em evangelismo. Um programa vital de evangelismo precisa ter duas coisas essenciais: uma comissão de evangelismo e líderes consagrados que coordenem o programa. A comissão, incluindo o pastor, deverá trabalhar com o intento de catalisar a congregação para ser uma agência de evangelização.

Para isso, necessitará:

1. Criar um clima de evangelismo na igreja.
2. Aplicar o teste, recrutar, treinar e apoiar os trabalhadores em evangelismo.
3. Identificar e organizar atividades evangelizadoras.
4. Construir e conduzir um programa de discipulado.

Estas áreas serão cobertas em detalhes a seguir:

1. Criar um clima para evangelismo favorece a formação de uma idéia clara que pode definir aonde a igreja deseja ir e como chegar lá. Em muitas situações ao redor do mundo, onde o testemunho cristão tem sido reconhecido como efetivo, o povo de Deus tem colocado alguns pensamentos e oração dentro das metas específicas de trabalho. Onde pessoas têm a mesma visão e trabalham com o mesmo fim, e as energias da igreja são usadas apropriadamente, Deus está apto a responder com bênçãos.¹

2. Aplicar o teste, recrutar, treinar e apoiar os trabalhadores em evangelismo.

¹David Kornfield, *Church Renewal* (Grand Rapids: Baker, 1989), 152.

Como modelo e equipador da igreja, o pastor tem a responsabilidade de fazer do evangelismo uma prioridade. Uma das últimas palavras de Paulo a Timóteo foi uma exortação para ser um evangelista (2Tm 4:5). Às vezes, o pastor pode não ter o dom de evangelista, e as preocupações, que são normais na vida pastoral, podem levá-lo a negligenciar os membros que possuem esse dom.

3. Identificar e organizar atividades evangelizantes. Compartilhar experiências com a congregação dá oportunidade às pessoas de compartilharem histórias de fé resultantes do trabalho. O testemunho pode habilitar as pessoas a identificar seus compromissos, crescer na fé e apoiar-se uns nos outros. Entretanto, poucas pessoas conseguem falar de improviso. Por isso, é aconselhável avisá-las, antecipadamente, a fim de que possam se preparar e buscar ajuda, caso necessário. Um excelente ponto de partida é ter uma semana de reavivamento, na qual também se organizem as atividades evangelizantes.

4. Construir e conduzir um programa de discipulado. Recrutar trabalhadores para o evangelismo faz parte do plano de alcançar pessoas secularizadas. A comissão de evangelismo conduz o plano, provendo estrutura e suporte organizacional, sem perder de vista a diferença entre liderar, fazer e capacitar pessoas à tarefa.

Os programas devem ser desenvolvidos levando-se em consideração as funções de uma igreja. Estes devem ser meios para realizar a missão, mas não fins em si mesmos. Cada programa ou organização existe para alcançar um propósito específico ou porção de um ministério. E cada um, teoricamente, deve ser a mais efetiva estrutura para alcançar o propósito para o qual existe.

Treinando evangelistas

O pastor deve pensar em treinamento para evangelistas como responsabilidade que começa quando a pessoa concorda em fazer o trabalho. Isso representa dar ao novo trabalhador a oportunidade de conversar sobre a tarefa, descrição do trabalho e como ele planeja fazê-lo. É importante lembrar que o mais importante é decidir quais ferramentas utilizar para manter o trabalhador motivado e produtivo.

Há duas possibilidades de conduzir pessoas a Jesus. Elas podem ser comparadas com as duas maneiras de se certificar se um terno serve na pessoa que deseja comprá-lo. Suponha que alguém vê um terno que cativou os seus olhos em uma vitrine. Ele o experimenta e descobre que o único modelo disponível no estoque não é o seu número. O terno pode ter as medidas alteradas, ou a pessoa trabalha duramente para emagrecer a fim de poder usá-lo.

Um modo de evangelizar é assumir que o evangelho é uma série imutável de declarações, e que todas as pessoas devem aceitá-lo para ser salvas. Esse método, segundo McIntosh e Rusbuldt, funciona somente com um limitado número de pessoas. O outro método assume que o evangelho pode ser adaptado à realidade das pessoas, assim como o terno ao cliente. Não se deve confundir isso com abrir mão de princípios bíblicos no afã de facilitar a pregação do evangelho. O modo como as pessoas recebem e entendem o evangelho depende muito de como elas vivem. Seguindo os exemplos de Jesus e Paulo, os conceitos do evangelho são comunicados de modo melhor no vernáculo

da pessoa que está sendo evangelizada. Esse método alcança mais pessoas do que o outro.¹

Mittelberg declara que “a maioria das igrejas superestima grandemente a habilidade dos seus membros para evangelizar. Mas, de acordo com os especialistas em treinamento, a maioria das pessoas não tem habilidade natural para fazer este tipo de conexão”.² Portanto, o treinamento é uma clara e específica necessidade capaz de dar a eles habilidades para manusear oportunidades na área de evangelismo.

Apoiando o evangelismo

Os membros que se relacionam com pessoas de fora da igreja, incluindo aqueles que fazem visitas semanalmente, necessitam de um grupo de apoio com o qual possam compartilhar as alegrias e sofrimentos da evangelização. Haverá sofrimento quando o testemunho é respondido com rejeição. O grupo de apoio provê a possibilidade de se formar uma cadeia de oração. É sugerido que a comissão de evangelismo, juntamente com o pastor, organize e oriente esse grupo.

Algumas igrejas podem separar uma semana, durante todas as noites, para visitação. Essas visitas começam e terminam com orações na igreja. Deve haver um momento para dar testemunhos relativos às visitas, e devem ser impreterivelmente curtos e cativantes. Outro grupo de pessoas que, por algum motivo, não pôde participar nesse

¹McIntosh and Rusbult, 87.

²Mark Mittelberg, *Building Contagious Churches* (Grand Rapids: Zondervan, 2000), 158.

horário pode pegar os endereços com o pastor ou secretária da igreja e fazer as visitas de acordo com a sua conveniência.

Esses trabalhadores necessitam de uma reunião especial a cada mês. O pastor é a pessoa mais indicada para liderá-las. Elas devem começar com louvor e oração, e os pedidos devem ser apresentados em conexão com as experiências de evangelismo. Esses momentos não podem ser usados para brincadeiras ou fofocas. Confidências devem ser mantidas sigilosas; não devem ser nem mesmo insinuadas. Porém, os problemas podem ser compartilhados discretamente com a finalidade de se certificar se a maneira pela qual eles estão sendo tratados é correta. Isso tende a moldar a habilidade de todos e prolongar o entusiasmo.

Atividades evangelizadoras na comunidade

A oração é a mais efetiva e essencial atividade para evangelizar a comunidade. Ela tem um poder que nenhum programa pode ter. Evangelismo que não começa e termina com oração torna-se coercitivo e manipulador. É fácil ser tentado a abrir as portas, em relação a situações humanas, por si mesmo, mas, não se deve esquecer de que é somente Deus quem pode abri-las. Essas portas são encontradas por meio da oração. Uma testemunha cristã deve pedir a Deus que abra seus olhos às oportunidades ao redor e a ajude a encontrar oportunidades com imaginação e criatividade. Isso simboliza “adicionar trabalho às orações na busca das necessidades das pessoas”.

Algumas oportunidades são identificadas pela idade do grupo. Crianças necessitam de lugar e tempo para construir relacionamentos e aprender valores. Jovens

podem necessitar de um lugar para recreação onde possam ficar à vontade. Os solteiros necessitam de uma alternativa para os clubes seculares. Pais jovens procuram por ajuda na tarefa de educar os filhos. Adultos de meia-idade necessitam preencher o tempo dado às crianças. Idosos desejam saber que a vida não termina quando a sociedade diz que é hora de aposentar.

Experiências pessoais, comuns a todos, abrem as portas ao evangelho. Doenças, acidentes, fracassos nos negócios, divórcios, nascimentos, casamentos, promoções, aniversários e outras eventualidades são portas abertas para suprir as necessidades das pessoas. Algumas oportunidades surgem de tragédias e outras de alegrias. Um conselho sábio ou um convite a alguém pode abrir as portas da vida eterna. O evangelho é apto também a responder aos problemas de menor dimensão.

Cada passo ou iniciativa contribui com algo para formar o ministério à comunidade. Assim, a visão do todo se torna maior do que a experiência de uma única pessoa. Quando o programa se desenvolve, os participantes se tornam reais uns aos outros como povo sob a liderança do mesmo Deus, com muitas esperanças e aspirações em comum.¹

A seguir, uma lista com maneiras de descobrir pessoas com necessidades especiais. Ela pode incentivar os membros a engajar-se no ministério do evangelismo:

Clube da Bíblia, designado para crianças nos finais de semana.

Coral para crianças.

Programa de recreação para jovens.

¹Carl S. Dudley, *Community Ministry* (Bethesda, MD: Alban Institute, 1991), 60-61.

Programas de esporte à comunidade.

Fóruns sobre assuntos que afetam aos jovens.

Filmes cristãos.

Programas de músicas contemporâneas cristãs.

Programas para jovens adultos com ênfase na parte social e recreativa.

Grupos de discussão para assuntos de solteiros.

Treinamento para pais jovens.

Escola para ensinar a trabalhar em creches, asilos e casas de repouso.

Noites para pais solteiros (nesse período, providenciar pessoas para cuidar das crianças).

Grupo de profissionais ou homens/mulheres de negócios.

Treinamento para consertar carros em residências.

Trabalho voluntário em instituições.

Fazer reparos para pessoas que não podem fazê-los e nem mesmo pagar.

Providenciar transportes.

Programa social para idosos.

Visitação em casas ou instituições.

Fóruns sobre tópicos de interesse da comunidade.

Trabalhar no melhoramento da comunidade.

Barraca(s) na feira das nações ou agrícola com literatura da igreja.

Esta lista é sem fim. Muitas atividades podem ser incluídas. Os Desbravadores, os clubes de jovens e aventureiros podem contribuir grandemente nesses eventos. É de bom alvitre ter uma creche para cuidar dos filhos das famílias que estão estudando a Bíblia na igreja. Esta iniciativa pode ser um meio de falar do amor de Jesus enquanto a comunidade usa as dependências da igreja.

A igreja é mais do que uma agência de serviço social, e não usa o seu interesse pelas pessoas como armadilhas para pegá-las. Mas, se elas mostrarem interesse pela igreja, deve ser algo natural e não obrigatório e nem tampouco uma troca de favores.

Assimilando os frutos do evangelismo

Pré-evangelismo é a ação de construir pontes entre pessoas, e entre elas e Deus. A ação de seguir é chamada de pós-evangelismo ou, muitas vezes, pós-batismal.¹ Nesta parte do processo, os novos membros são instruídos, nutridos e guiados na realização das expectativas do evangelho, como unirem-se à igreja, estabelecerem hábitos de disciplina cristã e se tornarem envolvidos no trabalho do Reino.

Essa classe pode ter melhor resultado se for apresentada pelo pastor da igreja. O conteúdo pode variar de acordo com a realidade de cada congregação. Os seguintes temas podem ser básicos para a maioria delas:

A nova relação com Deus:

O significado de ser salvo.

Como crescer na nova vida.

¹McIntosh e Rusbuldt, 91.

A nova relação com a igreja.

História denominacional:

História, propósito e programa da congregação local.

Expectativa da igreja e o novo membro.

A nova relação com o mundo:

Sendo embaixador de Cristo entre as pessoas no contato diário.

Ajudando na missão da igreja ao mundo, orando, doando e fazendo.

O culto de recepção deve ser um ato de fé em vez de meramente tratar de um voto organizacional.¹ A recepção por parte da congregação deve ser um ponto alto na vida espiritual do novo membro. É a oportunidade de compartilhar com a congregação sua história de fé e compromisso para com Cristo e a igreja. Ele deve ser apto a compartilhar seu testemunho de maneira resumida. O foco em testemunhar deve estar no significado de Cristo para ele, e o que representa pertencer à igreja.

Após o testemunho, “mãos amigas” devem ser oferecidas por um “padrinho”, pessoa ou família, designado para acompanhá-lo por um período de um ano. O padrinho terá as seguintes responsabilidades:

1. Apresentar o novo membro à congregação no momento da sua recepção.

Permanecer ao lado dele na linha da recepção e apresentá-lo aos membros.

¹O culto de recepção deve ser realizado com o propósito de receber oficialmente o recém batizando como membro da igreja. Contudo, espera-se que ele já esteja assistindo regularmente a Escola Sabatina antes do batismo.

2. Convidá-lo a fazer parte de uma classe da Escola Sabatina e depois assegurar-se de que ele se uniu à devida classe.

3. Certificar-se de que o novo membro entendeu o programa e as normas da igreja.

4. Observar se ele tem todos os dados pessoais na ficha de cadastros da igreja.

5. Apresentá-lo aos outros membros da igreja durante um jantar ou lanche em sua casa (padrinho).

6. Tornar-se amigo. Notar quando ele está faltando ao serviço de adoração ou outras atividades e telefonar para saber o motivo.

7. Registrar qualquer necessidade do novo membro ao pastor.

Desde o momento da sua recepção, os líderes da congregação devem trabalhar incansavelmente em prol da integração do recém-batizado na vida e ministério da igreja.

Os três “Rs” da integração são:

1. Relacionamento: o novo membro necessita pertencer a um grupo.

2. Responsabilidade: cada membro deve ter parte específica na missão da igreja.

3. Renovação: uma parte da tarefa da igreja é fortalecer e revitalizar a fé dos seus membros.

Se os novos membros não experimentarem estas três coisas dentro de um ano, eles podem se tornar indivíduos com alto risco de saírem da igreja. Por causa disso, o processo de assimilação é tão importante na estrutura de planejamento da igreja. Metas

atualizadas, que vão envolvê-los no trabalho, são vitais para a preservação daqueles que foram tirados do mundo e levados para a verdadeira luz, Cristo Jesus.¹

A receptividade dos novos conversos por parte da congregação tem sido vista como um grande fator de contribuição para o crescimento da igreja. De acordo com George G. Hunter III, a atenção que o movimento de crescimento da igreja tem dado à receptividade das pessoas, em vários aspectos, “é a maior contribuição deste movimento para a evangelização do mundo nesta geração”.²

Serviço à comunidade

Outro fator significativo, abordado nas entrevistas com os presidentes dos campos da USB e necessário para o crescimento integral da igreja, é o serviço voltado à comunidade. Ele faz da igreja um sinal da presença e poder do Reino de Deus no mundo. Muito pode ser dito sobre isso, corroborado por várias passagens das Escrituras. Porém, uma curta passagem, em Filipenses 2, resume o papel e as prioridades da igreja. Paulo começa o capítulo falando sobre a transformação que ocorre quando diferentes pessoas se unem em um vínculo comum sob o senhorio de Jesus Cristo. Esse divino elo produz a unidade do corpo que é reconhecida pela mudança do interesse próprio para o dos outros (Versos 3-4).

Jesus expressou preocupação com a humanidade quando abriu mão de Seu *status* de glória e identificou-se com a raça humana. Ele fez isso em conformidade com a

¹McIntosh e Rusbuldt, 91-92.

²George G. Hunter III, *The Contagious Congregation: Frontiers in Evangelism and Church Growth* (Nashville: Abingdon, 1979), 104.

vontade de Deus, cujo poder O trouxe de volta à vida, sendo glorificado sobre todas as coisas (Versos 6-11). Finalmente, Paulo volta a se dirigir aos membros, persuadindo-os a ser novas pessoas no cuidado de uns para com os outros, na adoração e também no mundo. Todo o trabalho dos membros é, na realidade, trabalho de Deus para Sua própria glória. A igreja necessita trabalhar em unidade e santidade para que seja uma opção que o mundo queira escolher (Versos 12-16).

Paulo assume que o propósito de Deus é salvar o ser humano, e assim completar o Seu trabalho. Isso é feito quando o crente é transformado e então transforma o mundo. O cristão é salvo pela fé com o propósito de fazer o trabalho que Deus deseja que seja feito (Ef 2:8-10). A igreja deve ser um modelo de comunidade para o mundo.

Aproveitando as oportunidades

Múltiplos pontos de entrada fazem uma igreja mais acessível à comunidade: concertos especiais, celebrações de datas importantes; programas relacionados com as estações do ano, quando se pode fazer contato com a vizinhança através de flores e cartões com mensagens alusivas às estações; eventos filantrópicos e outros. O ponto é: quanto mais a igreja se tornar conhecida, mais pessoas vão considerar os convites para um evento especial ou adoração.

Portanto, as igrejas que procuram ter sucesso em alcançar a comunidade devem encontrar novas e criativas portas que permitam às pessoas tornarem-se parte da família de Cristo. Estas atividades parecem menos “ameaçadoras” do que os eventos da Escola Sabatina ou o Culto Divino.

O crescimento de uma congregação pode ser acentuado quando cuidadosamente é dada atenção à elaboração de um plano para alcançar a comunidade. É preciso lembrar que isso leva tempo para ser construído e vai necessitar adaptações periódicas. Quando uma congregação se move através de vários estágios, novos programas podem surgir com o propósito de superar novos desafios na luta para ganhar pessoas seculares a Cristo. Como povo de Deus, os crentes precisam penetrar na comunidade e fazer discípulos à maneira do fermento na massa.

Comissão de Serviço à comunidade

Sem levar em conta o tamanho da igreja, alguém (grupo) deve estar comprometido em dirigir as reuniões da congregação relacionadas com as necessidades da comunidade local. Em algumas igrejas, os diáconos ou a comissão de evangelismo é responsável por esta área; mas, freqüentemente, o serviço à comunidade é esquecido pelo fato de existirem outras tarefas mais importantes a fazer.

Deus tem uma tarefa para cada crente fazer no lugar onde vive e trabalha. Portanto, o serviço ao mundo deve ser visto como a igreja cumprindo a missão na sua própria comunidade, como também apoiando os outros que fazem. A comissão de serviço pode ser organizada no mesmo padrão da comissão de evangelismo. Sua tarefa vai ser ajudar a igreja a servir a Deus através de ações no mundo.

Envolvendo-se com a comunidade

A comissão necessita determinar as áreas que serão trabalhadas na comunidade. Enquanto isso, deve procurar pessoas que estejam aptas a melhor descrever essas

necessidades. A congregação pode ser mais facilmente motivada com necessidades específicas realizadas em curto espaço de tempo.

Será apropriado utilizar um final de semana para apresentar o programa à congregação e introduzir as necessidades da comunidade. Também é oportuno lançar o programa de atividades com um seminário que comece na sexta-feira à noite. O objetivo dessa reunião será motivar a congregação a responder com ações cristãs dentro da comunidade. O pastor pode apresentar uma pequena meditação, e um representante da comunidade pode então descrever o que eles estão realmente necessitando.

Convém reservar um ou mais domingos para analisar essas necessidades e permitir que os membros escolham as áreas em que lhes interessam atuar. É essencial prover uma grande variedade de atividades, como limpeza, construção, culinária e higiene. O sábado seguinte à tarde pode ser um bom momento para os trabalhadores relatarem as experiências que tiveram.

A igreja pode trabalhar nos programas da comunidade relacionados com algumas necessidades especiais. O serviço social da prefeitura, provavelmente, terá uma lista com nomes de crianças, jovens e idosos que precisam de cuidados especiais. É bem provável que alguns membros precisem receber treinamentos específicos a fim de desempenhar este trabalho.

Cada comunidade se depara com grandes desafios no decorrer do ano. A igreja necessita estar inteirada deles para que os membros não tenham dificuldades em responder à seguinte pergunta: “Se o chamado é para ser uma luz ao mundo, o que eu devo fazer e como executá-lo?”

Igreja aberta

A igreja aberta é um dos meios de se prestar serviços à comunidade, tornando-a mais envolvida com as pessoas através do seu programa educacional.¹ As escolas públicas e privadas recrutam e registram os estudantes. Por que não fazer isso com o programa educacional? As igrejas, que têm compromisso com o crescimento educacional dos membros, podem implantar a “igreja aberta”. Este é um momento de apresentar a oportunidade educacional da igreja para membros e não-membros. Aqui estão algumas sugestões:

1. Fixar data, mas ter em mente que o programa necessitará de tempo para ser preparado.
2. Recrutar e treinar aqueles que estão ativos e entusiasmados com “o programa educacional/igreja aberta”.
3. Ter em cada classe de atividades uma lista com nomes dos membros que querem participar.
4. Preparar brochuras, cartazes, faixas, folhetos e outros meios capazes de divulgar a programação.
5. Preparar uma lista com nomes de pessoas especiais que a igreja, líderes e membros gostariam que estivessem presentes na programação.
6. Um mês antes, começar a visitação às pessoas cujos nomes estão na lista, explicar o programa e convidá-las para o dia especial.

¹Programa educacional é a soma de todos os departamentos da igreja envolvidos em ensinar. Ele deve estar, naturalmente, no planejamento estratégico da igreja.

7. Uma semana antes, enviar uma carta a todos os que foram visitados, lembrando-os da data e hora do evento.

Sugere-se uma descrição atrativa e positiva do programa educacional, usando fotos, frases de efeito, “power point” e filmes, entre outros recursos. Algumas crianças, jovens e adultos participantes do programa educacional podem dar declarações sobre a eficácia do programa. Outrossim, o curso de formação de líderes dos desbravadores, aventureiros, jovens e professores pode também ser abordado.

Logo após as apresentações, os visitantes podem ser levados a conhecer pessoalmente os departamentos/ministérios envolvidos no programa educacional. Durante e após esse percurso, os professores e líderes devem se misturar aos convidados e ao mesmo tempo incentivá-los a fazer matrícula. Um evento assim pode ser uma ponte muito mais efetiva do que se espera em um mundo culturalmente e espiritualmente complexo.

Finalizando, após sugerir esta proposta de crescimento para a USB, é sensato dizer que o tamanho da estrutura organizacional necessária a cada igreja deve ser determinado por cada congregação local, dependendo do seu tamanho, necessidades e recursos. Em outras palavras, cada igreja é responsável por encontrar a melhor maneira de organizar e administrar o seu trabalho. As sugestões e opções descritas neste capítulo ajudarão o pastor a avaliar as possibilidades e, através de consulta aos líderes da igreja, escolher o arranjo mais apropriado.

A variedade e extensão da estrutura do programa dependerão de cada congregação. Não há uma organização-padrão: O princípio é ter “um ministério balanceado” agindo na vida congregacional, focalizado em adoração, proclamação,

educação, ministérios e relacionamentos. “Talvez uma das coisas mais difíceis para todos nós seja sair dos trilhos rotineiros e mapear caminhos novos. Já veio a hora, no entanto, de se dar total consideração ao nosso futuro curso de ação na missão da igreja.”¹ Para isso, é primordial ter, além da direção divina, um planejamento realmente estratégico.

¹Hesselgrave, 54.

CAPÍTULO V

SUMÁRIO, CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Sumário

O caminho à frente pode parecer muito desafiador neste momento. Mas os líderes da igreja devem freqüentemente lembrar ao povo que o crescimento é parte do trabalho de Deus. A promessa de Cristo deve ser continuamente mantida: “Assim será a palavra que sair da minha boca: Ela não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz, e prosperará naquilo para que a enviei” (Is 55:11). “Tendo, por certo isto mesmo, que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Cristo Jesus” (Fp 1:6). O fator positivo da presença e poder de Deus deve ser considerado em atitude de plena e total confiança.

Nenhum outro poder dentro da sociedade possui essa garantia. O ministério do Espírito Santo nos crentes não pode ser conectado simplesmente utilizando os computadores das famílias. O poder de Deus é parte da evidência de coisas não vistas, reconhecidas diariamente por pessoas atentas às coisas sobrenaturais. Este foi o segredo da admirável liderança de Moisés diante de um povo de incrível desigualdade e em face de pessoas que perderam o sonho tão rapidamente, tão facilmente (Hb 11:23-31).

A doutrina bíblica do sacerdócio universal de todos os crentes pode ser um fator

básico para mobilizar os membros da igreja e levá-los a permanecer envolvidos no ministério. Cada crente é um sacerdote com responsabilidades e privilégios. Todos os cristãos, juntos, constituem o corpo sacerdotal, cujo funcionamento é a expressão da vontade de Cristo em relação à tarefa de conduzir a missão da igreja.

Na realização da missão, a igreja é totalmente dependente do Espírito Santo. A dependência inclui os dons espirituais. O correto uso deles poderá trazer unidade aos crentes na congregação. A doutrina dos dons espirituais é importante para manter a missão da igreja viva, possibilitando o seu crescimento.

Uma congregação em crescimento se identifica e reflete o conceito do Novo Testamento que relaciona “a igreja como um organismo vivo”. Cristo é a Cabeça e a igreja o Seu corpo. Juntos, formam um corpo vivo e em crescimento. A igreja é ao mesmo tempo “testemunha e serve”. Ela é uma testemunha da presença de Deus, na realidade da vida nova em Jesus Cristo, e a esperança da nova criação. É também serve por outros e para outros.

Como parte integrante desta proposta, um plano estratégico é fundamental no processo de conduzir os membros em um ministério mais eficiente. Os pastores da USB precisam, para estabelecer o programa, assumir as funções de treinadores e planejadores estratégicos das igrejas. E, igualmente, no processo de planejamento, necessitam definir o conceito de missão e ministérios, produzindo um ambiente favorável para o crescimento.

Embora este programa apresente conceitos e diretrizes que podem ser aplicados em qualquer igreja na USB, os métodos utilizados para implementá-lo necessitam ser

adaptados às circunstâncias de cada igreja ou distrito. As sugestões apresentadas neste estudo levaram em conta as necessidades básicas das igrejas na USB.

Conclusões

Esta tese chegou às seguintes conclusões:

1. As doutrinas dos dons espirituais e do sacerdócio universal de todos os crentes necessitam ser entendidas. Um estudo cuidadoso delas trará renovação à igreja.
2. A mobilização dos leigos no trabalho deve ser baseada em ajudá-los a entender seu chamado para serem sacerdotes usando os dons espirituais.
3. A função do pastor é liberar o potencial dos dons e talentos, ajudando os membros a descobrir, desenvolver e usá-los eficientemente. Isso pode contribuir para o crescimento quantitativo e qualitativo da igreja.
4. Quando os membros são treinados levando-se em conta os dons que lhes foram dados pelo Espírito Santo, haverá a satisfação de uma experiência efetiva. A qualidade do ministério da igreja vai melhorar. Os membros experimentarão crescimento pessoal em Cristo, e Deus vai adicionar Suas bênçãos à congregação através de uma multidão de convertidos. A qualidade da igreja é presenteada com quantidade.
5. Um planejamento estratégico que inclua treinamento em escala permanente, descoberta dos dons e formação de líderes é valioso e de grande vantagem para o pastor e sua congregação.
6. Usar princípios bíblicos de crescimento pode ser um catalisador da igreja para haver um desenvolvimento congregacional.

Recomendações

Como resultado natural da pesquisa, são apresentadas algumas recomendações que podem melhorar o desenvolvimento saudável da igreja na USB e mesmo em todo o Brasil.

1. A União ou Associações devem oferecer um programa educacional efetivo e contínuo que vise a apoiar os pastores com material necessário para o aperfeiçoamento de suas habilidades em liderança e também fornecer recursos que os ajudem na formação de líderes para o crescimento integral da igreja.

2. Os dois seminários existentes no Brasil deveriam adicionar em suas grades curriculares alguns assuntos apresentados neste projeto, como liderança, habilidade administrativa, dons espirituais, planejamento estratégico e treinamento de líderes, objetivando o crescimento da igreja.

3. Os departamentos da União e Associações devem trabalhar em conjunto para suprir as necessidades dos pastores distritais, pois a principal responsabilidade deles é “equipar os santos” para o ministério.

4. Cada igreja, ou pelo menos o distrito, deveria ter um centro permanente de treinamento. Do mesmo modo, em relação às associações, suas sedes serviriam para o treinamento contínuo dos pastores em liderança, capacitação dos leigos e planejamento estratégico.

5. Associações e igrejas locais deveriam criar um orçamento anual com o propósito específico de ajudar os pastores a comprar materiais ou equipamentos que poderiam facilitar o trabalho de equipar e ensinar.

6. Este programa deve ser melhorado, adaptado e grandemente usado sempre que necessário em benefício tanto do pastor quanto da igreja local.

Essas condições são essenciais para o crescimento da igreja. Elas devem ser preservadas dentro deste projeto, com ampliação do trabalho a longo prazo para que a igreja alcance as metas pretendidas.

APÊNDICE

PERFIL DA IGREJA - QUESTIONÁRIO PARA O PASTOR E COOPERADORES

Ao preencher este questionário é importante responder a *todas* as perguntas, usando os espaços correspondentes ou fazendo um "x" na caixinha indicada. Se, em alguma das perguntas, nenhuma das opções propostas corresponde completamente à sua opinião, marque aquela que está *mais próxima*. Enquanto você responde, pense em sua igreja local da maneira como ela se apresenta *no momento*, da sua perspectiva.

© Editora Evangélica Esperança

Data:

1. Nome da igreja:

2. Endereço da igreja:

3. País:

4. Telefone:

5. Fax:

6. Seu nome (isto é, do pastor que está preenchendo este questionário):

7. Sua idade:

8. Seu sexo: ☐ masculino ☐ feminino

9. Sua formação:

☐ bacharel em teologia ☐ escola bíblica
☐ treinamento informal ☐ outro

10. Denominação a que pertence a igreja:

11. Número de membros da igreja:

12. Trata-se de uma igreja urbana ou rural?

☐ urbana ☐ rural ☐ outra

13. Desde quando você é pastor desta igreja?

14. A média de adultos que freqüentam todos os cultos que você dirige no transcurso de uma semana é de:

15. A média de crianças que freqüentam todos os cultos que você dirige no transcurso de uma semana é de:

16. A média de freqüentadores dos cultos nos últimos cinco anos foi de (sem contar as crianças):

Há um ano:

Há dois anos:

Há três anos:

Há quatro anos:

Há cinco anos:

17. Você organizou novas igrejas a partir da sua?

☐ sim ☐ não

18. Caso sim, quantas?

19. Sua igreja transferiu membros para estas novas igrejas nos últimos cinco anos?

☐ sim ☐ não

20. Caso sim, quando? (indique os anos)

21. Caso sim, quantos? (quantidades correspondentes aos anos indicados na pergunta 20)

22. Quantos cultos são realizados por semana em sua igreja?

23. Quantos grupos pequenos (familiares, de oração, de estudo bíblico) há em sua igreja?

¹Com esses 31 questionários (1 para o pastor e 30 para cooperadores) será possível levantar o perfil da igreja da mesma maneira como foi feito com as igrejas que participaram da pesquisa mundial do livro "O desenvolvimento natural da igreja", de Christian Schwarz. Eles podem ser adquiridos (em lotes de 31) em Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança.

A afirmação a seguir é...

	totalmente	muito	mais ou menos	pouco	nada	
24	0	1	2	3	4	Nossos cultos atraem pessoas afastadas da igreja.
25	0	1	2	3	4	Tenho um plano, formulado por escrito, para os próximos passos na edificação da igreja.
26	0	1	2	3	4	Para recém-convertidos nossa igreja tem programas específicos que os ajudam nos primeiros passos na fé.
27	0	1	2	3	4	Acho perigoso preocupar-se muito com "sentir-se bem" na igreja.
28	0	1	2	3	4	Eu concordaria em dizer que nossa igreja é "informal".
29	0	1	2	3	4	Dentro do meu tipo de personalidade, prefiro agir na inspiração do momento, sem muito planejamento.
30	0	1	2	3	4	Para mim é importante que a igreja de Jesus Cristo tenha relevância na sociedade.
31	0	1	2	3	4	Para nós é mais importante que alguém frequente um grupo familiar do que o culto.
32	0	1	2	3	4	Gosto de ler livros.
33	0	1	2	3	4	Tenho prazer no trabalho na igreja.
34	0	1	2	3	4	Os colaboradores em nossa igreja são treinados para suas tarefas.
35	0	1	2	3	4	Os líderes das áreas de ministério da nossa igreja encontram-se regularmente (pelo menos uma vez por mês) para trocarem ideias.
36	0	1	2	3	4	Os líderes dos grupos na igreja são treinados para suas tarefas.
37	0	1	2	3	4	Eu sei quais cristãos em nossa igreja têm o dom do evangelismo.
38	0	1	2	3	4	Tenho conhecimento dos problemas pessoais dos colaboradores mais próximos.
39	0	1	2	3	4	Para mim é importante que os jovens e os mais velhos na igreja tenham muitas atividades conjuntas.
40	0	1	2	3	4	A igreja de Jesus Cristo deve empenhar-se em combater a pobreza econômica.
41	0	1	2	3	4	Para mim é importante que uma igreja se engaje também em outras culturas.
42	0	1	2	3	4	Pessoalmente não gosto de estatísticas de igreja.
43	0	1	2	3	4	Faço questão que o maior número possível de membros da igreja participe das decisões na igreja.
44	0	1	2	3	4	Quando um colaborador assume uma tarefa, nós lhe damos uma descrição de atividades por escrito.
45	0	1	2	3	4	Não acho apropriado bater palmas no culto.
46	0	1	2	3	4	Em nossa igreja proporcionamos ocasiões para comunhão social antes ou depois do culto.

verdadeira:

A afirmação a seguir é...

	<i>totalmente</i>	<i>muito</i>	<i>mais ou menos</i>	<i>pouco</i>	<i>nada</i>	
47	0	1	2	3	4	Eu gostaria de ter mais tempo livre.
48	0	1	2	3	4	Não considero apropriado usar gíria na igreja.
49	0	1	2	3	4	Se uma pessoa nova vem aos nossos cultos, ele deve poder continuar anônimo, se desejar.
50	0	1	2	3	4	Eu acho que nós cristãos irradiamos pouca alegria.
51	0	1	2	3	4	Pessoalmente não gosto de reflexão e discussão sobre questões doutrinárias.
52	0	1	2	3	4	Sou mais intuitivo e espontâneo em minhas ações do que planejador.
53	0	1	2	3	4	Incomoda-me quando os membros da igreja ficam com pouco tempo para atividades fora da igreja.
54	0	1	2	3	4	Leio jornal quase todos os dias.
55	0	1	2	3	4	Eu estou convicto que Deus quer que nossa igreja cresça.
56	0	1	2	3	4	Troco ideias regularmente sobre o meu trabalho com um "colaborador a distância" (colega pastor, orientador de igrejas, etc.).
57	0	1	2	3	4	Cuidamos para que, a longo prazo, os colaboradores só assumam tarefas que correspondam aos seus dons.
58	0	1	2	3	4	Temos líderes para cada área de ministério da nossa igreja.
59	0	1	2	3	4	Nossa igreja reage com ceticismo a mudanças.
60	0	1	2	3	4	Em nossa igreja incentivamos conscientemente que os grupos familiares se multipliquem por divisão.
61	0	1	2	3	4	A liderança da igreja apoia os cristãos em suas iniciativas evangelísticas pessoais.
62	0	1	2	3	4	Para mim é importante expressar regularmente elogios para os colaboradores.
63	0	1	2	3	4	Incomoda-me que em meu âmbito de responsabilidade há pessoas que estão eternamente perdidas sem Cristo.
64	0	1	2	3	4	Eu sou uma pessoa que prefere fazer tudo sozinho.
65	0	1	2	3	4	A equipe de liderança da igreja (diretoria, conselho, presbitério etc.) apoia ativamente a evangelização e a edificação da igreja.
66	0	1	2	3	4	Os líderes dos grupos ou áreas de ministério na igreja têm sempre um "co-líder".
67	0	1	2	3	4	Damos valor a que recém-convertidos sejam incluídos em um ministério evangelístico.
68	0	1	2	3	4	Sinto o trabalho na igreja como um peso.
69	0	1	2	3	4	Cultivar o relacionamento com os membros da igreja para mim é mais importante do que ocupar-me com planejamento e organização.

verdadeira:

70. Quantos vínculos de amizade você tem com pessoas da sua igreja?

☐ 0 nenhuma	☐ 1 1-2
☐ 2 3-5	☐ 3 6-10
☐ 4 11-15	☐ 5 16-20
☐ 6 21-30	☐ 7 mais de 30

71. Quantos vínculos de amizade você tem com pessoas fora da sua igreja?

☐ 0 nenhuma	☐ 1 1-2
☐ 2 3-5	☐ 3 6-10
☐ 4 11-15	☐ 5 16-20
☐ 6 21-30	☐ 7 mais de 30

72. Quanto tempo lhe sobra para assuntos particulares durante um dia normal de trabalho?

☐ 0 menos de 15 min.	☐ 1 15-30 min.
☐ 2 30-60 min.	☐ 3 1-2 horas
☐ 4 2-4 horas	☐ 5 4-8 horas
☐ 6 mais de 8 horas	

73. Que palavras poderiam indicar o estilo musical da sua igreja? (Pode marcar mais de uma alternativa):

☐ 0 moderno	☐ 1 tradicional
☐ 2 com órgão	☐ 3 sem instrumentos
☐ 4 com bateria	☐ 5 cânticos de adoração
☐ 6 hinos com mensagem evangelística	
☐ 7 espontâneo	☐ 8 planejado

74. Foi anunciado de púlpito em sua igreja que número de frequentadores no culto (ou membros de igreja) deve ser atingido até certa data?

☐ 0 sim	☐ 1 não

75. Como você descreve seu estilo de liderança? (Pode indicar mais de uma alternativa):

☐ 0 autoritário	☐ 1 em equipe
☐ 2 democrático	☐ 3 voltado para tarefas
☐ 4 voltado para pessoas	☐ 5 voltado para alvos
☐ 6 de serviço	☐ 7 voltado para relacionamentos

76. Quais das palavras abaixo combinam com você? (Marque todas as palavras que, de alguma forma, se aplicam a você):

☐ 0 evangélico	☐ 1 fundamentalista
☐ 2 liberal	☐ 3 litúrgico
☐ 4 pentecostal	☐ 5 carismático
☐ 6 avivado	☐ 7 engajado politicamente

77. Quais dos dons abaixo você diria que tem?

☐ 0 liderança	☐ 1 fé
☐ 2 aconselhamento	☐ 3 organização
☐ 4 pastoreio	☐ 5 ensino
☐ 6 evangelização	

78. Que porcentagem dos frequentadores da igreja, na sua opinião, usam seus dons conscientemente na edificação da igreja?

☐ 0 menos de 10%	☐ 1 10-25%
☐ 2 25-40%	☐ 3 mais ou menos 50%
☐ 4 60-80%	☐ 5 mais de 80%

79. Que porcentagem dos frequentadores da igreja estão integrados em grupos familiares?

☐ 0 menos de 10%	☐ 1 10-25%
☐ 2 25-50%	☐ 3 50-75%
☐ 4 mais de 75%	

Ao responder as perguntas abaixo, você nos ajuda a chegar a mais algumas conclusões sobre os pontos fortes e fracos da nossa igreja. É importante responder *todas* as perguntas, fazendo um "x" em um dos quadrinhos indicados. Se, em alguma das perguntas, nenhuma das opções propostas corresponde completamente à sua opinião, marque aquela que está *mais próxima*. Enquanto você responde, pense em nossa igreja local da maneira como ela se apresenta *no momento*, da sua perspectiva.

Não ponha o seu nome no questionário; ele deve ser anônimo. Depois de respondê-lo, devolva-o à pessoa de quem você o recebeu.

Muito obrigado pela sua colaboração!

Sua igreja.

1. Quanto tempo você passa por semana com amigos da igreja – sem contar os programas da igreja?

☐ menos de 1 hora	☐ 1-2 horas
☐ 2-3 horas	☐ 3-5 horas
☐ mais de 5 horas	

2. Quantas vezes você foi convidado para um jantar, almoço ou lanche por outros membros da igreja (que não sejam parentes), nos últimos dois meses?

☐ nenhuma	☐ 1 vez
☐ 2-3 vezes	☐ 4-5 vezes
☐ mais de 5 vezes	

3. Quantas vezes você convidou outros membros da igreja (que não sejam parentes) para um jantar, almoço ou lanche, nos últimos dois meses?

☐ nenhuma	☐ 1 vez
☐ 2-3 vezes	☐ 4-5 vezes
☐ mais de 5 vezes	

4. Que porcentagem da sua renda bruta (ou mesada) você dá para fins cristãos?

☐ menos de 1%	☐ 1-4%
☐ mais ou menos 5%	☐ 6-9%
☐ 10%	☐ mais de 10%

5. Quantos vínculos de amizade você tem com outros membros da igreja?

☐ nenhuma	☐ 1-2
☐ 3-5	☐ 6-10
☐ 11-20	☐ 21-30
☐ mais de 30	

6. Qual é seu sexo?

☐ masculino	☐ feminino

7. Quantas horas por semana você investe em seu envolvimento na igreja (incluindo a frequência aos programas da igreja)?

☐ menos de 1 hora	☐ 1-2 horas
☐ 2-4 horas	☐ 4-6 horas
☐ 6-8 horas	☐ 8-12 horas
☐ 12-20 horas	☐ mais de 20 horas

8. Quantos vínculos de amizade você tem com pessoas que mantêm distância da igreja?

☐ nenhuma	☐ 1-2
☐ 3-5	☐ 6-10
☐ 11-20	☐ 21-30
☐ mais de 30	

9. Sua igreja já enviou um ou mais missionários para outras culturas?

☐ sim	☐ não

10. Há quanto tempo você já está envolvido em sua igreja?

☐ menos de 1 ano	☐ 1-2 anos
☐ 3-5 anos	☐ 6-10 anos
☐ 11-20 anos	☐ 21-30 anos
☐ mais de 30 anos	

A afirmação a seguir é...

	<i>totalmente</i>	<i>muito</i>	<i>mais ou menos</i>	<i>pouco</i>	<i>nada</i>	
11	0	1	2	3	4	Os líderes da nossa igreja (pastor, diretoria, outros líderes) irradiam um otimismo contagiante.
12	0	1	2	3	4	Eu conheço meus dons espirituais.
13	0	1	2	3	4	Eu sei que outros membros da igreja oram regularmente por mim.
14	0	1	2	3	4	Estou informado sobre os planos de crescimento espiritual da nossa igreja.
15	0	1	2	3	4	Ir ao culto é uma experiência inspiradora para mim.
16	0	1	2	3	4	Eu pertenço a um grupo na igreja onde posso compartilhar problemas pessoais.
17	0	1	2	3	4	Eu sei que nossa igreja tem programas dirigidos especialmente para pessoas que estão afastadas da igreja.
18	0	1	2	3	4	Tenho facilidade em compartilhar meus sentimentos com outros membros da igreja.
19	0	1	2	3	4	Eu acho que minha opinião é valorizada na igreja.
20	0	1	2	3	4	Eu gostaria de assumir mais responsabilidade na igreja.
21	0	1	2	3	4	Eu me entendo como uma pessoa feliz e satisfeita.
22	0	1	2	3	4	Os membros da equipe de liderança da igreja preferem eles mesmos fazer todo o trabalho, e não delegá-lo para outros.
23	0	1	2	3	4	Executo com alegria as tarefas que percebo na igreja.
24	0	1	2	3	4	Gosto de ler a Bíblia para mim mesmo.
25	0	1	2	3	4	Eu sei que alvos nossa igreja tem para os próximos anos.
26	0	1	2	3	4	Tenho prazer em ouvir a pregação no culto.
27	0	1	2	3	4	Tenho um grupo na igreja em que outros oram por mim e comigo, quando é necessário.
28	0	1	2	3	4	Novos crentes não demoram a fazer amizades em nossa igreja.
29	0	1	2	3	4	Em nossa igreja pode-se compartilhar sentimentos e problemas.
30	0	1	2	3	4	Nossa igreja pode ser chamada de "informal".
31	0	1	2	3	4	Eu procuro alimentar-me de modo saudável.
32	0	1	2	3	4	Os membros da equipe de liderança da igreja concentram-se cada um nas tarefas para as quais tem dom.
33	0	1	2	3	4	Sinto que tenho o apoio da minha igreja na execução da minha tarefa.
34	0	1	2	3	4	Eu tenho visto os efeitos transformadores da fé sobre as várias áreas da vida (p. ex. profissão, família, tempo livre, etc.).
35	0	1	2	3	4	Tenho a impressão de que as estruturas da nossa igreja antes atrapalham do que facilitam a vida da igreja.
36	0	1	2	3	4	Tenho experimentado que o culto me edifica.
37	0	1	2	3	4	Tenho um grupo na igreja em que conversamos sobre assuntos espirituais.

verdadeira:

A afirmação a seguir é...

	totalmente	muito	mais ou menos	pouco	nada	
38	0	1	2	3	4	Na minha opinião, muitas vezes falta imaginação para as atividades evangelísticas da nossa igreja.
39	0	1	2	3	4	Em nossa igreja rimos muito.
40	0	1	2	3	4	Tenho muitos motivos para me alegrar.
41	0	1	2	3	4	Nosso pastor se empenha para que outros líderes o completem nas áreas em que ele não é muito bem dotado.
42	0	1	2	3	4	Eu tenho experimentado que Deus usa a minha ajuda visivelmente para a edificação da igreja.
43	0	1	2	3	4	Estou empolgado com minha igreja.
44	0	1	2	3	4	As atividades da nossa igreja caracterizam-se por um planejamento e uma organização bem feitos.
45	0	1	2	3	4	Sinto que a pregação no culto fala à minha situação pessoal.
46	0	1	2	3	4	Tenho um grupo familiar na igreja no qual me sinto em casa.
47	0	1	2	3	4	Nos programas da nossa igreja, vamos ao encontro dos visitantes com simpatia e atenção.
48	0	1	2	3	4	É característico da atmosfera em nossa igreja que nos elogiamos com freqüência.
49	0	1	2	3	4	A liderança da nossa igreja prefere desviar-se dos conflitos.
50	0	1	2	3	4	As tarefas que assumo na igreja correspondem aos meus dons.
51	0	1	2	3	4	A Bíblia é a autoridade mais importante em minhas decisões cotidianas.
52	0	1	2	3	4	Várias vezes já experimentamos coisas novas em nossa igreja.
53	0	1	2	3	4	No grupo familiar a que pertenço na igreja, gastamos muito tempo com coisas que não levam a nada.
54	0	1	2	3	4	Em nossa igreja aproveita-se todas as oportunidades para um toque evangelístico.
55	0	1	2	3	4	Quando alguém faz algo bem feito em nossa igreja, faço questão de lhe dizer isto.
56	0	1	2	3	4	Nosso pastor está estressado.
57	0	1	2	3	4	Sinto que minha tarefa na igreja é um desafio bastante grande para mim.
58	0	1	2	3	4	Nosso pastor serve de modelo espiritual para mim.
59	0	1	2	3	4	Com freqüência tenho motivos para agradecer a Deus por sua atuação em minha vida.
60	0	1	2	3	4	Tenho condições de dizer como é a estrutura organizacional da nossa igreja.
61	0	1	2	3	4	A música em nossos cultos me ajuda a adorar a Deus.
62	0	1	2	3	4	As crianças são muito bem atendidas durante os nossos cultos.
63	0	1	2	3	4	Em meu grupo familiar temos confiança uns nos outros.
64	0	1	2	3	4	Gosto de levar aos programas da igreja os meus amigos (ou colegas ou parentes) que ainda não conhecem a Jesus.

verdadeira:

A afirmação a seguir é...

	<i>totalmente</i>	<i>muito</i>	<i>mais ou menos</i>	<i>pouco</i>	<i>nada</i>	
65	0	1	2	3	4	Se na igreja alguém tem uma opinião diferente da minha, prefiro ficar calado a pôr a paz em risco.
66	0	1	2	3	4	Nosso pastor dá a muitos membros da igreja a oportunidade de ajudar no programa do culto.
67	0	1	2	3	4	Eu sei o valor que minha tarefa tem no plano geral da igreja.
68	0	1	2	3	4	Estou convicto que Deus atuará com muito mais força em nossa igreja nos próximos anos.
69	0	1	2	3	4	Os colaboradores em nossa igreja recebem treinamento regular.
70	0	1	2	3	4	Volta e meio eu me sinto entediado no culto.
71	0	1	2	3	4	Em meu grupo familiar sinto-me à vontade, do jeito que eu gosto.
72	0	1	2	3	4	Oro por meus amigos, colegas e parentes que ainda não conhecem a Cristo, para que venham a crer.
73	0	1	2	3	4	Acompanho com atenção os acontecimentos mundiais, pelos meios de comunicação.
74	0	1	2	3	4	Nosso pastor parece sentir-se bem em nossa igreja.
75	0	1	2	3	4	Com frequência eu dou testemunho a outros cristãos das experiências que estou tendo com Deus.
76	0	1	2	3	4	Considero nossa igreja tradicional.
77	0	1	2	3	4	Não concordo com que se bata palmas nos cultos.
78	0	1	2	3	4	Em nossa igreja há um líder para cada área de atuação.
79	0	1	2	3	4	Para mim a "obrigação dominical" é o principal motivo de ir ao culto.
80	0	1	2	3	4	Nos grupos a que pertencço, os visitantes têm facilidade em integrar-se.
81	0	1	2	3	4	Tenho dificuldade para resumir em poucas palavras o que a fé significa para mim.
82	0	1	2	3	4	Nossa igreja faz alguma coisa para aliviar a fome no mundo.
83	0	1	2	3	4	A atmosfera em nossa igreja é caracterizada por um envolvimento entusiasmado.
84	0	1	2	3	4	Os momentos de oração são experiências inspirativas para mim.
85	0	1	2	3	4	Quando um membro da igreja entrou por um caminho errado (falha moral, passividade, etc.), os outros o corrigem com amor, mas também com determinação.
86	0	1	2	3	4	Apesar do meu envolvimento na igreja, tenho tempo para lazer.
87	0	1	2	3	4	Tenho prazer em trazer para o culto pessoas que se mantêm à distância da igreja.
88	0	1	2	3	4	É objetivo declarado dos nossos grupos familiares, multiplicar-se por divisão em células.
89	0	1	2	3	4	Considero útil para as minhas necessidades pessoais o que minha igreja oferece.
90	0	1	2	3	4	Em nossos cultos vê-se caras novas apenas esporadicamente.
91	0	1	2	3	4	Esforço-me em aprofundar meus relacionamentos com pessoas que ainda não conhecem a Cristo.

verdadeira:

BIBLIOGRAFIA

- Anderson, Leith. *Leadership That Works*. Minneapolis: Bethany, 1999.
- Banks, Robert. *Paul's Idea of Community*. Peabody, MA: Hendrikson, 1995.
- Barna, George. *The Habits of Highly Effective Churches*. Ventura, CA: Regal, 1999.
- Batson, Howard K. *Common Sense: Church Growth*. Macon, GA: Smyth & Helwys, 1999.
- Belew, Wendell M. *Churches and How They Grow*. Nashville: Broadman, 1971.
- Burrill, Russel. *The Life and Mission of the Local Church*. Fallbrook, CA: Hart, 1998.
- _____. *Revolution in the Church*. Fallbrook, CA: Hart, 1993.
- Campanhã, Josué. *Planejamento Estratégico*. São Paulo: Vida, 1999.
- Cho, Paul Y. *More Than Numbers*. Waco: Word, 1984.
- _____. *Prayer: Key to Revival*. Waco: Word, 1984.
- Come, Arnold B. *Agents of Reconciliation*. Philadelphia: Westminster, 1960.
- Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo dia. "Relatório anual - DSA." Brasília, 2002.
- Douglas, Klaus. *Celebrando o amor de Deus*. Curitiba: Esperança, 2000.
- Drucker, Peter F. *Administração de organizações sem fins lucrativos*. São Paulo: Pioneira, 1994.
- Dudley, Carl S. *Community Ministry*. Bethesda, MD: Alban Institute, 1991.
- Easum, William M. *The Church Growth Handbook*. Nashville: Abingdon, 1990.

- Ellul, Jacques. *The Presence of the Kingdom*. New York: Seabury, 1948.
- Erickson, Theodore H. *Consultation on the Small Church*. Lancaster, PA: Lancaster Theological Seminary, 1977.
- Fischmann, Adalberto, e Martinho Isnard Ribeiro. *Planejamento estratégico na prática*. São Paulo: Atlas, 1995.
- Foster, Richard J. *Celebration of Discipline*. San Francisco: Harper & Row, 1978.
- Galloway, Dale E. *20 / 20 Vision: How to Create a Successful Church*. Portland, OR: Scot, 1986.
- Gangel, Kenneth O. *Feeding and Leading*. Grand Rapids: Baker, 1989.
- Green, Michael. *Evangelism in the Early Church*. London: Hodder and Stoughton, 1970.
- _____. *I Believe in the Holy Spirit*. Grand Rapids: Eerdmans, 1975.
- Greenway, Roger S. *Guidelines for Urban Church Planting*. Grand Rapids: Baker, 1976.
- Hesselgrave, David J. *Plantar igrejas*. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- Hiebert, Paul G. *Cultural Anthropology*. Philadelphia: J. B. Lippincott, 1979.
- Hodges, Randy T. *A Call to Worship*. Kansas City: Beacon Hill, 1996.
- Hogue, C. B. *I Want My Church to Grow*. Nashville: Broadman, 1977.
- Hunter III, George G. *The Contagious Congregation: Frontiers in Evangelism and Church Growth*. Nashville: Abingdon, 1979.
- Hunter, Kent R. *Foundations for Church Growth*. New Haven: Leader, 1983.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. "Censo demográfico 2000." Brasília, 2000.
- _____. *Moving the Church into Action*. St. Louis: Concordia, 1989.
- Kornfield, David. *Church Renewal*. Grand Rapids: Baker, 1989.

- Londis, James, e Geoffrey Garne. *Perdoados: Lição da Escola Sabatina*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.
- McDonough, Reginaldo M. *Growing Ministers, Growing Churches*. Nashville: Convention, 1980.
- McGavran, Donald. *Church Growth and Christian Mission*. New York: Harper & Row, 1965.
- _____. *Compreendendo o crescimento da igreja*. São Paulo: Sepal, 2001.
- _____. *Understanding Church Growth*. Grand Rapids: Eerdmans, 1970.
- McIntosh, Duncan, Richard E. Rusbuldt. *Planning Growth in Your Church*. Valley Forge, PA: Judson, 1983.
- Miranda, Juan Carlos. *Manual de crescimento da igreja*. São Paulo: Vida Nova, 1989.
- Mittelberg, Mark. *Building Contagious Churches*. Grand Rapids: Zondervan, 2000.
- Moeller, Pamela A. *Exploring Worship Anew: Dreams and Visions*. St. Louis: Chalice, 1998.
- Morin, Richard. "We Ain't Got a Barrel of Money." *Washington Post Weekly*, December 12, 1994; 6, 37.
- Nogueira, Paulo. "Equipping Laity for Ministry in Multi-Church Districts in Brazil." D. Min. dissertation, Andrews University, 1999.
- Oliveira Jr., Nelson Fernando de. "An Integration of Quality Assurance and Existing Worship Components: A Model to Improve Worship in the Small Seventh-day Adventist Church." D. Min. dissertation, Andrews University, 2002.
- Peters, George W. *A Theology of Church Growth*. Grand Rapids: Zondervan, 1981.
- Powers, Bruce P., ed. *Church Administration Handbook*. Nashville: Broadman & Holman, 1996.
- Rauff, Edward A. *Why People Join the Church*. New York: Pilgrim, 1979.
- Robinson, Darrell W. *Total Church Life: How to Be a First Century Church in a 21st Century World*. Nashville: Broadman & Holman, 1997.

- Schwarz, Christian A. *Aprendendo a amar*. Curitiba: Esperança, 1997.
- _____. *O desenvolvimento natural da igreja*. Curitiba: Esperança, 1996.
- _____. *O teste dos dons*. Curitiba: Esperança, 1997.
- Stedman, Ray C. *Body Life*. Glendale, CA: Regal, 1972.
- União Sul-Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo dia. "Relatório anual - USB." Curitiba, 2002.
- Wade, Larry. *Local Church Administration*. Portland, OR: Bible, 1978.
- Wagner, Peter C. *Plantar igrejas para a grande colheita*. São Paulo: Abba, 1993.
- _____. *Your Church Can Grow*. Ventura: Regal, 1976.
- Warren, Rick. *The Purpose Driven Church*. Grand Rapids: Zondervan, 1995.
- Werning, Waldo J. *Vision and Strategy for Church Growth*. Grand Rapids: Baker, 1983.
- White, Ellen G. *Atos dos apóstolos* [CD-Rom]. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- _____. *Caminho a Cristo* [CD-Rom]. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- _____. *Conselho sobre educação* [CD-Rom]. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- _____. *Conselho sobre saúde* [CD-Rom]. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- _____. *O cuidado de Deus*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995.
- _____. *O Desejado de todas as nações* [CD-Rom]. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- _____. *Evangelismo* [CD-Rom]. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- _____. *Exaltai-o*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1992.
- _____. *A fé pela qual eu vivo*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1959.

- White, Ellen G. *Filhos e filhas de Deus*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1956.
- _____. *Fundamentos da educação cristã* [CD-Rom]. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- _____. *Nossa alta vocação*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1962.
- _____. *Obreiros Evangélicos* [CD-Rom]. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- _____. *Orientação da Criança* [CD-Rom]. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- _____. *Para conhecê-lo*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1965.
- _____. *Parábolas de Jesus* [CD-Rom]. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- _____. *Profetas e reis* [CD-Rom]. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- _____. *Testimonies for the Church*. 9 vols. Mountain View, CA: Pacific Press, 1946.
- Wiebe, Michael. *Small Groups: Getting Them Started and Keeping Them Going*. Downers Grove: InterVarsity, 1976.
- Zunkel, C. Wayne. *Strategies for Growing Your Church*. Elgin, IL: David C. Cook, 1986.

CURRICULUM VITAE

NOME: José Santos Filho

DATA DE NASCIMENTO: 10 de outubro de 1964

LOCAL DE NASCIMENTO: Janiópolis, Paraná, Brasil

ESPOSA: Solange Ramos de Oliveira Santos

FILHA: Lindsey de Oliveira Santos

CREDENCIAL: Ordenado como ministro pela Missão Costa Norte da Igreja Adventista do Sétimo dia, em dezembro de 1995

EDUCAÇÃO:

1991 Bacharel em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (IAE - IAENE), Brasil

1999 Mestrado em Divindade (equivalência), Andrews University, MI
EUA

2004 Doutorado em Ministério, Andrews University, MI, EUA

SERVIÇO DENOMINACIONAL:

1992-1993 Capelão em Curitiba, PR, e Fortaleza, CE, Brasil

1993-1996 Pastor distrital em Aerolândia, Fortaleza, CE, Brasil

1997 Pastor distrital no Jockey Club, Fortaleza, CE, Brasil